

**FACULDADE NOVOS HORIZONTES**

Programa de Pós-graduação em Administração  
Mestrado

**A CONFIGURAÇÃO DA IDENTIDADE DE MULHERES QUE  
MIGRARAM PARA BELO HORIZONTE EM FUNÇÃO DO TRABALHO  
DO CÔNJUGE**

Sirlene Aparecida Carvalho Bezerra

**Belo Horizonte  
2011**

**Sirlene Aparecida Carvalho Bezerra**

**A CONFIGURAÇÃO DA IDENTIDADE DE MULHERES QUE  
MIGRARAM PARA BELO HORIZONTE EM FUNÇÃO DO TRABALHO  
DO CÔNJUGE**

Dissertação apresentada ao programa de mestrado da Faculdade Novos Horizontes como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Administração.

Orientadora: Adriane Vieira.

Linha de pesquisa: Relações de Poder e Dinâmica das Organizações.

Área de concentração: Organização e Estratégia.

Belo Horizonte  
2011

B574c Bezerra, Sirlene Aparecida Carvalho  
A configuração da identidade de mulheres que migraram  
para Belo Horizonte em função do trabalho do cônjuge. – Belo  
Horizonte: FNH, 2011.  
128 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Adriane Vieira  
Dissertação (mestrado) – Faculdade Novos Horizontes,  
Programa de Pós-graduação em Administração

1. Mulheres no trabalho. 2. Identidade - Mulheres. 3.  
Trabalho. 4. gênero. I. Vieira, Adriane. II. Faculdade Novos  
Horizontes, Programa de Pós-graduação em  
Administração. III. Título

CDD: 305.4



Faculdade Novos Horizontes  
Mestrado Acadêmico em Administração

**MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO  
DA FACULDADE NOVOS HORIZONTES**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Organização e Estratégia

MESTRANDO(A): **SIRLENE APARECIDA CARVALHO BEZERRA**

Matrícula: 770287

LINHA DE PESQUISA: Relações de Poder e Dinâmica das Organizações

ORIENTADOR(A): Profª Drª Adriane Vieira

**TÍTULO: A CONFIGURAÇÃO DA IDENTIDADE DE MULHERES QUE MIGRARAM  
PARA BELO HORIZONTE EM FUNÇÃO DO TRABALHO DO CÔNJUGE..**

DATA: 14/02/2011

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Adriane Vieira  
ORIENTADORA  
Faculdade Novos Horizontes

Prof. Dr. Juvencio Braga de Lima  
Faculdade Novos Horizontes

Profª Drª Simone Costa Nunes  
PUC MINAS

Dedico este trabalho a minha mãe, ao meu pai, aos meus irmãos, e especialmente ao meu marido, Cristiano.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que, diretamente ou indiretamente, contribuíram para a elaboração desta pesquisa, em especial:

- às mulheres que participaram desta pesquisa, pois, sem elas, não seria possível concretizar este trabalho. Muito Obrigada a todas!!!
- a minha orientadora, Adriane Vieira, pelo apoio e pelos ensinamentos ao longo da minha jornada acadêmica;
- a minha família, aos meus amigos e ao meu marido pelo apoio e por compreenderem a minha ausência em alguns momentos;
- a todos os meus colegas de mestrado, em especial a Sany, Karla, Reinaldo Cabral e Alexandre Peixoto que se tornaram grandes amigos;
- aos meus amigos bolsistas, Elisson, Érica e Leandro, pela amizade e pela oportunidade de crescimento;
- ao professor Diogo, por me incentivar a fazer o mestrado;
- à professora Maria Ester de Freitas, pelos trabalhos que disponibilizou via *e-mail*;
- à professora Marlene Catarina e à professora Kely Paiva, pelas contribuições durante o Exame de qualificação;
- ao pessoal da secretaria, Adélia, Edna e Wânia, pelas orientações;
- a todos os professores do mestrado da FNH que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste trabalho;
- ao professor Marco Aurélio Ramos, pelo apoio durante a vivência docente;
- a FAPEMIG, pelo apoio concedido.

Obrigada a todos!!!

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar como se configura a identidade de mulheres que migraram para Belo Horizonte em função do trabalho do cônjuge. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e o método utilizado foi o estudo de caso. Foram entrevistadas quatro mulheres que, em um dado momento, optaram por mudar de cidade em função do cônjuge, que trabalhava em uma empresa multinacional. As mulheres foram escolhidas pelo critério de acessibilidade (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNADJER, 2001). Para a coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada que, em seguida, foi analisada pela técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Em síntese, pode-se observar que a principal motivação das mulheres renunciar à sua carreira foi a oportunidade para a carreira dos cônjuges e a questão salarial também foi apontada. Notou-se que a renúncia à carreira ocorreu em todos os casos e ao renunciarem às suas carreiras, essas mulheres tiveram as suas identidades afetadas. Verificou-se que o rompimento com a área de atuação profissional tem sido uma situação difícil de enfrentar. Mas, constatou-se a vontade e o esforço empregado por elas em retomar a vida profissional. Apenas uma mulher demonstrou pouco interesse em retomar a sua carreira e manifestou o desejo de ser dona de casa. Verificou-se que, nos primeiros meses, as mulheres se dedicam às questões do lar e da família e, só depois, a vida profissional passa a ser cogitada. Observou-se também que as mulheres não receberam nenhum tipo de apoio formal da empresa em que os cônjuges trabalham. Em relação a mobilidade, nacional ou internacional, os dados apontam que a esposa pode influenciar de forma negativa ou positiva nesse processo. Dentre os elementos que dificultam a configuração da identidade das mulheres desta pesquisa, destaca-se o distanciamento da família de origem e o deslocamento, ou seja, a sensação de não se sentirem inseridas no novo ambiente. Percebeu-se também que as amizades são fatores que facilitam a configuração da identidade. Dentre as estratégias de enfrentamento utilizadas pelas mulheres destaca-se o choro, a racionalização, a conversa, e outras atividades como: passear, fazer cursos e comer. Por fim, foi possível identificar que as mulheres encontram-se em processo de reconfiguração identitária e, algumas, enfrentam uma crise de identidade.

**Palavras-chave:** identidade pessoal. Mulheres. Mobilidade nacional. Renúncia à carreira.

## ABSTRACT

In this study it was analyzed the effect of the process of migration to the city of Belo Horizonte on the identities of women that have moved because of their spouses' work. It is a qualitative research that employed the case study as the method of analysis. Four women who opted in to move to another city as an outcome of their spouses' opportunity to work for a multinational in a given moment of their lives were interviewed. These women were selected based on the accessibility criterion (ALVES-MAZZOTTI E GEWANDSZNADJER, 2001). For the data acquisition, it was used semi-structured interviews that were analyzed using the Content Analysis Technique (BARDIN, 1977). It can be noted that the major motivation that led the wives to renunciate their careers was the opportunity for their respective spouses' careers and also the financial benefits attached to the offers. The renunciation to the career happened in all cases studied and, as a consequence, these women had their identities affected. It was verified that it is being difficult for these women to handle the rupture with their profession's working field. However, it was observed the good will and effort employed by some of them to take back their professional life. Just one woman demonstrated no interest in getting back to her career manifesting, instead, the willing to become a housewife. It was verified that, during the first months, the wives dedicated their full time to their home and family postponing the decision about their professional lives. It was verified that none of them received any kind of formal support from their spouses' employer. The data points out that the wife can influence positively or negatively the worker's mobility. Among the elements that cause difficulties to these women's identities' configuration, one that stands out is the distancing from their relatives and the displacement that causes the feeling that they are being inserted in a new environment. It is perceivable that friendship works to facilitate the identities' configuration. Among the defense strategies used by these women it can be highlighted crying, rationalization, dialog, and other activities such as going outdoors, make courses and eating. Finally, it was possible to observe that these women are in a process of identity reconfiguration and, in some cases, have an identity crisis.

**Keywords:** Identity. Women. National Mobility. Career Renunciation.



## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Objetivos.....	14
1.1.1 Objetivo geral.....	14
1.1.2 Objetivos específicos.....	14
1.2 Justificativa.....	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1 A questão da identidade.....	17
2.1.1 A construção social da identidade.....	20
2.2 A questão de gênero.....	27
2.2.1 Trabalho e família.....	30
2.3 Globalização e interculturalidade.....	33
2.3.1 Expatriação.....	37
2.3.2 Mobilidade como novo valor organizacional e social.....	40
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	45
3.1 A abordagem qualitativa.....	45
3.2 O método de estudo de caso.....	46
3.3 Unidade de análise e sujeitos da pesquisa.....	47
3.4 Técnicas de coleta de dados.....	48
3.5 Técnicas de análise de dados.....	49
4 AS HISTÓRIAS DAS MULHERES.....	51
4.1 A Laura.....	51
4.2 A Lavínia.....	58
4.3 A Luiza.....	65
4.4 A Luana.....	71
5 OS TEMAS EM DESTAQUE.....	79
5.1 “daí, por amor, você acaba abrindo mão de novo [...]”.....	79
5.2 “foi uma das piores mudanças [...] que eu achei que eu ia continuar [...]”.....	84
5.3 “estava tudo tão lindo e foi tudo desmoronando”.....	89

5.3.1 “se as esposas estão bem, isso influencia na produtividade dos maridos” .....	93
5.3.2 “eu não quero ir para o exterior, não vou para o exterior, não vou.” .....	95
5.4 “eu sou louca, perdida [...] mas também, estou buscando me encontrar” .....	98
5.4.1 “Deixar para trás essas raízes que foi mais difícil” .....	101
5.4.2 “parecia que eu estava passando férias e que um dia eu ia voltar para lá ” .....	103
5.4.3 “ter amizade ajudou muito e foi ficando mais leve” .....	104
5.5 “eu chorava muito, chorava...” .....	107
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS.....	119
APÊNDICE A.....	127

## 1 INTRODUÇÃO

A intensificação do processo de globalização observada nos últimos anos tem provocado profundas mudanças não apenas no ambiente organizacional, mas em toda a sociedade. Avanços tecnológicos, sobretudo, nos meios de comunicação e de transporte, têm influenciado o comportamento das pessoas em todas as esferas da vida social e organizacional. Além disso, a rapidez com que as informações ultrapassam as fronteiras por meio da *internet*, dos satélites, das mensagens instantâneas, entre outros, revelam novos desafios para os indivíduos, ou seja, é preciso ter a capacidade de se adaptar às mudanças que ocorrem constantemente. Observa-se também que, no mundo globalizado, conforme aponta Bauman (1999), a noção de tempo e de distância modificou-se e a movimentação de pessoas ao redor do mundo é cada vez mais constante e valorizada pela sociedade (FREITAS, 2005, 2006).

No atual contexto, em que as fronteiras geográficas praticamente desapareceram, nota-se também a movimentação de empresas que se estabelecem em diversas partes do mundo (CERDIN, 2002). A possibilidade de instalação de empresas nos mais diversos territórios que oferecem inúmeros atrativos como incentivos fiscais, custo de mão de obra e outros aspectos que despertam o interesse das organizações, intensificou-se principalmente em razão da abertura dos mercados, ocorrida a partir da década de 1980, e da crescente onda de fusões, aquisições, *joint ventures*, privatizações, etc., que vêm ocorrendo desde a década de 1990 (FREITAS, 2000a, 2000b, 2005).

Em função da globalização dos negócios, verifica-se o surgimento de uma espécie de nomadismo organizacional (FREITAS, 2005) ou mobilidade organizacional (FREITAS, 2006b, 2008, 2009), quer dizer, as empresas mudam de um lugar para outro em busca de vantagem competitiva. Na Europa, conforme Freitas (2009), esse fenômeno é denominado *delocalisation*. Nesse ponto, vale ressaltar que, em virtude dessa nova configuração do ambiente organizacional, onde o mundo é o lugar das empresas, surge a necessidade de profissionais capazes de se adaptarem às novas demandas organizacionais. Eles são os chamados profissionais “sem fronteiras”,

que têm o mundo como seu local de trabalho (FREITAS, 2005, 2006b, 2008, 2009). Dessa forma, os trabalhadores já não têm mais a certeza em relação à localização geográfica do seu ambiente de trabalho, que hoje pode ser no Brasil e amanhã em qualquer outro lugar do globo terrestre. Se há tempos esse fenômeno era restrito a algumas profissões como diplomatas e militares, percebe-se que, atualmente, ele vem ocorrendo nas diversas categorias profissionais (FREITAS, 2005, 2006b, 2008, 2009) inclusive cientistas e acadêmicos (FREITAS, 2010).

Uma pesquisa realizada em 2007 pela *Catho Online* em São Paulo aponta que 25% dos profissionais entrevistados já aceitaram mudar de cidade por causa do trabalho. Assim, com a concorrência cada vez mais acirrada, os profissionais devem estar atentos, afinal, boas oportunidades podem surgir em outras cidades e até mesmo em outros estados (MACEDO, 2007). A pesquisa revela ainda que, com a escassez de mão de obra qualificada, as empresas buscam profissionais qualificados em diversas regiões e em diversos países, fazendo com que o processo migratório se intensifique. Com o intuito de entender o novo contexto organizacional no qual as empresas buscam equipes multiculturais e com grande facilidade de adaptação, surge o interesse por pesquisas interculturais que datam da década de 1980 e vêm no rastro do interesse despertado pelas pesquisas sobre cultura organizacional (FREITAS, 2000a, 2000b).

A maior diversidade de estudos dessa área encontra-se nos centros de pesquisa europeus, apoiados em duas correntes – *cross-cultural* e a *intercultural* – e se encontram ainda em fase embrionária no Brasil (FREITAS, 2005, 2006b, 2008, 2009). Entre os pioneiros da corrente *cross-cultural*, estão os estudos sobre inovação e aprendizagem (FLEURY; FLEURY, 1997). Neste trabalho, realizou-se um estudo comparativo dos setores automobilístico e de telecomunicações em três países, Japão, Coréia e Brasil. Ainda segundo os autores, as trajetórias de aprendizagem e capacitação no Japão e na Coréia são um processo contínuo, impulsionadas pela necessidade de se tornarem competitivas no mercado internacional e pela escassez de recursos materiais que fizeram com que esses países investissem na capacitação de seus recursos humanos. Já o Brasil apresenta uma perspectiva diferente, pois, com a abertura dos mercados, as empresas locais tiveram dificuldade de se manterem no mercado e não tiveram a oportunidade de

organizar os processos de aprendizagem adequadamente.

Na corrente intercultural, estão os estudos sobre expatriação profissional (FREITAS, 2000a, 2000b, 2005, 2006a, 2010). Foram encontrados outros trabalhos relacionados ao tema, dentre eles, podem-se destacar a gestão intercultural (FISCHER *et al*, 2009), a repatriação (LIMA, 2009), a percepção de esposas e filhas no processo de expatriação (DOMINGUES; BUENO, 2006), a experiência do cônjuge acompanhante durante a expatriação (BORBA, 2008; SOUZA, 2009), e a expatriação (FONSECA; MEDEIROS; CLETO, 2000; MACHADO; HERNANDES, 2004; PEREIRA; PIMENTEL; KATO, 2005; HOMEM; DELLAGNELO, 2006; LESSA, 2008; MACHADO; STREHLAU, 2008; HOMEM; TOLFO, 2008; BUENO; DOMINGUES, 2008, BUENO, 2010). Nos trabalhos realizados por Freitas (2005, 2006b, 2008, 2009), percebe-se que há uma tentativa de teorizar a mobilidade como um novo valor organizacional.

Para compor equipes com as habilidades e competências demandadas pelo mercado cada vez mais competitivo, as empresas utilizam várias estratégias. Uma delas é a expatriação, processo em que profissionais qualificados (engenheiros, gestores, técnicos) são transferidos para a filial da empresa em outro país, por um prazo de três a cinco anos (CERDIN, 2002). Nesse sentido, Cerdin (2002) expõe que as empresas vêm substituindo a palavra “expatriação”, por conter a palavra pátria em sua constituição e remeter a questões nacionalistas, pelo termo “mobilidade”, de conotação mais neutra. Sobre mobilidade, Cerdin (2002) aponta que consiste na mudança de uma situação para outra. Ainda de acordo com o autor, há dois tipos de mobilidade geográfica: a mobilidade nacional, em que o indivíduo muda de cidade ou de região dentro de um mesmo país, e a mobilidade internacional, em que o indivíduo muda de país. Freitas (2005, 2006b, 2008, 2009) ressalta a necessidade de a mobilidade ser vista de maneira mais ampla, incluindo-se os fatores cognitivos e psicológicos. Em outras palavras, deve-se unir a aprendizagem intercultural à predisposição natural do indivíduo para o desafio, a aventura, o respeito pelo outro, a atração pelo estrangeiro, por ser tolerante, por ter capacidade de se adaptar à ambiguidade e à incerteza (FREITAS, 2009).

Nesse cenário, em que o trabalho se torna “sem fronteiras” e a mobilidade se

constitui como um valor para as organizações (FREITAS, 2005, 2006a, 2006b, 2008, 2009), observa-se que não é apenas a vida profissional dos trabalhadores que é afetada, mas também sua vida pessoal e de toda a sua família. Mas será que a mobilidade, apontada nos trabalhos de Freitas (2005, 2006b, 2008, 2009) como um novo valor organizacional, é um valor que as empresas desejam apenas em seus funcionários? Ou será que a mobilidade é um valor que se estende também à família, sobretudo à esposa e aos filhos? Estudos mostram a influência da esposa nos processos de expatriação e apontam que a adaptação do funcionário ao novo ambiente organizacional depende, em parte, da adaptação da família, pois, se a família não estiver bem, certamente o funcionário também não estará (FREITAS, 2000a, 2000b; 2005, CERDIN, 2002).

Segundo o *Global Relocation Trends Survey Report* (2009), a insatisfação do cônjuge/parceiro (56%), a dificuldade de adaptação (48%) e outras preocupações familiares (43%) são os principais motivos do fracasso de uma atribuição internacional<sup>1</sup>. Em um estudo realizado com expatriados brasileiros na França, Freitas (2005) aborda a percepção do cônjuge no processo de adaptação da família. Nessa pesquisa, os resultados demonstram que, nos primeiros meses, o cônjuge preocupa-se apenas com o parceiro que trabalha e com os estudos dos filhos, renunciando a si mesmo até que a vida deles esteja mais organizada (FREITAS, 2005). A responsabilidade de reorganizar a casa fica a cargo da mulher e, com o tempo, uma nova rotina vai se estabelecendo, fazendo com que a família vá se reestruturando. Somente depois de “arrumar a casa” é que o cônjuge começa a se preocupar com a retomada da sua vida pessoal e a continuidade dos estudos ou da carreira profissional passam a ser consideradas.

Mudar de cidade, região ou país pode trazer inúmeras implicações não só para os trabalhadores, mas para todas as pessoas ligadas a esse mundo de constantes transformações. São as famílias (esposas e filhos) que acompanham os parceiros e/ou pais nesse novo desafio profissional, mas que sofrem as consequências inerentes ao processo de mudança, gerador de insegurança e de inúmeros desafios para toda a família, principalmente para a mulher, considerada o pilar da estrutura familiar. Em muitos casos, além de ser o “porto seguro” de todos os familiares, a

---

1 Termo utilizado ao referir-se a expatriados.

mulher abre mão de muitas conquistas em prol da família, sendo a carreira profissional uma das grandes renúncias. Dados do *Global Relocation Trends Survey Report* (2009) indicam que 32% dos cônjuges/parceiros trabalhavam antes da atribuição internacional do cônjuge (mas não durante), 3% trabalharam durante a atribuição e somente 10%, antes e depois da atribuição. Esses dados demonstram que parte dos cônjuges teve de renunciar a sua carreira, mesmo que temporariamente, em função da carreira do outro.

Em pesquisas realizadas em bases de dados como SCIELO, EBSCO, RAE, Anais do ENANPAD, entre outras, não foram encontrados estudos que abordem a questão da mobilidade nacional, ou seja, estudos que comprovem as dificuldades de adaptação às diferentes regiões do país dos profissionais que são transferidos ou que mudam de uma cidade ou de uma região para outra em função da sua carreira. Também não foram encontrados trabalhos que discutam as dificuldades enfrentadas pelo cônjuge, nem dados que confirmem a renúncia à carreira profissional da (do) esposa(o) em prol da carreira do outro. Para o funcionário que foi transferido ou que aceitou o desafio de trabalhar em outra região ou cidade, acredita-se que o processo de adaptação seja um pouco mais tranquilo, uma vez que este contará com a empresa como seu novo grupo de referência, já para o cônjuge, que pode não contar com esse suporte, pois nem sempre é possível dar continuidade à carreira imediatamente, a situação é diferente.

Neste trabalho, não houve a intenção de se entrevistar os profissionais que aceitaram o desafio de trabalhar em outra cidade, mas as mulheres que, em algum momento, tiveram que renunciar ao convívio com seus familiares e amigos e, em alguns casos, interromper a carreira, em função da família. Sabe-se que o trabalho é uma importante fonte de identidade, o que corrobora a visão de Enriquez (1999) em termos de o trabalho ser fundamental para a constituição do ser humano e a sua perda pode representar também a perda da identidade, considerada o bem mais valioso de uma pessoa. Nessa perspectiva, Dubar (2005) completa que perder essa identidade pode significar alienação, sofrimento, angústia e, até mesmo, a morte.

Na perspectiva sociológica de Berger e Luckmann (2009), a identidade pode ser vista como algo socialmente construído com base na interação que decorre do meio

social no qual o indivíduo está inserido e do reconhecimento que surge a partir dessas relações. Castells (2002) aponta que a identidade é o processo de construção de significados apoiado em um atributo ou conjunto de atributos culturais interrelacionados que se destacam em relação a outras fontes de significado. Bauman (2005) e Hall (2006) revelam que a identidade não é fixa, está sempre inacabada, pois, à medida que o sujeito se insere em diferentes grupos, a identidade é modificada, ou melhor, ela é sempre construída e reconstruída ao longo da vida de uma pessoa (DUBAR, 2005). Diante desse contexto, este trabalho pretende responder à seguinte pergunta: **como se configura a identidade de mulheres que migraram para Belo Horizonte em função do trabalho do cônjuge?**

Por configuração se entende as formas e feições particulares que a identidade de um indivíduo adquire num determinado momento de vida em função do contexto, uma vez que a identidade está sempre em processo de construção, de vir a ser, ela está sempre inacabada.

Para responder a questão proposta, foram estabelecidos o objetivo geral e os objetivos específicos, apresentados no próximo item.

## **1.1 Objetivos**

### **1.1.1 Objetivo geral**

Este trabalho tem como objetivo analisar como se configura a identidade de mulheres que migraram para Belo Horizonte em função do trabalho do cônjuge.

### **1.1.2 Objetivos específicos**

1. Identificar os motivos que levaram as mulheres a renunciar ou interromper a



- carreira em benefício do cônjuge;
2. Analisar como a renúncia ou a interrupção da carreira interfere na configuração da identidade;
  3. Identificar elementos que dificultam e/ou facilitam a configuração da identidade das mulheres nesse novo ambiente;
  4. Descrever as estratégias utilizadas pelas mulheres para enfrentar e se adaptar à nova situação.

## **1.2 Justificativa**

Este trabalho se justifica por ser um tema praticamente inexplorado nos trabalhos acadêmicos realizados no Brasil. Os estudos existentes normalmente enfocam as implicações da atribuição internacional para a vida dos trabalhadores e poucos trabalhos abordam os problemas enfrentados pela família, esposas e/ou filhos, que acompanham o profissional expatriado (FREITAS, 2000a, 2005; DOMINGUES; BUENO, 2006; BORBA, 2008; SOUZA, 2009). Sendo assim, este trabalho visa preencher uma lacuna nos estudos acadêmicos relacionados à interculturalidade, no que diz respeito à mobilidade nacional, uma vez que pouco se tem discutido a respeito dos problemas de adaptação regional, principalmente em países com grande extensão geográfica e diversidade cultural como o Brasil. Freitas (2005) aponta que a expatriação regional é tão importante quanto as expatriações internacionais e podem causar transformações até mais radicais nas pessoas que vivenciam essa experiência.

Neste trabalho, será utilizado o termo mobilidade nacional (CERDIN, 2002), uma vez que os envolvidos na pesquisa não são considerados expatriados no sentido original da palavra, já que a mudança de cidade ocorreu dentro do próprio país.

O interesse da pesquisadora pelo tema surgiu de conversas informais com um grupo de amigas que se mudou para Belo Horizonte em função do cônjuge que trabalhava em uma empresa multinacional que possui uma filial na cidade. Nessas conversas, percebeu-se que algumas mulheres estavam tendo dificuldades de adaptação à

nova situação e apresentavam queixas, como “estou com saudades da minha família”, “estou me sentindo muito sozinha”, “não estou conseguindo me adaptar” e queixas relacionadas à dificuldade de reinserção no mercado de trabalho, que despertaram o interesse em pesquisar esse grupo de mulheres.

No campo organizacional, os resultados da pesquisa podem contribuir para a formulação e a implementação de políticas e práticas de gestão voltadas para adaptação regional dos profissionais e de famílias que mudam de cidade ou região em função do trabalho.

Esta dissertação está estruturada em seis capítulos, sendo o primeiro destinado a esta introdução. O segundo capítulo refere-se ao arcabouço teórico, composto por três grandes temas: a construção social da identidade; em seguida, a mulher, subdividido em dois tópicos – a questão de gênero e o dilema entre o trabalho e família enfrentado pelas mulheres; e por fim, a globalização e a interculturalidade, tópico no qual se inserem os processos de expatriação e a mobilidade como um novo valor organizacional e social. Já o terceiro capítulo apresenta a metodologia proposta para este estudo; no quarto e quinto capítulos expõem-se a apresentação e a análise dos resultados, respectivamente; o sexto capítulo destina-se às considerações finais desta pesquisa, contemplando as principais limitações e sugestões para trabalhos futuros; e, por fim, apresentam-se as referências utilizadas nesta pesquisa e o apêndice.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo refere-se ao levantamento teórico que embasará a pesquisa. A primeira subseção dedica-se à questão da identidade e a construção social da identidade; na segunda trata-se do tema mulher, subdividido em dois tópicos: a questão de gênero e o dilema entre o trabalho e a família enfrentado pelas mulheres; e, por fim, a globalização e a interculturalidade; a expatriação e a mobilidade como um novo valor organizacional e social.

### 2.1 A questão da identidade

Segundo Caldas e Wood Jr. (1997), o termo identidade origina-se da lógica, da álgebra e da filosofia clássica. Ele é derivado dos vocábulos latinos *idem* e *identitas*, que significam “o mesmo” e do vocábulo *entitas*, ou entidade, significando a “mesma entidade” (CALDAS; WOOD JR, 1997). Com o tempo, esse termo se difundiu por diferentes áreas do conhecimento, despertando o interesse de pesquisadores da sociologia, da antropologia, da psicanálise, da psicologia e dos estudos organizacionais, favorecendo a diversidade de conceitos existente. Caldas e Wood Jr. (1997) apontam que o uso popular do termo transmitia a ideia de permanência, singularidade e unicidade, isto é, a noção do indivíduo. Atualmente, tanto nas ciências sociais como em outros campos do conhecimento, o conceito de identidade vem sendo aplicado a “outros objetos como grupos sociais ou religiosos, nações, a espécie humana, etc.” (CALDAS; WOOD JR., 1997, p. 9).

De acordo com Hall (2006), o conceito de identidade é bastante complexo, pouco desenvolvido e pouco compreendido na ciência social. Já Dubar (2005, p. 136), aponta que a identidade “é o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições”. De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (1995), a família, o casamento, os grupos religiosos são exemplos de instituição que pode ser entendida como um conjunto de

normas que orienta a padronização de um determinado costume que se torna uma tradição, garantindo, assim, a sua reprodução. Ainda segundo os autores, essas instituições não são fixas e inalteradas, ao contrário, elas se modificam no decorrer da sua história e são influenciadas pela maneira como os sujeitos constroem e reproduzem suas histórias. É por meio das instituições que a sociedade se apresenta como uma realidade objetiva, pois são elas que definem as regras que determinam os comportamentos (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1995) e, portanto, são importantes para a constituição das identidades.

De acordo com Bauman (2005), a questão da identidade surge, principalmente, em função das transformações no contexto social observadas nos últimos anos, como a diminuição das fronteiras e a flexibilização das relações, tanto no trabalho como na vida pessoal. A possibilidade de transpor as fronteiras, ao mesmo tempo em que favorece a troca de experiências entre as pessoas, pode dificultar a criação da identidade, pois as referências que eram capazes de sustentar a construção de uma identidade consistente estão se exaurindo. Se antes os sujeitos tinham afiliações sociais, como: família, classe social, etnia, raça, gênero, sexualidade, país ou local de nascimento (BAUMAN, 2005; HALL, 2006), entre outros, aptos a direcioná-los na definição das identidades, hoje, nota-se que essas referências vão perdendo a importância e se tornam cada vez mais enfraquecidas, sobretudo em países mais avançados, porém há uma busca incessante para “encontrar ou criar novos grupos com os quais se vivencie o pertencimento e que possa facilitar a construção da identidade” (BAUMAN, 2005, p. 30-31), mesmo que seja de forma virtual, que traz ao mesmo tempo a facilidade de entrar e de ser abandonado (BAUMAN, 2005).

Bauman (2005) e Hall (2006) defendem que a identidade moderna está descentrada, deslocada e fragmentada e as pessoas tendem a colocá-la em evidência somente quando ela se desvanece, fracassa ou decepciona de alguma outra maneira (BAUMAN, 2005), o que corrobora com o pensamento de Mercer<sup>2</sup> (1990, citado por Hall 2006, p. 9) ao apontar que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. Diante do exposto, ressalte-se que a análise das identidades a partir das interações da vida cotidiana possibilita desvelar

---

2 MERCER, K. “Welcome to the jungle”. In: Rutherford, J. (org.). *Identity*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

fenômenos sociais em situações bastante específicas (HALL, 2006).

Machado e Kopittke (2002) revelam que o estudo das manifestações humanas pode envolver o contexto individual, social, grupal e organizacional. Como contribuição, os autores apontam que o estudo da identidade envolve, geralmente, dois níveis de análise: pessoal e social. A identidade pessoal refere-se à construção do conceito de si, ou seja, “à autodefinição do sujeito na interpretação entre o eu e a sociedade” (FERNANDES, 2009, p. 2). Segundo Machado e Kopittke (2002), a construção da própria identidade é um constante desafio, pois é preciso encontrar o equilíbrio entre o que o indivíduo realmente é e o que os outros esperam que ele seja. Dessa forma, “o outro é o espelho social que permite ao indivíduo reconhecer-se, avaliar-se e auto aprovar-se” (MACHADO; KOPITTIKE, 2002, p. 2). Com base nessa perspectiva, entende-se que a identidade é relacional, ou seja, a identidade deve ser compartilhada com o outro que assume uma função de “espelho” e a identidade se revela pela reflexão que o sujeito faz de si mesmo e na manifestação do outro em relação a ele (BERGER; LUCKMANN, 2009). Nessa mesma linha de raciocínio, Bock, Furtado e Teixeira (1995) apontam que a identidade resulta da distinção que o indivíduo faz em relação ao outro.

A identidade social trata do conceito de si a partir da ligação da pessoa a grupos sociais. Ela é o resultado da interação entre os fatores psicológicos e sociais, ou seja, é “um processo social dinâmico, em contínua evolução, que se constrói por semelhança e oposição” (MACHADO; KOPITTIKE, 2002, p. 3). Dubar (2005) aponta que as identidades sociais são geradas pela própria história dos indivíduos e são responsáveis também pelas suas histórias futuras. Ainda segundo o autor, qualquer identidade é denominada em função da época histórica e do tipo de contexto social e são “construções sociais e de linguagem acompanhadas por racionalizações e reinterpretções” (DUBAR, 2005, p. XXI). Segundo Castells (2002, p. 22), um indivíduo ou um ator coletivo pode apresentar múltiplas identidades, sendo possível a essa multiplicidade se tornar “uma fonte de tensão e contradição tanto na autorrepresentação quanto na ação social”. Conforme aponta Hall (2006, p. 13), os sujeitos estão expostos a identidades contraditórias, que os levam a várias direções, com isso, as identificações tornam-se cada vez mais deslocadas, pois “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam”, surge uma

multiplicidade de identidades com as quais seria possível se identificar, mesmo que seja de forma temporária. Nessa linha de raciocínio, Bauman (2005) relata que os habitantes do mundo moderno constroem e mantêm as suas referências identitárias em movimento, buscando se juntar a grupos igualmente móveis e velozes, tentando manter tais referências vivas por um momento e não por muito tempo, ou seja, os relacionamentos passam a ser adaptáveis aos modelos exigidos, tornando as identidades frágeis e inconsistentes.

Vale ressaltar que, apesar de haver outras correntes sobre identidade, optou-se por trabalhar com a construção social da identidade, desenvolvida por Berger e Luckmann. Para os autores, a identidade é um elemento-chave da realidade subjetiva, que é constituída por processos sociais e que pode ser “mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 221). Isso significa afirmar que, à medida que o sujeito se insere em diferentes grupos, a identidade vai sendo alterada e será, sempre, construída e reconstruída ao longo da vida desse indivíduo (DUBAR, 2005). De acordo com Hall (2006, p. 38), a identidade é formada ao longo do tempo por meio de “processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” e é concebida na interação que se estabelece “entre o eu e a sociedade” (HALL, 2006, p. 11) se revelando por meio dos inúmeros processos de socialização (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1995; DUBAR, 2005; BERGER; LUCKMANN, 2009) que acontecem na vida de um sujeito desde o seu nascimento. Considerando a relevância dos processos de socialização para a construção social da identidade, o próximo item destina-se a essa perspectiva, segundo Berger e Luckmann (2009).

### **2.1.1 A construção social da identidade**

De acordo com Berger e Luckmann (2009), a sociedade é uma realidade<sup>3</sup>, objetiva e subjetiva simultaneamente, que deve ser entendida como um processo dialético

---

3 Definida como uma qualidade pertencente a fenômenos que se reconhece ter em um ser independente da própria volição (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 11).

baseado em três momentos – exteriorização, objetivação e interiorização – que ocorrem em uma sequência não temporal. Segundo os autores, a sociedade e todas as partes que a constituem são caracterizadas por esses três momentos ao mesmo tempo, não sendo, pois, recomendado analisá-los separadamente. Para esses autores, a exteriorização é fruto da atividade humana e a ordem social “é produzida pelo homem no curso de sua contínua exteriorização” (BERGER; LUCKMANN, p. 74). Já a objetivação, conforme Berger e Luckmann (2009, p. 52), apresenta-se em produtos da atividade humana que estão disponíveis aos produtores e também aos outros homens “como elementos que são de um mundo comum”. Um exemplo de objetivação é a significação representada pela linguagem e pela produção humana de sinais, que podem diferenciar-se de outras objetivações em função do propósito “de servir de índice de significados subjetivos” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 53). A linguagem, segundo Berger e Luckmann (2009, p. 55), é um “sistema de sinais vocais, é o mais importante sistema de sinais da sociedade humana”. Além disso, ressalta-se que é por meio da linguagem que se pode participar com os semelhantes da vida cotidiana (BERGER; LUCKMANN, 2009).

Berger e Luckmann (2009) apontam que o indivíduo não nasce membro de uma sociedade, mas predisposto a fazer parte dela. Contudo, conforme os autores, a vida cotidiana presume uma temporalidade, levando o indivíduo a assumir o seu lugar na dialética da sociedade, que se inicia pelo processo de interiorização, ou seja, pela “apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjetivos de outrem, que desta maneira torna-se subjetivamente significativo para o sujeito” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 167-168). A relação entre os dois significados subjetivos (o eu e o outro) pressupõe a significação, contudo a interiorização consiste em um processo fundamental para o entendimento dos semelhantes e da “apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 168). Isto é, além de compreender os processos subjetivos do outro, compreende-se também o mundo em que ele vive e este passa a ser o próprio mundo do sujeito. Agora, é possível que haja uma identificação recíproca entre eles e “não somente se vive no mesmo mundo, mas participa-se cada qual do ser do outro” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 168). Somente depois de ter alcançado esse grau de internalização é que o indivíduo pode ser considerado membro da sociedade.

Conforme Berger e Luckmann (2009), a interiorização realiza-se pela socialização, que consiste na introdução, ampla e consistente, de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de uma parte dela. A socialização é um processo contínuo e o sujeito está sempre experimentando novas realidades por meio desses processos.

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (1995, p. 208), “a socialização é o processo de internalização (apropriação) do mundo social, com suas normas, valores, modos de representar os objetos e situações que compõem a realidade objetiva”. Ainda de acordo com os autores, é por meio da interação entre os indivíduos e o meio social que se inicia a construção de uma realidade subjetiva, ou seja, de uma identidade. O que o indivíduo aprende (horários e hábitos alimentares, andar, falar, entre outros) e a maneira como se aprende é próprio de cada grupo, sociedade e cultura. Isso vem confirmar que a socialização refere-se aos aspectos objetivos da vida de uma pessoa (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1995).

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (1995), a socialização inicia-se com o nascimento e termina somente quando o indivíduo morre. Ao longo da vida, experimentam-se diversos processos de socialização. O primeiro processo é a socialização primária, que, conforme Berger e Luckmann (2009), ocorre na infância, próximo ao primeiro grupo social ao qual o indivíduo pertence; em outras palavras, a primeira socialização acontece no âmbito familiar e consiste em um processo carregado de emoção e afetividade. Ao longo desse processo, encontram-se os outros significativos (BERGER; LUCKMANN, 2009; BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1995) que atuam na socialização do indivíduo e que são responsáveis em suprir as necessidades e assegurar a vida da criança. Na apropriação subjetiva dos valores, sentidos e símbolos de uma determinada cultura, que é mediada e filtrada por pessoas julgadas significativas ao indivíduo, tem-se o estabelecimento da base que sustentará toda a socialização vindoura.

Bock, Furtado e Teixeira (1995) chamam a atenção para a importância da linguagem no processo de socialização, uma vez que ela permite a interação com o outro, seja adulto ou criança, possibilita a ampliação do domínio da criança e do adulto sobre o mundo e dos símbolos que, com o uso da linguagem, tornam-se um código comum, fazendo com que as pessoas sejam capazes de interferir sobre ele. Na socialização



primária, os outros significativos e os mundos a serem interiorizados são impostos e somente ocorrerá a interiorização se houver a identificação com esse outro. É interpretando e interiorizando os papéis e as atitudes dos outros particulares que o sujeito generaliza e toma essas ações como sendo as únicas verdadeiras, fazendo surgir o outro generalizado. Ou seja, “o indivíduo identifica-se agora não somente com os outros concretos, mas com uma generalidade de outros, isto é, com uma sociedade” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 172). Ainda de acordo com os autores, a socialização primária chega ao fim quando o conceito do outro generalizado, e tudo que o acompanha, estabelece-se na consciência do indivíduo, fazendo, assim, com que ele se torne, de fato, um membro da sociedade. Nesse ponto, Berger e Luckmann (2009, p. 178) ressaltam que a interiorização da sociedade, da identidade e da realidade não é feita de uma única vez, já que “a socialização nunca é total nem está jamais acabada”.

Depois da socialização primária, tem-se a socialização secundária, que consiste no processo pelo qual um indivíduo, já socializado, é introduzido em novos setores do mundo objetivo, sendo necessário interiorizar os submundos institucionais e adquirir conhecimentos específicos relacionados ou não ao mundo do trabalho (BERGER; LUCKMANN, 2009). Na visão de Bock, Furtado e Teixeira (1995), a socialização secundária ocorre em todos os outros grupos sociais com os quais o indivíduo tem contato, como escola, grupo de amigos, trabalho, entre outros. Os autores apontam ainda que “o processo de socialização é contínuo e não termina na idade adulta, na maturidade ou com a aposentadoria” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1995, p. 211-212). Na sua inserção em novos grupos, será exigida do indivíduo a obtenção de uma linguagem, de um vocabulário específico, de compreensões tácitas, códigos e símbolos (BERGER; LUCKMANN, 2009), aspectos que distinguem o novo grupo em momento de interiorização.

Berger e Luckmann (2009) apontam que, para assegurar a interiorização dos novos submundos, tem-se um elemento importante que é o aparelho legitimador, com seus símbolos rituais e materiais. Na socialização secundária, a identificação carregada de emoção, tal como ocorre na socialização primária, pode ser dispensada, prosseguindo apenas com as identificações recíprocas presentes na comunicação entre os seres humanos. Para completar, Berger e Luckmann (2009, p. 184) relatam

ainda que “são necessários graves choques no curso da vida para desintegrar a maciça realidade interiorizada na primeira infância”. Em contrapartida, eles defendem que romper com as realidades interiorizadas posteriormente é relativamente fácil, entretanto, se tornam realidades frágeis e devem ser reforçadas por técnicas pedagógicas específicas, que podem variar de acordo com as motivações que o indivíduo tem para adquirir novos conhecimentos.

À medida que as técnicas pedagógicas tornam-se subjetivamente aceitáveis e permitem a constância entre os elementos originais do conhecimento e os novos, o sentido da realidade será alcançado com maior facilidade. Entretanto, pode ser preciso “criar técnicas especiais para produzir a identificação e a inevitabilidade julgadas necessárias” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 186), como, por exemplo, na socialização dos religiosos. Nesse caso, aplicam-se técnicas carregadas de afetividade, pois, para que haja uma verdadeira transformação da realidade, as técnicas utilizadas devem se aproximar ao máximo das que são empregadas no processo de socialização primária. Dessa forma, “o pessoal socializador reveste-se do caráter de outros significantes em face do indivíduo que está sendo socializado” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 187).

Na socialização secundária, são apreendidas novas realidades, geralmente parciais, em oposição ao mundo adquirido na socialização primária. E ao se reconhecer que existe diferença de mundos, podem surgir crises decorrentes dessa nova realidade. Para Berger e Luckmann (2009, p. 209), na socialização secundária, “o presente é interpretado para manter-se numa relação contínua com o passado, existindo a tendência a minimizar as transformações realmente ocorridas”. Isso significa dizer que a base da socialização secundária é o passado.

Como alertam os autores, a socialização nunca está plena e os conteúdos interiorizados são constantemente ameaçados em sua realidade subjetiva, sendo necessário criar mecanismos “de conservação da realidade a fim de salvaguardar um certo grau de simetria entre a realidade objetiva e subjetiva” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 189). Para os autores, há duas formas de conservação da realidade: a conservação rotineira e a conservação crítica. A conservação rotineira destina-se a manter a realidade interiorizada na vida cotidiana por meio da

corporificação de rotinas e é reafirmada na interação dos indivíduos com os outros, que podem ser mais ou menos significativos. A esse respeito, Berger e Luckmann (2009) ainda completam que os mais significativos são naturalmente mais importantes do que os menos significativos, que assumem um papel de “coro” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 192), mas são igualmente fundamentais para a confirmação da identidade, ou seja, os outros significativos são pessoas ou situações que reafirmam a existência de um indivíduo em uma determinada sociedade.

Segundo Berger e Luckmann (2009), a conversa é um elemento essencial na conservação da realidade, em especial a fala; entretanto, a comunicação não verbal também assume um papel importante. Os autores salientam que grande parte da conservação da realidade na conversa é implícita e não explícita. Uma simples troca de palavras como “tenha um bom dia” envolve “um mundo inteiro dentro do qual estas proposições aparentemente simples adquirem sentido” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 196), confirmando a realidade subjetiva desse mundo. A realidade subjetiva depende de estruturas específicas de plausibilidade, quer dizer, depende de uma base social específica e de processos sociais necessários para sua conservação, uma vez que o rompimento da conversa entre os mediadores da estrutura de plausibilidade pode ameaçar as realidades subjetivas em questão (BERGER; LUCKMANN, 2009), impactando os processos de identificação e de configuração identitária do sujeito.

Já a conservação crítica visa sustentar a realidade em situações de crise. Nesse caso, os procedimentos são os mesmos que na conservação rotineira, porém a confirmação da realidade deve ser mais explícita e intensa e, normalmente, utilizam-se técnicas rituais. Em momentos de crise, a própria sociedade estabelece procedimentos que possam evitar o colapso da realidade, podendo ser coletivos ou individuais, dependendo “do caráter do desafio à realidade socialmente definida” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 200). Como se percebe, existem formas de conservação da realidade subjetiva, porém existe também a possibilidade de ela ser modificada, visto que o simples fato de se viver em sociedade implica estar em um contínuo processo de modificação da realidade subjetiva. No entanto, não se deve pensar em transformações totais, pois, segundo Berger e Luckmann (2009), a

realidade subjetiva jamais é socializada em sua totalidade, não podendo, portanto, ser totalmente transformada, o que remete a se pensar em diferentes graus de modificação.

Berger e Luckmann (2009) defendem ainda a existência de casos em que a transformação parece total, denominados alterações e, para se obter êxito, exige-se um processo chamado ressocialização, que deve ser semelhante aos processos de socialização primária. A principal condição é ter uma “estrutura de plausibilidade que sirva de 'laboratório' da transformação [...] oferecida ao indivíduo pelos outros significativos com os quais deve estabelecer forte identificação afetiva” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 201-202). Um exemplo de alteração é a conversão religiosa, visto que somente dentro da comunidade religiosa é que a conversão pode alcançar a plausibilidade necessária para ser mantida. A alteração é um processo que exige mudanças na conversação, ou seja, deve-se evitar falar com pessoas que possuem ideias diferentes da nova realidade e, para que todas as etapas da transformação sejam contempladas, torna-se essencial a presença de um aparelho legitimador, com seus símbolos rituais ou materiais. Nessa fase, os outros significativos devem ser reinterpretados, produzindo uma verdadeira ruptura na biografia subjetiva do indivíduo.

Processo semelhante pode ser observado nos programas de *trainees*. Toledo e Bulgacov (2006) mostram que nos processos de socialização de jovens *trainees*, a internalização dos valores da empresa ultrapassa a esfera profissional e atinge a esfera pessoal. Na primeira fase, o indivíduo é afastado de seu grupo semelhante, ou seja, o jovem é afastado da família, o que facilita a sua dedicação ao trabalho; na segunda fase, ocorrem as alterações e o jovem já se encontra afastado do seu passado, porém ainda não se sente parte do meio futuro. Nesse momento, “o indivíduo aprende, por humilhação e doutrinação, os comportamentos e crenças de seu novo status, reforçando e assimilando uma nova identidade” (TOLEDO; BULGACOV, 2006, p. 9). Por fim, o jovem *trainee* é introduzido em seu novo papel e assume a nova identidade no grupo.

Na ressocialização, “o passado é reinterpretado para se harmonizar com a realidade presente, havendo a tendência a retrojetar no passado vários elementos que

subjetivamente não eram acessíveis naquela época” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 208-209), ou seja, a reinterpretação do passado deve estar em harmonia com a realidade atual e ser capaz de modificar a realidade do indivíduo (FERNANDES, 2008). A autora afirma ainda que, para que ocorra o rompimento em relação à socialização primária, seriam precisos “choques biográficos”, ou seja, seria necessário romper com a história de vida passada e introjetar no indivíduo uma nova maneira de ver o mundo.

## **2.2 A questão de gênero**

Desde as sociedades primordiais, os papéis desempenhados por homens e mulheres sempre estiveram relacionados à divisão social do trabalho; em outras palavras, as atribuições de cada um estiveram sempre de acordo com o modo de produção vigente. A esse respeito, Toledo (2008) afirma que a definição de papéis fundamenta-se nos aspectos econômicos da sociedade baseado na produção e na reprodução da vida cotidiana. No que diz respeito às mulheres, ocupando um lugar subalterno no mundo do trabalho e na sociedade em geral, elas tiveram que lutar muito pela sua emancipação. Ao longo do tempo, as mulheres travaram várias lutas, reivindicando direitos básicos como o direito ao voto, no final do século XIX e início do século XX. No Brasil, elas conquistaram o direito ao voto em 1932, durante o Governo de Getúlio Vargas. Aos poucos, as mulheres de vários países do mundo foram conquistando direitos a que não tinham acesso, como candidatar-se a cargos públicos, ter pleno acesso à educação, ter a possibilidade de escolha da carreira, o direito de herança, o direito de assumir o controle dos negócios da família (TOLEDO, 2008), entre outros.

Nos anos 1960, o movimento feminista pela liberdade sexual foi fundamental para o processo de emancipação das mulheres. Nessa época, elas conquistaram o direito ao divórcio (Itália) e o direito ao aborto (França, Itália, Inglaterra e Estados Unidos). Já nos anos 1970 e 1980, a mulher trabalhadora, sobretudo na América Latina, levantou-se “com sua classe, numa luta que questionava diretamente o modo de produção capitalista” (TOLEDO, 2008, p. 102). Tal fato pode ser explicado pelo salto

de qualidade no processo de conscientização das mulheres, que passaram a participar ativamente das lutas de classe e do processo de organização política e sindical, e também pela crescente participação da mulher na PEA<sup>4</sup>, durante o referido período de tempo (TOLEDO, 2008).

A necessidade de ajudar financeiramente a família é um dos motivos que levam a mulher ao espaço público, mas não é o único. De acordo com Bruschini e Lombardi (2002), desde os anos 70, verifica-se um aumento da atividade das mulheres no mercado de trabalho e os motivos vão além da necessidade econômica e das oportunidades do mercado. Conforme Bruschini, Ricoldi e Mercado (2008), nas últimas décadas do século XX, o Brasil passou por grandes alterações demográficas e por mudanças no modelo cultural e nos valores referentes ao papel social da mulher. Entre as alterações demográficas, pode-se destacar a taxa de fecundidade (BRUSCHINI, 1998; BRUSCHINI; RICOLDI; MERCADO, 2008) que, desde a introdução de métodos contraceptivos orais, em meados da década de 1960, vem caindo ano após ano. A redução no tamanho das famílias, o envelhecimento da população e o crescimento do número de mulheres que são chefes de família (CALÁS; SMIRCICH, 1999; BRUSCHINI; RICOLDI; MERCADO, 2008) também foram importantes para o crescimento do mercado de trabalho feminino.

Além disso, o acesso das mulheres a níveis cada vez mais elevados de escolaridade, fundamentalmente nas universidades (MARUANI, 2008), possibilita uma mudança de postos de trabalho menos qualificados para ocupações mais qualificadas (BRUSCHINI, 1998). Em quase todos os países da Europa, atualmente, o nível de escolaridade da mulher é superior ao dos homens e, quanto mais instruídas, mais ativas são as mulheres (MARUANI, 2008). No Brasil, a escolaridade feminina também é superior à escolaridade masculina (BRUSCHINI; RICOLDI; MERCADO, 2008). Segundo dados da PNAD<sup>5</sup> (2009), as mulheres permanecem, em média, 7,2 anos na escola, enquanto os homens permanecem, em média, 6,9 anos. No entanto, observa-se que, mesmo possuindo um nível de escolaridade mais alto do que o dos homens e ocupando postos de trabalho mais qualificados, as mulheres continuam sendo “submetidas a uma desigualdade de gênero presente em todos os

---

4 População Economicamente Ativa

5 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

escalões do mercado de trabalho” (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2002, p. 100). Para entender esse fenômeno, surgem os estudos sobre gênero no Brasil, que datam do final dos anos 60 e início dos anos 70 (BRUSCHINI, 1998). Podem-se citar diversos trabalhos relacionados ao tema (ARRIAGADA, 1998; BRUSCHINI, 1998; CALÁS; SMIRCICH, 1999; BRUSCHINI; LOMBARDI, 2002; ABRAMO, 2004), entre outros.

De acordo com Toledo (2008), o avanço da escolaridade feminina, sobretudo no ensino superior, favorece a diversificação do campo de atuação das mulheres, antes restrito a ofícios de caráter essencialmente feminino, como é o caso da enfermagem em meados da década de 1950. A invenção da máquina de escrever, em 1966, também gerou algumas funções femininas, a exemplo da função de mecanógrafa e de datilógrafa. Já a telefonista, desde sua criação, tornou-se uma profissão reservada exclusivamente às mulheres (TOLEDO, 2008). Hoje, percebe-se que, embora ainda existam alguns “guetos” femininos, as mulheres têm buscado se posicionar em diversos ramos do trabalho e têm obtido êxito em profissões “tradicionalmente masculinas que se feminizaram sem perder o valor social”, como os “magistrados, advogados, jornalistas, médicos” (MARUANI, 2008, p. 42) e em profissões predominantemente masculinas, a exemplo da engenharia (LOMBARDI, 2008).

Conforme Lombardi (2008), é cada vez maior a presença de mulheres engenheiras no Brasil, o que tem modificado a divisão sexual do trabalho, com um crescimento da participação feminina nas diversas especialidades, áreas de trabalho e atividades profissionais. Entretanto, vários estudos revelam a persistência de obstáculos à integração das mulheres na profissão. Dentre eles, podem-se destacar a dificuldade de adaptação das mulheres em culturas profissionais masculinas, a discriminação de gênero no ambiente de trabalho e a dificuldade de alcançar postos de comando nas organizações (LOMBARDI, 2008). Ainda de acordo com a autora, a dificuldade de ascensão das mulheres pode ser observada em diversas áreas de atuação. Para Lombardi (2008), mesmo as mulheres assumindo cargos de responsabilidade na gerência e na diretoria das empresas, a presença feminina no topo hierárquico das empresas ainda é bastante rara, fenômeno que é conhecido como “teto de vidro”. Vários autores dedicam-se ao estudo deste tema, como Steil (1997), Capelle, Melo e Brito (2002), Capelle e Melo (2007) e Lombardi (2008).

Lombardi (2008) aponta que os obstáculos podem estar relacionados à condição da mulher na sociedade, uma vez que elas ainda são vistas como as principais responsáveis por cuidar da família e dos filhos. Além disso, as empresas buscam pessoas que possam se dedicar exclusivamente à carreira, por isso, na maioria dos casos, os homens assumem posições elevadas na hierarquia organizacional. Segundo Lombardi (2008, p. 388), “outro impedimento residiria em uma certa resistência, demonstrada por algumas mulheres, a enfrentar ambientes de trabalho competitivos e a assumir o desafio da direção de equipes”. Embora a participação da mulher em cargos superiores apresente um crescimento lento, podem-se observar mudanças em relação à mulher no mercado de trabalho. Conforme Sorj (2005), nas últimas décadas do século XX, ocorreram grandes transformações nas identidades e nas práticas de gênero no Brasil. Estudiosos de várias áreas do conhecimento como sociólogos, demógrafos e economistas apontam que há “um amplo processo de reestruturação das relações de gênero nas mais variadas dimensões da vida social” (SORJ, 2005, p. 79).

Bruschini (1998) salienta que, nos estudos sobre gênero, o tema “trabalho feminino” logo se destacou na academia. Ela ainda completa que isso ocorreu devido ao fato de a temática ser constantemente estudada na teoria sociológica e também em razão da importância do tema para o feminismo, que via no trabalho remunerado uma forma de a mulher se emancipar do papel de dona de casa e da necessidade de dedicar-se exclusivamente à família. Nessa linha de raciocínio, Bruschini (1998, p. 278) defende que “as pesquisas sobre trabalho feminino tomaram realmente um novo rumo quando passaram a focalizar a articulação entre o espaço produtivo e familiar”. Apesar dessas mudanças, a mulher continua exposta a uma dupla jornada de trabalho, pois, além de trabalhar fora de casa, ela ainda é a principal responsável pelos afazeres domésticos. Dessa forma, diversos estudos discutem o dilema entre trabalho e família enfrentado pelas mulheres, sobre o qual se debruça o próximo item.



### 2.2.1 Trabalho e família

De acordo com Silva, Rabelo e Rossetto (2010, p. 2), “o senso comum pode sugerir que, em pleno século XXI, as mulheres trabalhadoras já superaram a dicotomia entre trabalho e família”. Entretanto, a conciliação entre essas duas esferas da vida ainda é um dilema enfrentado pela maioria das mulheres em diversos países do mundo. A inserção da mulher no trabalho remunerado provocou grandes alterações no ambiente familiar, o que é corroborado por Toledo (2008, p. 37) que afirma que “a Revolução Industrial marcou a introdução da família na engrenagem de produção, transformou a mulher em força de trabalho, fez dela uma operária”. Ainda de acordo com a autora, com a mulher trabalhando fora de casa, o tempo dedicado ao trabalho doméstico reduziu-se, mas ela passou a exercer uma dupla jornada de trabalho, dentro e fora de casa. Isso significa dizer que, mesmo o Estado promovendo alguns serviços (creches, restaurantes), antes vinculados apenas ao ambiente familiar, as mulheres continuam a ser as principais responsáveis pelas atividades domésticas e pelos cuidados com os filhos, o que representa uma sobrecarga para aquelas que realizam atividades econômicas (BRUSCHINI; RICOLDI; MERCADO, 2008).

Ressalte-se ainda que a duplicidade de papéis exercidos pelas mulheres gera uma cobrança cada vez maior, porque, diferente dos homens, a possibilidade de satisfação das mulheres é influenciada não só pelo mundo do trabalho, mas também pelas condições internas à família, quer dizer, as duas esferas da vida – privada e pública – devem estar em consonância. Assim, transitar entre o trabalho remunerado e as atividades domésticas cotidianas é fato para a maioria das mulheres, e o domicílio e a família são espaços de produção material e simbólica da vida cotidiana (ARAÚJO; SCALON, 2005). Nessa linha de raciocínio, Antunes (2008) aponta que há uma dupla exploração do trabalho da mulher pelo capital, uma vez que, além de exercer atividades no espaço público, ela realiza também as tarefas inerentes ao trabalho doméstico.

A falta de conciliação entre o espaço do trabalho e as exigências domésticas sugere que a mulher tenha que optar pelo trabalho ou pela família, escolha que é influenciada pelos valores culturais vigentes na época, na maioria das vezes. Sobre

isso, Biasoli-Alves (2000) relata que, até meados do século XX, predominavam os valores ligados ao bem-estar da família e, normalmente, a mulher priorizava a vida doméstica. Ainda segundo a autora, mesmo tendo um diploma universitário e um emprego, ela renuncia a tudo quando se casa ou quando chegam os filhos, já que é o papel dela “se dedicar aos seus” (BIASOLI-ALVES, 2000, p. 236). Menezes (2002) relata que atualmente o papel de esposa e mãe, únicos papéis legitimados pela sociedade até bem pouco tempo, está em declínio. Conforme a autora, esse modelo de mulher vem sendo muito questionado e “não é mais possível identificar papéis diferenciados, nem barreiras intransponíveis entre homens e mulheres” (MENEZES, 2002, p. 61). Hoje é cada vez mais difícil a mulher renunciar a tudo para se dedicar exclusivamente à família, o que se percebe é que há a tentativa de se conciliar a carreira e a família, situação nem sempre fácil, uma vez que as exigências tanto profissionais quanto familiares são grandes. Nota-se, no entanto, que as mulheres se voltam cada vez mais para o trabalho remunerado, fazendo surgir uma nova identidade feminina (BRUSCHINI; RICOLDI; MERCADO, 2008).

Sorj (2005) salienta que a entrada em massa das mulheres no mercado de trabalho, sobretudo as casadas e com filhos dependentes, sugere uma nova configuração familiar, isto é, hoje é cada vez mais comum que as famílias sejam mantidas por ambos os cônjuges. Nesse novo contexto, a necessidade de conciliar trabalho e família torna-se uma emergência para as mulheres, e a divisão dos papéis sociais devem ser revistos, no intuito de possibilitar uma divisão igualitária entre homens e mulheres. A esse respeito, Azevedo (2007, p. 13) aponta que “a persistência da desigualdade na distribuição do trabalho doméstico é um fator que limita o alcance de uma situação mais uniforme”.

Conforme Posthuma (1998), a taxa de participação feminina vem crescendo em várias regiões do mundo, mesmo em períodos de recessão, ao contrário da taxa de participação dos homens, que tem diminuído. A autora aponta que é crescente o número de mulheres que permanecem ativas economicamente no período de gestação e de cuidado dos filhos. Segundo Maruani (2008), na França e em outros países da Europa, a maior parte das mulheres se ocupa da atividade profissional e da vida familiar. A autora aponta que a participação das mulheres com idade entre 25 a 49 anos era de 40% em 1960, ficando em torno de 80% em 2008. No Brasil, as

mulheres entre 25 e 49 anos representam 61,4% da população economicamente ativa em 2008. Esses dados sugerem uma verdadeira revolução na relação da mulher com os arranjos dos projetos profissionais e familiares, visto que hoje “[...] a maioria das mulheres não para de trabalhar quando tem filhos [...] enquanto há décadas a regra era parar no nascimento do primeiro filho” (MARUANI, 2008, p. 39-40). Diante desse fato, observa-se um aumento da continuidade das trajetórias profissionais (ABRAMO, 2004; MARUANI, 2008). De acordo com Abramo (2004), as mulheres cada vez menos se retiram do mercado de trabalho durante o período de maior atividade reprodutiva e a participação das mulheres adultas e casadas aumenta com uma intensidade maior que a das jovens e solteiras (ARRIAGADA, 1998).

### **2.3 Globalização e interculturalidade**

A intensificação do processo de globalização observado nos últimos anos tem promovido o crescimento da competitividade entre as nações. Segundo De Masi (2001) e Hall (2006, p. 68), é preciso lembrar “que a globalização não é um fenômeno recente”, mas, de acordo com Hall (2006), a integração global vem ocorrendo em ritmo cada vez mais acelerado e com longo alcance, tornando mais intenso o processo de troca e fortalecimento dos laços entre as nações. De Masi (2001) defende a existência de dez formas de globalização. A primeira forma é a globalização como descoberta, ou seja, desde as grandes explorações (Ulisses, Magalhães, Colombo, entre outras) até as explorações interplanetárias; a segunda, é a globalização como troca, que a cada dia atinge mercados mais distantes; já a terceira é a globalização como colonização, isto é, a tentativa de colonizar, aos poucos, os povos de todo o planeta (DE MASI, 2001).

A quarta forma de globalização, segundo Di Masi (2001), é colonizar todos os mercados; a quinta consiste na expansão do raio de ação e da influência do capital e da moeda de referência; a sexta forma de globalização é o deslocamento de estruturas produtivas a regiões distantes, criando multinacionais que transpõem as fronteiras e diminuem o poder do Estado em função da influência que exerce sobre a

economia local; a sétima consiste em invadir o mundo com as suas ideias (igreja, iluminismo, CNN, filmes americanos, entre outros); a oitava é a globalização como regulamento, ou seja, a criação de organismos internacionais de regulação do comércio, política, conflitos, estruturas econômicas, e outros. A nona consiste na predisposição de grandes empresas a criar estruturas multinacionais, favorecendo acordos e trocas internacionais, suavizando a competição global; por fim, a décima é a globalização atual, quer dizer, é o tipo de globalização que a maioria das pessoas entendem ao escutar essa palavra. Segundo Di Masi (2001, p. 190-191), trata-se de uma globalização em que:

- a) pela primeira vez as nove formas de globalização descritas acima estão todas presentes;
- b) pela primeira vez um país poderosíssimo – os Estados Unidos – governa todo o planeta e se prepara para colonizar outros;
- c) pela primeira vez o caminho da unificação política e material foi aplainado por duas guerras mundiais e por 40 anos de guerra fria;
- d) pela primeira vez a transferência de mercadorias e pessoas se faz velocíssima através dos modernos meios de transporte e a transferência de dados ficou mais veloz com as redes de telecomunicações;
- e) pela primeira vez os processos de unificação social e cultural são lubrificados pelos *mass media* e pela informática;
- f) pela primeira vez a humanidade inteira demonstra simultaneamente os mesmos medos: da guerra nuclear e da poluição atmosférica, da Aids e dos abalos da bolsa.

Conforme Di Masi (2001), as consequências de tudo isso podem se propagar no plano das relações sociais, econômicas, do trabalho e dos arranjos políticos. Nessa mesma linha de raciocínio, Bauman (2005, p. 11) revela que a globalização “afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida cotidiana e as relações entre o eu e o outro”. Freitas (2008, 2009) aponta que a globalização e o avanço científico e tecnológico influenciam o contexto atual, no qual as pessoas estão a todo o tempo em movimento, em outras palavras, as barreiras geográficas não existem e o fluxo de pessoas de uma ponta a outra do globo terrestre é extremamente elevado, basta que se imagine o número de turistas que cruzam as fronteiras geográficas todos os anos; o número de pessoas que não moram no local onde nasceram; ou a quantidade de profissionais sem fronteiras, entre outros exemplos (FREITAS, 2008).

Freitas (2000a, 2000b, 2005, 2006a, 2006b, 2008, 2009) relata que fatores como a abertura dos mercados, as megafusões, aquisições, *joint-ventures*, consórcios,

privatizações, acordos bilaterais e multilaterais, a criação de blocos regionais (União Europeia, Nafta, Mercosul), o fortalecimento das empresas globais nos mais distintos mercados, entre outros, contribuíram para a globalização das economias. Observa-se, ainda, que o avanço nos meios de comunicação como satélites, *world wide web*, celulares, videoconferência e, principalmente, nos meios de transporte, cada vez mais rápidos (avião, trem bala), diminuiu as distâncias e as barreiras temporais e geográficas, possibilitando uma maior interação entre as economias, os países, os povos e as culturas, o que facilita trocas, intercâmbios econômicos e culturais e também agiliza a transmissão de informações, dados e imagens (FREITAS, 2008).

Com a globalização, as empresas buscam maneiras de se diferenciar e se tornar competitivas e uma das formas de atender à demanda global é por meio do processo de internacionalização. A busca por mercados além das fronteiras nacionais exige muito cuidado, pois não se deve estar atento apenas às questões legais, mas também às questões culturais que podem interferir no sucesso da internacionalização. Outro aspecto importante, segundo Freitas (2000a, 2000b), é que, com a intensificação da internacionalização, a administração dos recursos humanos de uma mesma empresa, espalhados geograficamente, carece de muita atenção. Diante da complexidade do ambiente, as empresas têm buscado ampliar seus conhecimentos e suas habilidades, o que tem sido alcançado em função de “uma maior mobilidade dos quadros gerenciais e de especialistas que se deslocam para implantar ou dar impulso a novos projetos” (FREITAS, 2000a, p. 16).

A composição de uma equipe multicultural suscita algumas novidades tanto na forma jurídica dos contratos – tipo de contrato, aposentadoria, carreira do cônjuge – quanto nos aspectos subjetivos da diversidade, entre eles a forma como ela é vivida e percebida pelos membros locais e pelos recém-chegados (FREITAS, 2000a). Em virtude dessa nova configuração das equipes de trabalho, torna-se necessário desenvolver pessoas habilitadas a administrar e deslocar-se entre diferentes culturas, o que consiste em um grande desafio para as organizações globais (BUENO, 2004) e, nesse contexto, surge o interesse pela questão intercultural. Para Fischer *et al.* (2009), o encontro entre diferentes culturas sempre esteve presente nos relacionamentos humanos, sendo tão antigo quanto a própria humanidade.

Segundo Freitas (2000a, 2000b), as pesquisas interculturais datam do final dos anos 80 e surgiram a partir dos estudos sobre cultura organizacional, principalmente na Europa. Os estudos são recentes e, basicamente, de natureza empírica, apoiados em duas correntes (FREITAS, 2005, 2006b, 2008, 2009). A corrente anglo-saxã utiliza a terminologia *cross-cultural* e, tradicionalmente, realiza pesquisas comparativas e culturalistas, de cunho quantitativo, com enfoque nas diferenças culturais nacionais e internacionais. Já a corrente intercultural desenvolve pesquisas interacionistas acerca das consequências dos encontros interculturais, favorecendo a interpretação no contato e focalizando-se na diversidade de identidades dentro de uma mesma cultura, na interação que ocorre nos espaços sociais (escola, trabalho) e na responsabilidade social em solucionar os problemas ocasionados no processo de interação social (FREITAS, 2005, 2006b, 2008, 2009). Nesse ponto, vale ressaltar que este trabalho situa-se na corrente intercultural.

Analisando-se os trabalhos sobre a expatriação, observou-se que a maioria tem como ator principal a figura do executivo e as dificuldades enfrentadas por eles nesse processo. Nota-se que pouca atenção é dada aos profissionais de outras áreas de atuação (MACHADO; HERNANDES, 2004; FREITAS, 2010) e à visão das pessoas que participam do processo de expatriação – o cônjuge e os filhos (DOMINGUES; BUENO, 2006; BORBA, 2008; SOUZA, 2009). Os temas mais discutidos são: a adaptação do expatriado ao novo ambiente (MACHADO; STREHLAU, 2008; BUENO; DOMINGUES, 2008), o papel da família no processo de adaptação do profissional expatriado (FREITAS, 2000a, 2005; PEREIRA; PIMENTEL; KATO, 2005) e os fatores de sucesso da atribuição internacional (HOMEM; TOLFO, 2008).

De acordo com Freitas (2008), a movimentação internacional de profissionais acontece tanto no setor privado quanto no setor público e envolve profissionais autônomos, professores, cientistas, sanitaristas, restauradores de obras de arte, arquitetos, ou seja, as categorias dos profissionais “sem fronteira” diversificam-se cada vez mais. A possibilidade de experimentar novas situações, adquirir novos conhecimentos e habilidades é o desejo de muitos profissionais e, para eles, uma carreira internacional pode abrir portas para crescimento dentro da organização. Nesse contexto, pode-se dizer que o mundo vem se tornando o ambiente de

trabalho de várias categorias profissionais (FREITAS, 2005, 2006b, 2008, 2009, 2010). É preciso lembrar que a mobilidade geográfica não é algo novo e a migração de pessoas pode ocorrer por vários motivos, como a “busca por uma vida melhor, fuga de conflitos sociais e políticos, exílio, melhoria da educação, alargamento da visão de mundo ou simplesmente curiosidade e inquietude” (BORBA, 2008, p. 1). Ainda de acordo com Borba (2008), a migração não é um fenômeno exclusivo da humanidade, mas acontece em todo o reino animal e consiste na mobilidade dos seres no planeta. Entre os seres humanos, a mobilidade ocorre desde os primórdios e possibilitou a disseminação da espécie. Para Freitas (2006a), a mobilidade geográfica é resultado de diversas causas como políticas, econômicas, sociais, culturais, humanitárias e ambientais.

Migrar<sup>6</sup> significa mudar periodicamente, ou passar de uma região para outra, de um país para outro, quer dizer, a migração pode ocorrer dentro ou fora das fronteiras geográficas. Na perspectiva nacional, termos como expatriação regional, mobilidade regional (FREITAS, 2005), mobilidade interna (FREITAS, 2008) mobilidade nacional ou transferência nacional (CERDIN, 2002) são utilizados para denominar as migrações que ocorrem dentro do próprio país. De acordo com Freitas (2005, p. II), o brasileiro não é um “povo historicamente migrante. A nossa migração se dá muito mais entre as quatro paredes verdes e amarelas”. Já na perspectiva internacional, o movimento de pessoas entre os países é conhecido como mobilidade internacional (CERDIN, 2002). No ambiente organizacional, o processo de migração é designado expatriação, transferência, atribuição internacional. Ressalta-se que o interesse desta pesquisa é na mobilidade nacional. No entanto, acredita-se que alguns pontos possam estar relacionados à questão dos expatriados.

### **2.3.1 Expatriação**

A expatriação pode ser considerada um tipo de migração que ocorre além das fronteiras entre os países. De acordo com Freitas (2000a), as palavras expatriação e

---

<sup>6</sup> FERREIRA, A. B. H. de. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

expatriado, em português, apresentam uma conotação triste e melancólica. Expatriar<sup>7</sup> significa “expulsar da pátria; exilar, desterrar, banir; ir para o exílio”. Pode significar também ir residir em país estrangeiro, indo ao encontro das traduções dos idiomas inglês e francês, que possuem um sentido mais neutro. A expatriação, conforme Freitas (2000a, p. 20), “é o processo de transferência de um profissional de uma empresa, sediada em um país, para trabalhar, por tempo determinado ou não, em uma unidade desta empresa ou grupo localizada em outro país”. Cerdin (2002) define como expatriado toda pessoa que é enviada ao exterior por sua empresa por um determinado período de tempo, geralmente de três a cinco anos.

Segundo Freitas (2000a, 2005) e Cerdin (2002), a expatriação é considerada um processo oneroso, demorado, já que envolve a necessidade de se apreender um novo código cultural, além do risco de não dar certo, em razão da inadaptabilidade do expatriado ao novo local de trabalho ou da família, principalmente da esposa (FREITAS, 2000a, 2000b, 2005). Estudos revelam que boa parte das empresas negligencia esse fato e muitas oferecem pouco ou nenhum apoio à família recém-expatriada (FREITAS, 2000a, 2000b, 2005). Sendo que, o apoio da família é fundamental para a adaptação do funcionário expatriado (FONSECA; MEDEIROS; CLETO, 2000; FREITAS, 2000a, 2000b, 2005; PEREIRA; PIMENTEL; KATO, 2005).

Kets de Vries (1997, p. 75) revela que “nas atribuições internacionais, a satisfação com a vida e com as relações familiares são o fator mais crítico para a eficácia do trabalho”. Sendo assim, para que o funcionário expatriado possa realizar com êxito a atribuição internacional, solicita-se das empresas atenção especial aos aspectos que envolvem o suporte à família, fator considerado uma fonte de problemas para empresas e funcionários (FREITAS, 2000a, 2000b, 2005). Outro ponto delicado na questão da expatriação é a carreira do cônjuge (KETS DE VRIES, 1997; FREITAS, 2005). Este tem sido, segundo Kets de Vries (1997), um obstáculo enfrentado pelas empresas no processo de expatriação de executivos. Em muitos casos, as famílias são mantidas por ambos os cônjuges, ou seja, a renda dos dois é importante para o orçamento familiar, o que pode gerar a recusa da atribuição internacional. Há também a possibilidade de prejuízo à carreira de um dos cônjuges, geralmente da

---

7 FERREIRA, A. B. H. de. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.



mulher, que, embora tenha pretensão de continuar sua carreira no exterior, pode enfrentar alguns problemas e pode não conseguir uma colocação no país de destino. O fato é que, em alguns países, é muito difícil se conseguir permissão para trabalhar e, em alguns casos, também são exigidas adaptações à formação acadêmica para profissionais liberais como médicos, advogados, dentistas e outros. Sendo assim, a continuidade da carreira no exterior torna-se cada vez mais complicada (KETS de VRIES, 1997). Além disso, em muitos casos, o idioma é um grande obstáculo a ser enfrentado (FREITAS, 2005).

Na perspectiva de Borba (2008), há uma diferença entre o expatriado e o cônjuge. Enquanto o expatriado percorre países e culturas tendo a empresa como um grupo de referência, que lhe fornece a continuidade de lugar (FREITAS, 2000a, 2000b; BORBA, 2008), o cônjuge acompanhante, principalmente aquele que não consegue emprego no país de destino, enfrenta problemas de adaptação ao novo local, já que não pode mais contar com os grupos de referência (família, amigos, trabalho) deixados no país de origem, sendo necessário buscar novos grupos com quem possa se identificar. Outra dificuldade enfrentada pelo profissional e sua família nos processos de expatriação é o afastamento físico da sua casa, ocasionando a saída da zona de conforto estabelecida (BUENO, 2004). Para Freitas (2005, 2006a), a montagem da nova casa é muito importante, uma vez que ela é uma fonte de referência pessoal “com forte apelo psicológico e afetivo” (FREITAS, 2005, p. 90).

Não se pode esquecer que a expatriação é um processo que tem começo, meio e fim (DOMINGUES; BUENO, 2006); em outras palavras, o processo termina somente quando o expatriado retorna ao seu país de origem, momento bastante delicado que é denominado repatriação. Freitas (2000a, 2000b) relata que é muito comum a falta de cuidado e de preparo das empresas em relação à volta do expatriado, que, às vezes, encontra “dificuldades que vão desde o ressentimento dos colegas até o fato de terem a sua experiência de alguns anos completamente invalidada pela indiferença dos chefes a respeito de suas novas habilidades e vivências” (FREITAS, 2000a, p. 36). No campo pessoal, o expatriado teve a oportunidade de viver novas experiências e adquirir novos conhecimentos e outras formas de lidar com determinadas situações, quer dizer, ele volta uma outra pessoa. O fato é que quem ficou pode ter definido interesses que não incluem quem esteve longe, ou seja, essa

outra pessoa (FREITAS, 2000a, 2000b, 2005). Sobre isso, Freitas (2005, p. 48) afirma que “o homem que volta é diferente do que partiu, ele espera encontrar o que deixou ou o conhecimento íntimo que ele tinha quando se foi, porém não é mais certo que encontrará as mesmas referências”.

Ao assumir a expatriação, deve-se pensar nela como um recomeço, quer dizer, como uma nova vida que vai se estabelecer, sendo necessário “romper laços afetivos, desestruturar certezas e costumes, participar de uma aventura definida no cotidiano” (FREITAS, 2000b, p. 2). Dessa forma, entende-se que o processo de expatriação tem aspectos positivos e negativos, não se esquecendo ainda do “peso” que a palavra expatriar carrega. De acordo com Freitas (2005, p. 40), a palavra expatriação, em português “ainda é dura, fere a sensibilidade e a identidade”. Para ela, usar a palavra “transferido” ou dizer que o profissional foi “ocupar” uma vaga em outro país torna-se mais adequado. Sobre isso, Cerdin (2002) esclarece que as empresas vêm substituindo “expatriação” por “mobilidade”, em virtude de a primeira conter a palavra pátria e o segundo termo possuir uma conotação mais neutra. A seguir será abordada a questão da mobilidade como um novo valor simbólico nas organizações (FREITAS, 2005, 2006b, 2008, 2009).

### **2.3.2 Mobilidade como novo valor organizacional e social**

O cenário atual vivenciado pelas organizações, no qual a interculturalidade figura como aspecto fundamental para a competitividade das empresas, sugere a necessidade de profissionais que se adaptem rapidamente às novas exigências do saber, da aprendizagem de novos códigos culturais, à convivência com o diferente, com a incerteza e com as ambiguidades e a necessidade de conviver com equipes multidisciplinares (FREITAS, 2000a, 2000b, 2005, 2008, 2009, 2010). Ainda segundo a autora, a convivência intercultural vem se tornando cada vez mais importante tanto na vida social quanto na organizacional. A necessidade de se oferecer respostas rápidas aos desafios impostos pelas novas situações decorrentes da globalização da economia se revela na chamada mobilidade (CERDIN, 2002; FREITAS, 2005, 2006a, 2006b, 2008, 2009). De acordo com Freitas (2008), há três tipos de

mobilidade relacionados à condição geográfica, a saber: a de capital, a de profissionais e a de organizações.

A mobilidade de capital, que se intensificou com o uso da informática e da *internet* e facilitou os processos de movimentação e de transferência de títulos e de capital com agilidade e segurança. Parte desse capital é destinado à especulação financeira e outra parte destinada à capacidade produtiva. Segundo Freitas (2008), com a informatização dos processos, não há necessidade de os participantes dessas operações se deslocarem para “avaliar contratos, negociar condições e avaliar propostas de investimento em lugares longínquos” (FREITAS, 2008, p. 84), eles comparecem apenas para fechar o contrato e tomar posse, pois o que realmente interessa nesse tipo de mobilidade é o retorno do capital investido (FREITAS, 2008).

No caso da mobilidade de profissionais, esta foi impulsionada pelos processos de reengenharias que, além de diminuírem as estruturas organizacionais, fizeram as empresas correrem em busca de novos mercados, ocasionando a movimentação de funcionários em todo o mundo. Para Freitas (2008, 2009), o trânsito de profissionais altamente qualificados vem sendo uma estratégia empregada pelas empresas para fazer frente ao cenário cada vez mais mutável. Essa movimentação de profissionais “pode ser feita por meio de recrutamento mundial para contratados locais ou pela expatriação de profissionais que já estão na empresa” (FREITAS, 2008, p. 85). Conforme aponta a autora, em alguns países da Europa, observa-se, com bastante frequência, a expatriação semanal, que envolve profissionais que moram em um país e trabalham em outro, mas voltam para casa no fim de semana (FREITAS, 2005, 2006b, 2008, 2009). Para a autora, esse novo modelo profissional altera o padrão de contratos internacionais e as relações de trabalho e familiares. São denominados “solteiros geográficos” (BARRERÉ-MAURISSON<sup>8</sup>, 2003 citado por FREITAS, 2005, 2006a, 2008, 2009).

No Brasil, não existem estudos que possibilitem identificar “profissionais nômades diários ou semanais” (FREITAS, 2008, p. 85). Ainda segundo a autora, existem, no entanto, sinais de que isso já vem ocorrendo, basta que se observe o número de

---

8 BARRERÉ-MAURISSON, M-A. *Travail, Famille: le nouveau contrat*. Paris: Folio/Gallimard, 2003.

usuários da ponte aérea das principais cidades do país em dias de semana e em determinados horários e que se atente também para o número de pessoas que se hospedam em hotéis e que marcam a opção “negócios” como motivo da viagem. Essas, conforme Freitas (2008, 2009), são evidências desse processo de nomadismo, embora esse recorte não possibilite contemplar os nômades diários. Na Europa, esse tipo de nomadismo é possível por causa da proximidade entre os países. Já no Brasil, país com grande extensão territorial, observa-se o trânsito de pessoas entre as cidades que apresentam grande potencial para negócios (FREITAS, 2008, 2009), chamado de mobilidade nacional (CERDIN, 2002), expatriação regional (FREITAS, 2005) ou mobilidade interna (FREITAS, 2008).

De acordo com Cerdin (2002), a mobilidade consiste na mudança de uma situação para outra. Com o enfoque nas situações de trabalho, a mobilidade pode ser vista pela dimensão geográfica; neste caso, o que está em jogo é o local de residência e do trabalho. Conforme Cerdin (2002), há dois tipos de mobilidade geográfica. A primeira relaciona-se à mobilidade nacional ou transferência nacional, que se refere à situação em que o indivíduo muda de cidade ou de região dentro de um mesmo país. Já a mobilidade internacional é aquela em que o indivíduo muda de país. Segundo o autor, estes são dois casos particulares de mobilidade geográfica, o que supõe uma série de características comuns, embora apresente algumas diferenças importantes. Na visão de Freitas (2009), a mobilidade surge como um novo capital simbólico nas organizações. Nessa linha de raciocínio, a autora conceitua mobilidade como:

[...] a capacidade, a disposição e o desejo que um indivíduo tem de mudar geograficamente e de interagir com diferenças em relação à sua cultura, à sua profissão, à sua empresa, ao seu cargo e aos seus saberes, fazendo ajustes que favorecem o seu melhor desempenho profissional e enriquecem a sua vida pessoal, ou seja, um indivíduo aberto a experiências novas, que confronte e alargue os limites dos seus conhecimentos, de suas experiências pessoais e profissionais, bem como as suas certezas culturais (FREITAS, 2009, p. 249).

Para a autora, a mobilidade deve ser vista de maneira ampla, considerando-se os fatores cognitivos e psicológicos unidos ao interesse natural do indivíduo por desafio, aventura, respeito pelo outro, tolerância, capacidade de se adaptar às ambiguidades e incertezas, entre outros (FREITAS, 2006b, 2008). Freitas (2009)

chama a atenção para o fato de as empresas transmitirem a ideia da mobilidade como uma opção individual, mas se nota que a mobilidade não é apenas um desejo pessoal do trabalhador, pois, no cenário econômico atual, existe uma verdadeira necessidade de as empresas terem, em seus quadros, funcionários que possam se adaptar a outras culturas facilmente e que tenham a vontade de experimentar viver de uma forma móvel (FREITAS, 2009). Isso significa afirmar que o profissional deve aceitar a mobilidade como uma forma de vida e construir múltiplas fontes de filiação e de identidade (FREITAS, 2008). Sabe-se que não há indivíduo sem sociedade, sem cultura e sem identidade, assim como não existe sociedade sem indivíduo e sem as instituições e nem instituições que funcionem em um vazio social. Ou melhor, indivíduos, organizações e sociedades são partes inseparáveis de um processo de composição desse novo cenário, em que a mobilidade surge como um valor-chave na questão intercultural (FREITAS, 2008).

Outro tipo de mobilidade que vem crescendo rapidamente é a mobilidade organizacional. Para Freitas (2005, 2006b, 2008, 2009), as empresas têm assumido cada vez mais um lado nômade e, frequentemente, mudam de país, de continente ou de uma região para outra. A autora salienta, ainda, que já não é tão incomum as empresas migrarem de um lugar para outro motivadas por incentivos fiscais, legislação trabalhista, custo da mão de obra, influência de sindicatos, entre outras questões. Na Europa, é constante o deslocamento de empresas inteiras, o que representa um grande desafio para os governos, devido ao baixo crescimento das economias desses países (FREITAS, 2005, 2006b, 2008, 2009).

Nota-se que há uma intensificação do movimento de mobilidade interna em países com grande extensão territorial como o Brasil, a Rússia, a China, entre outros. Nesses países, as regiões lutam para receber investimentos estrangeiros e oferecer melhores condições aos investidores, uma vez que os custos de instalação são mais competitivos apesar da especulação imobiliária (FREITAS, 2008). Já em relação à mão de obra qualificada, “esta pode estar ou não no local, visto que ela também é considerada móvel” (FREITAS, 2008, p. 86). Freitas (2008) aponta que a mobilidade organizacional só acontece porque existe a mobilidade de profissionais, isto é, uma é combustível para a outra.

Nesse contexto, percebe-se que não é apenas a vida profissional do trabalhador

que é afetada, mas também a vida familiar. Sendo assim, pressupõe que a mobilidade seja um valor não apenas organizacional, mas também social, pois a família, e, sobretudo, a esposa, tem um papel fundamental para o sucesso da mobilidade. Em função da família, a mulher abre mão de muitas conquistas, dentre elas, destaca-se a vida profissional, o que pode modificar a configuração identitária dessas mulheres.

### 3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O objetivo deste capítulo é apresentar os aspectos metodológicos utilizados nesta pesquisa, tais como: a abordagem qualitativa, em seguida, o método do Estudo de Caso, a unidade de análise e os sujeitos da pesquisa, e por fim, a técnica de coleta e análise de dados respectivamente.

#### 3.1 A abordagem qualitativa

Esta pesquisa se apoia em uma abordagem qualitativa, que, segundo Patton<sup>9</sup> (1986, citado por ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNADJER, 2001), parte do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e de que há sempre um sentido ou um significado para o seu comportamento, que não pode ser conhecido prontamente, mas, sim, desvelado. Godoy (1995) aponta que a pesquisa qualitativa parte de questões mais amplas que vão sendo definidas no decorrer do estudo. Além disso, implica na obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, buscando entender os fenômenos de acordo com a perspectiva dos sujeitos.

Ainda de acordo com Godoy (1995, p. 62-63), diante da diversidade de trabalhos que se denominam qualitativos, torna-se necessário distingui-los. Para isso, a autora aponta algumas características de uma pesquisa qualitativa, a saber: ela tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; possui caráter descritivo, isto é, a palavra escrita tem um importante papel, tanto na coleta dos dados quanto na elaboração dos resultados; o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida é a preocupação essencial do investigador e utiliza-se do enfoque indutivo para a análise dos dados. Já Alves-Mazzotti e Gewandsznadger (2001, p. 131) descrevem três características centrais dos estudos qualitativos: visão holística, ou seja, a compreensão do significado de

---

9 PATTON, M.Q. *Qualitative evaluation methods*. London: Sage, 1986.

um comportamento ou evento deve-se à possibilidade de entender a inter-relação que surge em um dado contexto; abordagem indutiva: definida como aquela em que o pesquisador parte de observações mais livres, deixando que dimensões e categorias de interesse manifestem-se progressivamente durante os processos de coleta e análise de dados; investigação naturalística: pressupõe que a intervenção do pesquisador no contexto observado seja o mínimo possível.

### **3.2 O método de estudo de caso**

Dentre os métodos que pertencem à abordagem qualitativa, o escolhido para a realização desta pesquisa é o estudo de caso, uma vez que o objetivo foi descrever e analisar como se configura a identidade de mulheres que migraram para Belo Horizonte em função do trabalho do cônjuge. Nesta pesquisa, foi escolhido o estudo de caso do tipo descritivo, pois, segundo Triviños (1987, p. 110), tem por objetivo “aprofundar a descrição de uma determinada realidade”. Além disso, ao realizar um estudo de caso, é necessário que o pesquisador tenha uma série de informações acerca do tema a ser pesquisado.

Yin (2005) aponta que, normalmente, o estudo de caso é uma alternativa adequada quando se pretende responder questões “como” e “por que”, além disso, é uma estratégia apropriada quando a possibilidade de controle sobre os acontecimentos é pequena e quando o foco de interesse se encontra em fenômenos atuais que estão inseridos em um contexto da vida real. Essas são as três condições básicas para se realizar um estudo de caso (YIN, 2005). Ainda segundo o autor, o estudo de caso pode ser utilizado em diversas situações e baseia-se no “desenvolvimento de um conhecimento que se inicia pela compreensão dos eventos particulares” (FRANCO, 1986, p. 4), que pode ser uma instituição, um evento, um grupo ou uma pessoa, sendo que o entendimento desses casos possibilita explicar a realidade concreta (FRANCO, 1986).

Ao projetar um estudo de caso, é necessário optar por projetos de caso único ou de casos múltiplos (YIN, 2005). Um dos objetivos do estudo de caso único “é capturar



as circunstâncias e condições de uma situação [...] do dia a dia” (YIN, 2005, p. 63). Nesse ponto, vale ressaltar que esta pesquisa consiste em um estudo de caso único, com um grupo de mulheres, em função do fenômeno observado.

### **3.3 Unidade de análise e sujeitos da pesquisa**

Alves-Mazzotti e Gewandsznadger (2001) relatam que a expressão unidade de análise refere-se à maneira como os dados serão organizados para posteriormente serem analisados. A definição da unidade de análise implica em decidir sobre o que realmente se deseja pesquisar – uma organização, um grupo, subgrupos de uma comunidade ou determinados indivíduos. Para cada um desses casos, tem-se uma unidade de análise diferente. Pode-se tratar a organização como um todo ou analisar os grupos e até mesmo os indivíduos separadamente. É possível, também, utilizar mais de uma unidade de análise para o mesmo estudo. Ainda de acordo com Alves-Mazzotti e Gewandsznadger (2001), a escolha do campo onde serão coletados os dados é proposital. O pesquisador escolhe os participantes da pesquisa em função das questões de interesse do estudo e das condições de acesso e permanência no campo e da disponibilidade dos sujeitos.

A unidade de análise foi um grupo de mulheres que, em um dado momento, optou por mudar de cidade em função do cônjuge, que trabalhava em uma empresa multinacional, considerada uma das melhores empresas para se trabalhar no Brasil, segundo a revista Exame 2010. Vale ressaltar que o interesse desta pesquisa é no indivíduo, sendo assim, não foram entrevistadas pessoas que trabalham na empresa, embora isso possa ser objeto de estudo no futuro.

Os sujeitos desta pesquisa foram quatro mulheres escolhidas pelo critério de acessibilidade (ALVES-MAZZOTTI E GEWANDSZNADJER, 2001), ou seja, pela facilidade de acesso às entrevistadas e pela disponibilidade dessas mulheres em participarem da pesquisas. O primeiro contato ocorreu no início do ano de 2010. Foi enviado um *e-mail* às mulheres com as quais a pesquisadora mantém um contato direto, a fim de verificar o interesse de elas em participar da pesquisa. Seis mulheres

foram contatadas e somente quatro se dispuseram a conceder a entrevista. Nessa ocasião, foi exposto o objetivo da pesquisa, os procedimentos para a coleta de dados e a garantia do anonimato tanto das mulheres entrevistadas quanto da empresa em que o cônjuge trabalha. Com o intuito de preservar a confidencialidade das informações prestadas utilizaram-se nomes fictícios para cada uma das mulheres, bem como para os outros “personagens” que aparecem ao longo das narrativas. Os dados referentes à caracterização dos sujeitos da pesquisa pode ser verificado no QUADRO 1.

Nome	Idade	Cidade Natal	Graduação	Pós-graduação	Tempo em Belo Horizonte	Filhos
Laura	33	Divinópolis/MG	Farmácia	Mestre em Farmácia	Três anos e meio	Não
Lavínia	29	São José dos Campos/SP	Comunicação Social	Não	Dois anos	Um
Luiza	32	Taporã/ MS	<i>Designer</i> de Interiores	Não	Três anos e meio	Não
Luana	29	Florianópolis/SC	Psicologia	Especialista em Gestão de Pessoas	Quatro anos	Não

Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos de pesquisa.  
Fonte: Dados da pesquisa.

### 3.4 Técnicas de coleta de dados

Para a coleta de dados, optou-se pela entrevista, considerada por Yin (2005, p. 116) como “uma das mais importantes fontes de informação para um estudo de caso”. Ludke e André (1986) apontam que a entrevista sugere uma relação de interação entre o pesquisador e o pesquisado e, enquanto houver um clima de estímulo e reciprocidade, as informações fluirão de forma verdadeira. Dentre as vantagens desse tipo de coleta de dados, pode-se destacar que a entrevista possibilita ao entrevistador fazer correções, esclarecimentos e adaptações, permitindo, ainda, a obtenção imediata das informações desejadas. Nesta pesquisa, utilizou-se a entrevista semiestruturada, pois, segundo Triviños (1987, p. 146) esse tipo de entrevista “ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”. Ela geralmente parte de

questionamentos básicos, apoiados em teorias e questões de interesse do pesquisador, gerando um amplo campo de interrogativas que vão surgindo a partir das respostas dos entrevistados (TRIVIÑOS, 1987).

A coleta de dados foi realizada pela pesquisadora com o auxílio de um roteiro de entrevista semiestruturada (APÊNDICE A). Foram entrevistadas quatro mulheres que manifestaram o interesse em participar da pesquisa. As entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade de data e horário de cada uma das mulheres. Uma entrevista foi realizada na casa da pesquisadora, as outras três foram realizadas na casa de cada uma das mulheres. A primeira foi realizada no dia 26/10/2010, a segunda, no dia 03/11/2010, a terceira, no dia 04/11/2010 e a quarta entrevista no dia 18/11/2010. Todas foram gravadas com o consentimento das mulheres totalizando quase quatro horas de gravação, variando de 41m e 20s a 1:18:18hs. Durante as entrevistas, as mulheres expressaram algumas emoções, como o choro, as falas emocionadas, o riso e um pouco de ansiedade para falar. Foi possível notar a dificuldade que algumas mulheres tiveram ao falar de alguns temas solicitados, bem como de temas que surgiam espontaneamente no decorrer da entrevista. Uma delas, mostrava-se muito segura e bem adaptada à nova situação.

### **3.5 Técnicas de análise de dados**

Para iniciar a análise dos dados a gravação das entrevistas foi ouvida diversas vezes com o objetivo de promover a familiarização com o conteúdo e a estrutura das narrativas. Em seguida, foi feita a transcrição das entrevistas na íntegra pela própria pesquisadora, gerando 80 páginas de texto. Segundo Gibbs (2009), uma das vantagens de fazer a própria transcrição é a possibilidade de iniciar imediatamente a análise dos dados. Após a textualização dos dados, o conteúdo foi lido diversas vezes e foi organizado em forma de narrativas, foram definidas as categorias para, em seguida, aplicar a técnica de análise de conteúdo, que segundo Bardin (1977), consiste em um conjunto de técnicas que, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos, visa obter a descrição do conteúdo das mensagens, gerando indicadores, quantitativos ou não, que permitem fazer inferência de conhecimento relativos às mensagens. De acordo com Franco (2007), a análise de conteúdo exige que as

descobertas tenham relevância teórica, ou seja, um dado sobre o conteúdo de uma mensagem deve estar relacionado a um outro dado. Dessa forma, a análise de conteúdo envolve comparações contextuais, visando ao entendimento das semelhanças e diferenças entre o conteúdo das entrevistas e a teoria proposta.

Franco (2007) aponta duas possibilidades de elaborar categorias: as que são definidas *a priori*, ou seja, “as categorias e seus respectivos indicadores são predeterminados em função da busca a uma resposta específica do investigador”; e as que não são definidas *a priori* “emergem da 'fala', do discurso, do conteúdo das respostas e implicam constante ida e volta do material de análise à teoria”. De acordo com Gibbs (2009, p. 60), a codificação ou categorização é uma maneira de “indexar ou categorizar o texto para estabelecer uma estrutura de ideias temáticas em relação a ele”. Durante o processo de análise de dados, o autor chama a atenção para a necessidade de codificar os dados não apenas de forma descritiva, mas sobretudo de forma teórica e analítica. Dessa forma, emergiram as seguintes categorias: a) motivos da renúncia à carreira; b) como a renúncia à carreira interfere na configuração da identidade; c) a vida de esposa, subdivida em: adaptação à nova cidade; o apoio da empresa às famílias e a mobilidade como novo valor organizacional e social; d) identidade que abrange os aspectos que facilitam e dificultam a sua configuração; e) as estratégias utilizadas pelas mulheres para se adaptarem à nova situação.

## 4 AS HISTÓRIAS DAS MULHERES

Este capítulo destina-se à apresentação dos dados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas com quatro mulheres que vivenciaram a experiência de mudar de cidade em função do trabalho do cônjuge. Optou-se por apresentar os dados em forma de narrativas para, em seguida, analisá-las por meio da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

### 4.1 A Laura

Laura tem 33 anos, nasceu e foi criada em Divinópolis e tem mais três irmãos, um deles foi adotado e, depois da adoção, a mãe dela resolveu ter outro filho para fazer companhia a ele. Ela veio de uma família muito simples que sempre trabalhou muito para que os filhos pudessem ter educação e o sonho dos seus pais era ver os filhos formados em nível superior, pois os mesmos só tiveram essa oportunidade depois de adultos. Ela conta também que o seu sonho era estudar em outra cidade e resolveu ir para Ouro Preto fazer a Faculdade de Farmácia. Foi morar em uma república de estudantes e isso foi muito importante, pois, antes de entrar na faculdade, estudava em escola particular e convivia com pessoas de uma classe social muito diferente da dela e isso a incomodava um pouco:

[...] minha família era muito simples e eu sempre estudei em escola particular e o pessoal tinha muito dinheiro, então, isso sempre era um conflito para mim, porque eu nunca podia viajar, fazer as coisas que eles faziam, ter as roupas que eles tinham, era tudo muito ruim [...].

Quando foi morar em Ouro Preto, teve a oportunidade de conviver com pessoas mais simples e isso a ajudou muito, e ela diz que foi lá que ela “se encontrou”. Nos seus relatos, Laura revela que estudou muito e se sentia muito realizada por ter conseguido fazer o curso que gostava e foi em Ouro Preto que ela conheceu o Ricardo, a relação deles deu certo e eles estão casados há 10 anos. Depois da formatura, ela e o marido foram para Divinópolis e ficaram dois anos. Durante esse

tempo em que ficou em sua cidade natal, ela aponta que foi profissionalmente a melhor época da sua vida:

[...] eu voltei, e consegui zilhões de emprego, porque meu [...] pai era conhecido [...] então, ele conseguiu para mim um contato com um dono de farmácia de uma rede que [...] na época era a maior, então eu comecei a trabalhar [...] e eu estava mega feliz e eu ganhava bem porque eu ficava na farmácia, ficava no hospital [...].

Nesse período, a vida profissional estava caminhando bem, mas o seu marido queria fazer doutorado e para isso eles teriam que mudar de cidade. Mudaram-se para São Carlos/SP e foram morar em um apartamento “super lindo” e isso foi uma das coisas que a confortou, pois ela estava gostando do lugar e das pessoas com as quais ela e o marido estavam tendo contato. Porém, ela não estava conseguindo trabalho e, na sua percepção, existe um preconceito dos paulistas em relação ao mineiro:

[...] o pessoal de São Paulo [...] acha que o mineiro é meio devagar, acho que é porque eles são muito acelerados [...] tudo tem que ser rápido e a gente é meio devagar mas a gente [...] também é eficiente e resolve as coisas [...] não consegui nada.

Conseguiu um emprego em uma drogaria, mas ficou apenas dois meses, pois era só ela e um balconista que ficava o tempo todo competindo com ela. Em seguida, compraram um apartamento em São Carlos/SP, e ela conta que foi uma época muito difícil financeiramente, pois a única renda da família era a bolsa de doutorado do marido. Sem trabalho, ela resolveu aproveitar o que a cidade tinha para lhe oferecer e foi fazer mestrado em farmácia e revela que a sua bolsa demorou mais de um ano para sair. Depois de muito sufoco, concluiu o mestrado em dois anos e dois meses. Em seguida, foi passar um ano nos EUA em função do doutorado sanduíche do marido e revela que foi uma experiência muito importante, já que ela sempre teve vontade de conhecer outro país, mas não imaginava que um dia seria possível realizar esse sonho e, embora estivesse muito feliz em vivenciar essa experiência, ela não esconde a frustração de mais uma vez não conseguir trabalho e relata:

[...] de novo eu não conseguia trabalho e eu já estava ficando traumatizada. Porque será que eu não conseguia? Tem alguma coisa errada comigo, eu consegui tanto em Divinópolis, deu tão certo que eu tinha que recusar coisa [...] e nos outros lugares eu não estava tendo uma boa experiência, mas ok.

Ao final do período do doutorado sanduíche, eles voltaram para São Carlos/SP. Ela

conseguiu um trabalho em uma farmácia e uma coordenadora de uma faculdade a chamou para lecionar. Mas o seu marido recebeu uma proposta de uma empresa multinacional para trabalhar em Belo Horizonte. Laura veio para Belo Horizonte em abril de 2007 e conta que uma das coisas que teve que deixar para trás foi a “vida profissional que estava começando a engatilhar”, e deixou também alguns amigos “que são do coração” e ela sente muita falta deles, porque, segundo ela, amizade não se conquista da noite para o dia. Mas ela trouxe experiência, maturidade e mesmo sendo tão difícil, a mudança também tem coisas boas e enriquecedoras. Finaliza dizendo que também trouxe muita ferida. Declara que não é possível visitar o seu passado com muita frequência devido à correria do dia a dia, mas a família eles tentam visitar uma vez por mês. Já os amigos, o contato normalmente é feito por *e-mail* ou telefone, os encontros acontecem raramente. Depois de visitar o seu passado fica muito triste e demora uma semana para se readaptar, ela conta:

[...] é horrível de tristeza, sabe aquela dorzinha, é assim uma semana, aí depois na outra, eu já estou no ritmo de novo [...] é sempre assim [...].

Revela que chegou em Belo Horizonte muito fragilizada, pois se considera uma pessoa que tem muita dificuldade de mudar e, na realidade, ela gosta mesmo é da estabilidade, ou seja, da segurança e do conforto que ela pode proporcionar. Ela conta que enfrentou muitas dificuldades quando chegou à capital mineira, entre elas o medo da cidade grande, a questão da distância e a dificuldade de encontrar um apartamento para alugar. Inicialmente, moraram em um apartamento de um conhecido da tia do marido dela até encontrar um lugar do jeito que eles queriam para morar. Com o tempo essas dificuldades foram diminuindo, ela foi conhecendo as esposas dos meninos que trabalham na empresa, foi se aproximando dos parentes do seu marido, especialmente de uma prima dele que mora em Belo Horizonte e reencontrou uma amiga que morou com ela em Ouro Preto e relata:

[...] então, eu fui resgatando essas pessoas e isso me ajudou muito, ter amizade ajudou muito e foi ficando mais leve, que aí a gente começou a sair, né?.

Começaram a sair um pouco mais, conhecer melhor a cidade e finalmente conseguiram arrumar um apartamento, ainda não era exatamente o que eles queriam, mas ela já não sentia tanto aquela sensação de improviso que era no

apartamento anterior. Depois de colocar a casa em ordem, começou a pensar na sua vida profissional e tentou arrumar trabalho na sua área de atuação, mas sentiu muita dificuldade de reinserção no mercado de trabalho e revela que, no primeiro ano, não conseguiu nada. Em 2009, conseguiu um emprego em uma faculdade e começou a dar aulas, mas o curso de farmácia foi fechado. Nesse mesmo ano, começou a trabalhar em uma empresa de produtos químicos, passou por um processo de seleção de três meses e declara como foi importante participar desse processo:

[...] o processo de seleção me fez super bem, porque eu falei: nossa não estou tão mal, porque eu não conheço ninguém e fiz um processo de três meses de seleção e fui selecionada e tinha muita gente boa, e eu fiquei muito feliz [...] isso me ajudou um pouquinho, pelo menos não estou tão errada assim [...].

Laura relata que o serviço era muito bom, pois ela tinha que lidar com pessoas de outros países. Porém estava trabalhando quase 60 horas por semana e não estava tendo tempo de fazer coisas básicas. Era um momento difícil, porque a empresa havia sido comprada e eles estavam em processo de adaptação às regras da empresa compradora e o clima era de muita insegurança. Em junho de 2010, ela saiu da empresa pois não estava mais suportando tanta cobrança. Nessa época, ela já não tinha mais vida social, apenas trabalhava. Agora está entrando em um ritmo mais calmo, terminou os cursos que estava fazendo e vai alugar uma sala para trabalhar com depilação a laser e acupuntura. Segundo ela, os cursos são mais uma tentativa de “arrumar” a vida profissional, já que atuar na sua área está cada vez mais difícil, e ela conta:

[...] porque nenhuma farmácia me quis, eu deixei meu currículo em um monte de farmácia e [...] falei: moça eu trabalho para você de graça, eu faço estágio aqui um mês, só para você me conhecer, depois [...] se você não quiser tudo bem [...] nem isso, nada, o que eu já fiz assim para conseguir alguma coisa e nada, porque eu não queria deixar a farmácia, eu gosto “pra caramba”, mas ok.

Ela conseguiu também umas aulas em uma faculdade em Itabirito, mas é apenas uma matéria de quatro horas por semana e ela já foi contratada sabendo que o curso será fechado. São essas aulas que permitem a Laura ter uma renda hoje, mas ela ficou muito tempo dependendo do Ricardo e, mesmo ele a deixando livre para gastar da forma que ela achar melhor, ela diz que não consegue ficar à vontade. Na



sua percepção, ele não tem obrigação de sustentá-la, porque o tempo mudou. Ela conta que, na família dela, tanto a mãe quanto o pai dela trabalham, já a mãe do Ricardo sempre foi dona de casa, mas isso está mudando e relata:

[...] dá a impressão que eu estou saudável, formei e não estou trabalhando para ter uma renda mínima própria, para contribuir e ajudar em casa? [...] hoje em dia, a gente tem que ser independente e ficar a vontade para lutar junto, crescer junto, mas [...] essa parte individual tem que acontecer e quando eu não tenho dinheiro [...] que eu ganhei é horrível, péssimo.

Revela que pretende continuar lecionando pois acredita ser uma forma de manter-se em contado com a farmácia. Ela declara que o trabalho não é a coisa mais importante da sua vida, pois o mais importante é a família e o seu marido faz parte da sua família, mas o trabalho é considerado por ela como “um segundo plano, mas um segundo plano de peso”. Como ela ainda não conseguiu se estabilizar profissionalmente, ela percebe que algumas pessoas que estão a sua volta sofrem, ela se refere aos pais. Diz que eles ficam tristes ao vê-la tão angustiada por causa da profissão. O seu marido também sofre se ela não estiver bem e ele pode achar que a culpa é dele, e com certeza o rendimento dele pode cair. Declara que, se ela começar a demonstrar tudo o que ela sente, a vida profissional dele pode ser afetada. Logo que chegou em Belo Horizonte, demonstrava muito a sua frustração e ele estava ficando muito desanimado, ela começou a fazer terapia e diz que desabafa com o psicólogo, relata:

[...] ai eu parei de demonstrar isso para ele, então tem uns anos já, tem três anos e meio deve ter uns três anos que raramente eu comento alguma coisa com ele [...] e como eu estou na terapia então eu demonstro tudo para o meu psicólogo [...]

Com tanta dificuldade em retomar a sua vida profissional, Laura revela que ainda não parou para pensar se está satisfeita com a decisão de mudar de cidade. Mas acredita que já valeu a pena pelo Ricardo e mesmo que eles não fiquem por muito tempo em Belo Horizonte, o período em que ficaram já foi muito importante para ele profissionalmente e pessoalmente, porque ele se sente muito realizado e ela se realiza com ele realizado. Mas ela conta que, hoje, não saberia dizer se está satisfeita com a mudança, revela:

[...] eu acho que nunca parei para pensar se eu estou satisfeita [...] porque eu acho que vale a pena pelo Ricardo, eu acho que valeu a pena por ele

[...] profissionalmente foi muito importante, ele é muito realizado, ele gosta muito e isso me ajuda também [...].

Laura revela que algumas pessoas foram muito importantes para ela durante a fase de adaptação, entre elas, os seus pais que sempre a apoiaram muito e a veem como uma filha muito dedicada, uma esposa muito dedicada, muito determinada e esforçada, “mas meio doida também com um parafuso a menos”. Mas, sem dúvida, o Ricardo foi a pessoa mais importante para ela durante essa fase. Ela diz que sempre pôde contar com o apoio dele, principalmente em relação à vida profissional e que, em todos os cursos que ela resolveu fazer, ele sempre a incentivou muito. Esse é um dos motivos que a faz pensar que todas as dificuldades enfrentadas até agora em função da mudança valeu a pena, ela relata:

[...] ele está sempre me apoiando, sempre me ajudou. Por exemplo: eu quero fazer o curso de acupuntura, que eu acho que é uma saída para a minha profissão, então, vamos fazer amor, vamos fazer mesmo, sabe? sempre esse apoio, ah! vou mexer com laser, vai fundo e ai ele empolga [...] o que ele pode fazer ele faz, assim de apoio, de incentivo, ele é muito companheiro, de ajudar, de querer que as coisas deem certo também [...].

Além dos seus pais e do seu marido, ela conta que as amizades que ela fez em Belo Horizonte também foram fundamentais para a sua adaptação. Revela que tem vários amigos e apesar de não se encontrarem com frequência, ela sabe que são pessoas que estarão sempre disponíveis. Alguns amigos mais próximos e especiais para ela são: a Beatriz, a Luiza, o Jonas, a Rafaela, a prima do Ricardo e eles representam “essa coisa de carinho, de acolhimento, de segurança, de suporte, de não se sentir tão sozinha”. Ela observa que os amigos mais próximos acabam sendo as esposas dos meninos da empresa, ou seja, são amigos e colegas do marido dela e depois a família. Mas também tem os amigos que, na verdade, são colegas e tem o pessoal que ela conheceu na empresa em que trabalhou e da academia que também são importantes para se sentir amparada. Ela menciona que as dificuldades vão diminuindo ao longo do tempo, mas elas ainda existem e que, para enfrentá-las, ela chorou e ainda chora muito. E mais uma vez, ela menciona o fato da questão profissional que ainda não está resolvida, e conta:

[...] ainda tem muita dificuldade, por exemplo, meu trabalho não está estável, eu estou com esperança mas não dá para você saber, é tudo muito incerto [...].

Laura conta que tem gostado muito de dormir, mas também gosta de sair para se divertir, acampar, “ir para o mato”, ir ao cinema, gosta de ler, entre outras coisas. Ressalta que uma das coisas com as quais tem tido dificuldade é enfrentar os problemas, ou seja, “enfrentar essa realidade de não estar com a profissão adequada” tem sido, constantemente, difícil para ela. Revela que o seu comportamento mudou bastante desde que chegou a Belo Horizonte. Ela conta que, em alguns casos, as mudanças são positivas, “porque é preciso se adaptar a rotina do lugar em que você está vivendo”. Segundo ela, uma das mudanças identificadas refere-se ao jeito de lidar com as pessoas, pois normalmente ela se envolve e se dedica demais, e hoje ela não está mais tão dedicada como era antes. Declara também, que passou a aceitar mais a vida e aprendeu a abrir mão de mais coisas, revela:

[...] você deixa de lutar, porque acho que o que mais dói, toda mudança é assim, seja ela qual for, você tem um rompimento de coisas, então você tem que readaptar tudo, [...] isso aqui é importante, isso aqui não é, eu posso deixar para lá [...] a gente vai mudando [...] é um pouco menos difícil [...] quando você tem que mudar [...].

Em relação às mudanças no seu comportamento, ela conta que o seu marido sempre faz comentário, enfatizando o lado positivo, “porque aí eu fico mais leve”. Já os seus amigos nunca comentaram nada a respeito, mas a sua mãe acha que ela está mais esperta para resolver as coisas. Quando está com dificuldade ou sente necessidade de conversar, a maioria das vezes, ela chora e desabafa sozinha e com o seu psicólogo. Além disso, ela conta que:

[...] eu tento sair, conversar um pouco, pensar ajuda também, e sempre que a gente encontra com os amigos mais próximos, de certa forma desabafa, sempre troca experiência [...].

No que diz respeito à empresa em que o seu marido trabalha, ela revela que a visão que ela tinha mudou muito, inicialmente era muito ingênua. Para os meninos que trabalham, é uma empresa muito séria, correta em termos trabalhistas, mas, em relação ao apoio às famílias, ela conta que não teve. Ela esperava um “acolhimento, um ambiente para você ter amizade”, esperava apenas que a empresa abrisse um espaço para os encontros das esposas e com isso elas pudessem fazer amizade. Mas ela notou também que a falta de ajuda pode ter sido influenciada pela crise

mundial de 2009. Uma das funcionárias da empresa chegou a conversar com ela e falou de alguns eventos que estavam planejando fazer, mas não aconteceram. Ela foi percebendo que, com o tempo, as pessoas foram fazendo amizade com as esposas dos maridos que eram mais próximos e a situação foi melhorando, pois, para ela, fazer amizade influencia muito para o lado positivo. Porém, a falta de apoio da empresa a decepcionou muito, ela conta:

[...] eu fui decepcionando [...] se eu tivesse lá eu tenho certeza que eu apoiaria sem custos [...] eu incentivaria, eu faria coisas para ajudar, porque tinha muita esposa que chorava [...] que ficaram mal porque tinham deixado família, gente de longe, então eu ajudaria.

Os planos para o futuro hoje são comprar ou alugar um outro apartamento e resolver a vida profissional. Laura conta que planejava ter filhos, mas o seu marido não quer, ela já aceitou e não mais inclui a maternidade nos seus planos. Ela revela que a prioridade é tentar ter vida mais saudável, trabalhar muito, mas ter tempo para descansar. Ela conta que planeja um pouco como estará a sua vida daqui a 10 anos, mas nem sempre os planos se concretizam. Mas, o que ela mais queria era se estabilizar profissionalmente, ela revela:

[...] mas, eu queria ficar mais aliviada, porque é muito bagunçada a minha vida, nossa, não sinto estabilidade emocional não, nossa influencia muito essa parte da profissão, então eu queria estar estável [...].

Laura declara, ainda, que o seu sonho é morar no interior, o que, no entanto, ela admite consiste em “uma ilusão” uma “ideologia”, porque em cidade pequena não há oportunidades de trabalho para o marido dela. Pode ser que, quando eles se aposentarem, ela consiga se mudar para uma cidade pequena, hoje, isso não é possível, mas ela revela que se mudaria com muita tranquilidade.

## **4.2 A Lavínia**

Lavínia tem 29 anos, nasceu em São José dos Campos, no interior de São Paulo, é filha de pais separados e foi criada por sua avó e seu pai. Ela tem dois irmãos e hoje é mãe de um bebê de 5 meses. Ela estudou em um colégio técnico em São José

dos Campos onde fez o curso de Administração de Empresas e, antes de concluir o curso técnico, já estava fazendo estágio na Caixa Econômica Federal e foi nessa época que ela descobriu um grande talento em lidar com pessoas e resolveu entrar para a faculdade de Comunicação Social com ênfase em relações públicas. No início da sua carreira, trabalhou em uma empresa de cobrança ligada a CEF, em seguida foi para uma construtora e incorporadora e teve a oportunidade de trabalhar também na *General Motors* do Brasil em São José dos Campos. Depois, passou por um processo de seleção para um estágio na Nestlé, era um estágio bastante concorrido e, dentre umas duzentas pessoas que estavam participando, ela foi uma das selecionadas. Depois do estágio, foi efetivada e trabalhou na fábrica de chocolates da Nestlé em Caçapava, ficou por dois anos e foi promovida e transferida para a sede da empresa em São Paulo. Nessa fase, mudou um pouco de área e foi para o departamento corporativo onde coordenava os brindes corporativos da Nestlé no Brasil e trabalhava também com responsabilidade social. No último ano, foi para o departamento de recursos humanos e teve alguns conflitos pessoais, não se adaptou e resolveu sair da Nestlé. Nesse período, voltou para sua cidade natal e abriu a sua própria empresa e realizava trabalhos de comunicação para o SENAI, a Polícia Militar, e outros. Foi quando Lavínia e Rafael se reencontraram. Na realidade, eles se conheceram em Barretos/SP, estavam de “namorico”, mas na época, não assumiram a relação; primeiro, porque ela tinha acabado de ser promovida na empresa em que trabalhava e ele estava passando pelo processo de seleção de uma multinacional para trabalhar em Belo Horizonte. Ela conta que eles ficaram quase um ano “enrolando”, sem coragem de assumir a relação por causa da possibilidade de ele mudar de cidade, e conta:

[...] a gente estava em momentos diferentes, eu não estava disposta a abrir mão do meu trabalho para vir para Belo Horizonte, para investir em uma relação que ainda não tinha tanta história [...].

Então, há dois anos eles se reencontraram e resolveram oficializar a relação. Mas a distância não estava deixando as coisas evoluírem. Ele já estava com um emprego estável em Belo Horizonte e ela recomeçando a vida profissional no interior de São Paulo, foi então que ele achou que a opção mais viável seria ela vir para a capital mineira. Ela decidiu vir e teve o total apoio da sua família, especialmente do seu pai, do seu tio e da sua avó e isso a fez se sentir mais segura. Recebeu também o apoio

de uma grande amiga, que dizia que já estava na hora de ela decidir e dar uma chance para a sua relação com o Rafael, porém conta que a sua decisão foi “uma loucura”, declara:

[...] eu conhecia o Rafael há muito tempo, mas a gente namorava oficialmente há um mês só. Então na minha cabeça, por mais que eu achasse que pudesse dar certo, mas para mim era uma loucura eu tinha muito medo dessa loucura não dar certo [...].

Ela chegou em Belo Horizonte em setembro de 2008 e revela que veio com a seguinte teoria: “eu vou procurar emprego e se eu achar mesmo eu fico”. Inicialmente, veio para ficar de um a três meses para procurar emprego e relata que chegou em Belo Horizonte em um domingo e, na segunda-feira, ligaram para ela de uma agência de comunicação, chamando-a para uma entrevista, ela foi aprovada e começou a trabalhar na quarta-feira, ou seja, não enfrentou dificuldade de conseguir emprego logo que chegou na cidade, mas sentiu uma grande diferença entre o mercado de trabalho mineiro e o paulista, revela:

[...] eu tive facilidade para conseguir trabalho, mas achei difícil porque o mercado aqui é diferente do de São Paulo [...] mas é uma questão mesmo de mercado, eu estava no centro onde tudo acontece no Brasil, acho que nem dava para ter muita expectativa de que fosse a mesma coisa. Mas é frustrante profissionalmente [...].

Lavínia revela ainda que o fato de ter conseguido emprego rapidamente foi um dos motivos que a fez ficar, no entanto, foi um ano de crise e a agência em que ela estava trabalhando prestava serviço para a Vale e, no final de 2008, a empresa rescindiu o contrato com a agência e ela e mais 19 pessoas que foram contratadas especialmente para prestar serviços para a Vale foram demitidas. Conta que, nesse momento sentiu-se muito insegura, principalmente em relação a sua independência financeira. Ela menciona que tinha um dinheiro guardado, mas ele não seria eterno e ela não sabia como seria a sua relação financeira com o marido, já que eles não haviam se casado oficialmente. Declara que não estava preparada emocionalmente para pedir dinheiro a ele e diz: “eu não fui criada para isso”, então foi um momento de muita insegurança, mas ela conta o lado positivo dessa história:

[...] eu acho que foi bom [...] porque a relação fortaleceu ainda mais, ele me passou muita segurança e ele falou que isso fazia parte [...] ele me fez na verdade ver um outro lado da relação, de amor, de cumplicidade que eu ainda não tinha vivido [...] que o dinheiro não importava, que a gente tinha

que compartilhar e que nesse momento o que era dele era meu também e que mais para frente quando eu pudesse oferecer pronto e acabou.

Ela conta que foi muito difícil aceitar isso por um tempo, principalmente em função do seu histórico de independência emocional e econômica, mas, hoje, não há mais problemas:

[...] eu acho que nesse momento teve uma dor, teve uma angústia, teve uma indecisão, teve medo, mas a relação era mais forte que tudo isso.

Depois de superar esse momento, ela resolveu continuar em Belo Horizonte. E como era um ano de crise, não foi tão fácil conseguir outro trabalho. Declara ter conseguido alguns *freelance*, mas nada que tivesse boas perspectivas. Ficou alguns meses sem trabalhar, ela não se lembra exatamente quanto tempo ficou sem trabalho e conta que, em uma das tentativas de readaptação profissional, tentou abrir uma loja de lingerie com uma amiga, mas não deu certo. Em seguida, voltou a trabalhar na mesma agência que trabalhou quando chegou em Belo Horizonte e ela conta que passou por uma experiência profissional interessante. Em São Paulo, ela trabalhava mais no escritório, era um trabalho mais burocrático, mais político. Em Belo Horizonte, ela começou a produzir eventos, “pôr a mão na massa mesmo”. Foi uma experiência que agregou muito, mas era um trabalho que tinha uma rotina muito agitada, cada dia ela estava em uma cidade diferente. Revela que teve a oportunidade de conhecer várias cidades do interior de Minas Gerais nessa época e que foi muito válido para a sua carreira. Ela declara que, apesar de ter gostado muito, não pretende voltar a trabalhar nesse ritmo, era muito pesado, ela viajava muito e, quando engravidou, optou por deixar o trabalho, relata:

[...] talvez agora no futuro quando eu volte a trabalhar, eu não volte a trabalhar nessa área porque eu não quero, quero ter uma rotina menos tumultuada, porque agora a minha vida está diferente, agora eu tenho a minha família, tenho o marido e tenho o meu filho, então eu não estou disponível, eu não quero mais fazer isso.

Ela brinca que a sua rotina hoje é amamentar de duas em duas horas, ou seja, é dedicada exclusivamente à família. Ela conta que o bebê foi mais ou menos planejado, na verdade, eles tinham o plano de se casar no início de 2010 e depois “encomendar um filho, só que ele teve mais pressa”. Diz que não foi uma gravidez de risco, mas foi uma gravidez em que ela passou muito mal e como a rotina de

trabalho era pesada, ela decidiu parar e cuidar do seu filho, declara:

[...] então eu quis parar, para cuidar do meu filho, para viver esse momento, então minha rotina é integralmente dedicada ao meu filho e ao meu marido.

Lavínia conta que está muito satisfeita com a decisão de se mudar para Belo Horizonte e revela que teve um momento de adaptação e que as coisas aqui são bem diferentes do que ela vivia em São Paulo, mas ela está muito feliz com a família que constituiu em Belo Horizonte. Ela menciona que teve que deixar para trás especialmente os seus amigos, pois, para ela, as verdadeiras amizades são construídas até uma fase da vida, depois, torna-se mais difícil construir amizades sinceras e as coisas ficam mais superficiais. Deixou também parte da família, mas ela diz que a questão de deixar a família não foi muito dolorosa, pois ela morava sozinha desde os 18 anos, porém não deixa de sentir saudade dos seus familiares. Declara que visita o seu passado sempre que pode, hoje, com uma frequência bem menor por causa do bebê, mas eles sempre viajam para visitar as famílias e revezam: um ano passam o natal com a família dela e o ano novo com a família dele e vice-versa. Além disso, sempre mantêm contato pelos meios de comunicação que existem hoje e são de fácil acesso. Diz que, quando visita o seu passado, sente-se um pouco melancólica, que tem uma saudade, mas não é uma saudade que a faz sofrer. Ela relata que, quando veio para Belo Horizonte, trouxe a sua história, a sua vivência, a sua maturidade e o seu amor para construir a relação que ela tem hoje. Ela acredita que a vida é um ciclo e, a cada momento, vive-se coisas diferentes, portanto, é necessário aceitar para não sofrer, e declara:

[...] porque eu acho que tudo isso fez com que eu fosse a pessoa que eu sou hoje, e por isso eu tive a estrutura que eu tenho, porque eu vejo gente sofrendo demais, que não consegue esquecer o passado, não consegue esquecer a família, não consegue realmente esquecer o que deixou.

[...] eu costumo não sofrer muito, ficar “dando murro em ponta de faca” para não ficar sofrendo, então a minha filosofia é essa, de não ficar vivendo de passado. Eu tenho muita coisa boa hoje para viver, então eu estou aproveitando esse momento hoje.

Ela declara que deixou para trás também a vida profissional, porque em São Paulo ela tinha uma carreira promissora e em Belo Horizonte ela não tem a mesma perspectiva. Lavínia conta que a vida profissional foi a maior dificuldade que enfrentou quando veio para BH, porque era uma filosofia muito diferente da que ela



estava acostumada. Ela menciona a questão do salário que era muito inferior ao ela ganhava em São Paulo e revela:

[...] porque eu vim para Belo Horizonte e, está certo que eu consegui emprego rapidinho, mas eu vim para ganhar um terço do que eu ganhava em São Paulo, então é como se eu tivesse tido uma regressão na minha carreira.

Ela relata também que teve um pouco de dificuldade em fazer amizade, mas depois diz que nem isso ela teve. Ela revela que, na sua percepção, existe dificuldade em relação ao mineiro que “é um pouco desconfiado [...] não te leva para dentro de casa de graça não”. Tirando a questão profissional, Lavínia declara não ter tido nenhuma dificuldade de adaptação a nova cidade e conta que a sua filosofia de vida é diferente e, uma vez tomada a decisão, é preciso “abraçar a causa e não ficar sofrendo, não pode ficar pensando em passado”. É claro que, durante o processo de adaptação, há momentos de tristeza e bate uma saudade das coisas do dia a dia, ela conta:

[...] você tem saudade da sua família, [...] dos seus amigos, [...] do seu trabalho, [...] da sua cidade, [...] da sua rotina, [...] da padaria que você toma café da manhã [...] mas não tem uma dor [...] não tem um sofrimento, acho que eu direi que tem uma saudade que, de vez em quando, ela aflora um pouco mais.

Lavínia conta que o trabalho sempre foi muito importante na sua vida e que ela fez essa parada agora para se dedicar à maternidade, mas “teoricamente tem dia e hora para terminar” e diz que o trabalho tem dois pontos que ela considera muito importantes. Primeiro, por uma questão emocional e de valorização pessoal; segundo, por questões financeiras. Ela conta que pretende retomar a sua vida profissional, mas, antes, tem planos de morar fora do Brasil por dois ou três anos. Pretende estudar lá e, quando voltar gostaria de morar na capital paulista ou no interior de São Paulo, pois ela acredita que terá mais chance de dar continuidade à carreira, principalmente em função dos contatos que ela tem nessas cidades, conta:

[...] então, eu acho que depois que a gente voltar dos Estados Unidos da América [...] eu gostaria que fosse em São Paulo por conta realmente da minha carreira, do acesso para o meu trabalho que lá é muito melhor, acho que lá eu tenho expectativas muito maiores.

Em relação ao trabalho do seu marido, ela relata que o trabalho continua tendo os

dois pontos principais que ela mencionou, primeiro, tem que gostar do que faz e ela revela que ele se sente muito realizado com o trabalho que ele faz. Ela conta que ele não acredita em trabalho sem prazer, as duas coisas têm que estar em consonância; segundo, tem a questão financeira, porque eles dependem financeiramente do trabalho. Ela conta que gosta muito da empresa em que o marido dela trabalha, é uma empresa moderna e ela gosta da flexibilidade que a empresa pode proporcionar a eles, seja em relação ao acesso, pois é possível trabalhar em casa, seja em relação ao horário e isso proporciona uma qualidade de vida muito boa para eles, principalmente agora com o bebê. Ela menciona que não tem que gostar tanto da empresa, na verdade, quem tem que gostar é o marido dela e, se ele está feliz, ela também está. Ela revela que ele compartilha bastante a rotina de trabalho dele, falam dos planos, das expectativas, das decepções, ela diz:

[...] pode ser uma empresa excelente, mas tem decepções, tem momentos mais ou menos, como em qualquer outra empresa, nada também é perfeito.

Lavínia relata que a empresa não contribuiu para a sua adaptação. Ela menciona que foi criado um grupo de esposas, mas ela não tem certeza da participação da empresa na constituição desse grupo. Acredita que algumas festas que a empresa promove para os funcionários acabam ajudando as “agregadas”, apesar de não ser o objetivo da empresa ajudar as esposas. Revela que a empresa poderia ter dado mais apoio, mas ela não sabe dizer que tipo de apoio poderia ter facilitado o processo de adaptação e arrisca alguns palpites: uma oficina, uma feirinha, alguma coisa que pudesse integrar, socializar, um ambiente que fosse propício a construir novas amizades. Declara que todas as amizades que construiu em Belo Horizonte são de pessoas ligadas à empresa, ou seja, colegas de trabalho do marido e as esposas desses colegas. Ela acredita que o fato dessas mulheres viverem as mesmas dificuldades facilitou a aproximação. Conta que tem também alguns amigos que ela conheceu quando trabalhou na agência, mas são pessoas com quem ela tem pouco contato. Ela revela que existem pessoas que são mais especiais e outras pessoas são para passar uma tarde, rir, descontrair, pois ela acredita que não se pode viver isolada, conta:

[...] não dá para viver sozinha, isolada com o meu marido, a gente precisa de amizade para contribuir, para agregar a nossa vida, para deixar a nossa vida mais gostosa, nossa convivência, nossa vivência mais gostosa.

Lavínia revela que tem muito carinho pela Luiza e conta que elas se aproximaram muito e descobriram uma grande afinidade. Ela menciona ainda que há outras pessoas que considera especiais, mas ressaltaria a Luiza como uma das mais especiais nesse momento. Tem também a família de São José, pois mesmo com a distância existem meios de comunicação que lhe permitem estar sempre em contato com eles. Mas declara que o seu melhor amigo é o seu marido, ela relata:

[...] então ele em primeiro lugar, a gente procura ser muito cúmplice, a gente tenta conversar muito sempre para não ficar um vazio na relação [...].

Quanto ao futuro, Lavínia revela que a expectativa do casal é mudar de país. Seu marido está tentando uma transferência para os Estados Unidos da América. A princípio, ela conta que o plano de ter uma experiência internacional era do Rafael, mas depois que eles assumiram a relação, ele deixou esse plano de lado. Ela conta que, um dia, eles estavam conversando e ele mencionou esse desejo, e ela se mostrou bastante disponível a vivenciar essa experiência. Declara que não é mais possível falar em plano individual, porque, depois que se casa, o plano passa a ser da família. Ela revela que pretende ter mais um filho e conta que a experiência de formar uma família longe da sua família de origem tem sido muito boa. Segundo ela, o casal fica mais companheiro, mais cúmplice. Quando está perto da família é muito fácil brigar e pedir abrigo na casa dos parentes, então ela acredita que o casal fica mais unido quando está longe, pois um é o apoio do outro. Lavínia declara que, daqui a 10 anos, se vê com os filhos “maioresinhos” e com a sua carreira retomada, não saberia dizer em que área especificamente pretende voltar a trabalhar, mas ela se vê com a família formada, as crianças mais crescidas e ela e o marido trabalhando.

### **4.3 A Luiza**

Luiza tem 32 anos, nasceu em Taporã no Mato Grosso do Sul, uma cidade de 14 mil habitantes. Seus pais são casados há 51 anos e ela é a mais nova de sete filhos. Ela foi criada pela irmã mais velha, pois os seus pais se mudaram para o Mato Grosso quando ela ainda era pequena e aos 18 anos se mudou para Dourados, uma

cidade a 14km de Taporã. Luiza conta que morou um tempo sozinha e depois uma de suas irmãs se separou e foi morar com ela. Nessa época, ela trabalhava em um escritório de uma revista em Taporã e conheceu o Rodrigo por intermédio de um amigo dele que foi trabalhar na parte virtual da revista. Conta que foi “amor à primeira vista”, mas ele morava em Campinas e estava terminando o mestrado, ficaram seis meses namorando à distância e, quando ele voltou, eles foram morar juntos e estão casados há 9 anos. Ela relata que a sua família é muito grande, são sete irmãos e 16 sobrinhos e eles se reuniam todos os domingos na casa dos seus pais e revela ser uma pessoa totalmente voltada para a família. Luiza chegou em Belo Horizonte em março/abril de 2007 e a decisão de vir para Belo Horizonte foi muito rápida, ela conta:

[...] foi coisa de uma, duas semanas a gente conversando e eu vi que ele queria vir [...] foi uma questão de um mês a gente já estava aqui, morando aqui, largou tudo.

Ela declara que está satisfeita com a decisão de ter mudado de cidade, apesar de sentir muita falta da família e se sentir um pouco sozinha. Mas tem também o lado positivo, que é estar em uma cidade grande, que tem muita coisa para fazer, tem mais oportunidade de viajar, porque está mais perto de tudo. Revela que, quando se mudou para Belo Horizonte, trouxe apenas a roupa do corpo e o cachorro, o resto ficou para trás, mas as coisas materiais não foram difíceis porque isso se consegue novamente e diz que deixar as suas raízes foi muito difícil e conta que “nunca tinha saído de lá, era sempre Itaporã/Dourados, é muito pertinho”. Revela que teve que deixar para trás também a faculdade, estava no último ano do curso de Serviço Social e o estágio que ela fazia há dois anos na APAE. Luiza conta que as coisas que ficaram para trás ainda estão fazendo muita falta e revela que com o tempo vai ficando “menos difícil”, nunca mais fácil e hoje, ela já não chora tanto quanto chorava logo que chegou em Belo Horizonte. E conta que, hoje, está mais tranquilo, ela diz:

[...] esse último ano foi mais tranquilo, eu não sei se pelo fato de eu ter ficado muito tempo lá e eu já estava com saudade de casa [...] eu já estava com vontade de vir embora [...].

Luiza relata que, quando veio para Belo Horizonte, trouxe muita “caipirice” e muita

timidez e veio “com o coração aberto para fazer amizade”. Ela conta que a questão da amizade é muito diferente do que era na cidade em que ela morava, lá não era preciso ligar para marcar hora para visitar os amigos ou tomar um tereré, uma bebida típica da região. Aqui, as pessoas são sempre muito ocupadas, então ela conta que teve que se adaptar a esse estilo de vida. Costuma ir para a sua cidade natal duas vezes por ano e tenta ver todos os amigos, quanto aos familiares, ela faz questão de visitar todos: irmãos, tios, sobrinhos, primos e outros. No primeiro ano, ela relata que foi fácil encontrar as suas amigas da faculdade, pois ficou em Belo Horizonte apenas um mês e voltou para o Mato Grosso do Sul e como ainda estava tendo aulas, ela pôde até participar da festa final da turma. No segundo ano, ela disse que foi mais difícil, porque o curso tinha acabado e os amigos moravam em várias cidades da região, mas, mesmo assim, conseguiram se reunir. Já no terceiro ano ela não conseguiu ver o pessoal da faculdade, encontrou apenas uma amiga que ficou sabendo que ela estava na cidade e foi visitá-la. Além das viagens, conta que mantém um contato quase diário com as suas irmãs via *internet* e por telefone nos finais de semana, ela declara:

[...] eu tenho uma irmã que dá aula [...] mas duas vezes por semana [...] ela não dá aula, então a gente sempre conversa [...] fora o final de semana [...] eu tenho que ligar para uma das minhas irmãs porque eu sei que elas estão na casa da minha mãe [...].

Conta que conheceu duas pessoas em Belo Horizonte que foram muito importantes para ela na fase de transição, a Laura e a Beatriz, eram praticamente as únicas pessoas que ela conhecia na cidade. Além disso, sempre manteve o contato com a mãe e uma das irmãs. Essa irmã morou fora um tempo e ela sempre dizia: “é assim mesmo, com o tempo vai melhorando” e esse apoio a deixava um pouco mais segura. Luiza menciona que a primeira dificuldade que encontrou quando chegou em Belo Horizonte foi em relação à moradia. Também, não conseguiu transferência para a faculdade e teve que fazer uma prova para ver se conseguiria uma vaga, ficou seis meses sem estudar e ficava em casa o dia inteiro, não conhecia ninguém e o seu único companheiro era o Zé, o seu cachorrinho. Quando conseguiu a transferência para a PUC, a situação melhorou um pouco, mas ainda era muito difícil, pois a grade curricular era muito diferente e ela tinha que fazer aulas em vários semestres e isso dificultava fazer novos amigos. Fez um semestre do curso de Serviço Social e trancou a matrícula, resolveu desistir do curso. Além da

dificuldade em relação à grade curricular, tinha a questão do estágio que ela não estava conseguindo na APAE de Belo Horizonte. Para ela, o curso era importante na cidade onde ela morava, pois ela tem um sobrinho especial que frequentava a APAE do Mato Grosso que ela trabalhava e ela gostaria de ajudá-lo e, com a vinda para Belo Horizonte, o curso foi perdendo o sentido para ela. Mas a decisão mais forte de desistir do curso foi quando ela sofreu um aborto e conta:

[...] eu fiquei pensando que não fazia mais sentido fazer aquele curso [...] e aí eu sofri o aborto, fiquei triste, deprimida e resolvi largar e fazer uma coisa mais para cima.

Mudou de faculdade e escolheu o curso *Designer* de interiores. Luiza conta que está muito feliz com a decisão, mas revela que, às vezes, sente falta do curso que fazia antes e até pensa em um dia terminá-lo. A mudança da faculdade e do curso foi muito importante, pois ela começou a fazer amizades e isso a ajudou a enfrentar as dificuldades, conta também que chorou muito e teve vontade de voltar para a sua cidade. Luiza revela que a sua saúde não foi afetada por causa da mudança, percebeu apenas que emagreceu um pouco, mas não teve que utilizar remédios, terapia ou qualquer outro recurso para se adaptar. Relata que, várias vezes, teve vontade de ir embora e notou que o seu marido ficava apavorado quando chegava em casa e a encontrava chorando, ela conta:

[...] eu chorava muito coitado do Rodrigo, ele ficava apavorado porque ele chegava em casa e eu estava chorando [...].

Ela relata que, depois que conheceu o pessoal da faculdade, tudo ficou mais fácil, pois, mesmo com a conclusão do curso, ela mantém um contato semanal com os amigos que fez na faculdade. Além disso, tem o pessoal do escritório que de vez em quando, eles conseguem sair e agora ela já sai sozinha pela cidade, vai a bares, restaurantes, vai procurar as coisas que ela deseja. Revela que hoje em dia tem gostado muito de ficar em casa brincando com o Zé. Ela explica que gosta de ficar em casa, mas ela não gosta da solidão que é ficar em casa, porque chega um momento que ela fala: “meu Deus, não aguento mais, eu tenho que fazer alguma coisa”. E o que ela menos gosta de fazer é viajar de avião, gosta muito de ir para a casa da mãe dela, mas só de pensar que vai ter que viajar de avião “já treme as pernas”. Ela conta que houve mudanças nos seus sentimentos em função da

mudança de cidade, principalmente em relação aos pais, antes, ela morava perto e não se preocupava tanto com a saúde deles, agora que está longe, é diferente, porque qualquer “doencinha” ela já fica preocupada, revela:

[...] procuro saber como anda a saúde do meu pai, da minha mãe, como é que está a vida de todo mundo lá, acho que eu fiquei mais interessada [...] qualquer mudança que acontece com a minha família [...] no geral eu fico sempre muito ligada [...].

Luiza terminou a faculdade de *Designer* de interiores há um ano e, nesse tempo, ela fez alguns projetos com uma amiga que também veio de outra cidade e uma coisa que ela achou interessante é que ela teve a oportunidade de realizar os projetos em casa. Ela conta que gostou dessa experiência de não ter que cumprir horário, não ter que sair de casa, mas ela ainda não conseguiu se inserir no mercado de trabalho, segundo ela, o fato de ser de fora, ou seja, de vir de outra cidade, é um fator que dificulta a sua atuação, principalmente, pois, na profissão que ela escolheu, os contatos são muito importantes. Além disso, o fato de ser de fora e estar trabalhando com a Marina que também é de fora fica difícil para as duas, porque ninguém as conhece. Conta que a sorte é que ela está conseguindo fazer trabalhos para o pessoal que também vem de fora que é o pessoal da empresa e que também não conhece muita gente e isso facilita um pouco. Revela que, quando aparece algum projeto, ela consegue uma renda, mas não é nada fixo e conta que essa situação não a satisfaz e ela gostaria de estar ganhando e gastando o seu próprio dinheiro. Luiza relata que o trabalho dele é muito importante não só para os dois, mas para toda a família, porque além de conseguirem guardar dinheiro para comprar um apartamento, eles têm uma vida melhor do que a que tinham no Mato Grosso só Sul e ainda ajudam os pais financeiramente e relata:

[...] então realmente é muito importante o trabalho dele, se não fosse o trabalho dele a gente não poderia estar aqui, pensando hoje em comprar um apartamento, a gente não poderia estar morando onde a gente mora, a gente está vivendo bem [...].

Luiza relata que não tem muito o que falar da empresa em que o marido dela trabalha, para ela, é uma empresa que trata o funcionário com um diferencial, pois eles têm várias regalias, mas, no fundo, é “trabalho, trabalho, trabalho como em qualquer outra empresa”. Como ela não está trabalhando, a empresa representa

para eles “o ganha pão”, pois eles dependem da empresa para estar em Belo Horizonte, e é do trabalho do Rodrigo na empresa que eles tiram o sustento, em função disso, a empresa ocupa um lugar importante na vida deles. Luiza conta que eles sempre falam de trabalho, principalmente agora que ele está trabalhando muito, inclusive nos finais de semana. Declara que a empresa não contribuiu muito para o processo de adaptação, mas, na sua percepção, a ajuda aconteceu de uma forma indireta, porque, como a maioria das pessoas que trabalham lá vieram de outras cidades e viveram a mesma situação, as pessoas acabaram se juntando. Tem algumas coisas que ajudam, como o fato de a esposa poder ir almoçar na empresa de vez em quando, mas ela acredita que a empresa poderia ter ajudado mais, só não sabe dizer de que forma. Hoje, ela conta que conseguiu construir um novo círculo de amizade e ele se constitui basicamente de pessoas que trabalham com o marido dela e os amigos que ela fez na faculdade, e declara que eles são tudo para ela:

[...] elas são para mim os meus amigos, são minha família, são tudo para mim aqui, porque como a gente está longe [...] se não fossem elas eu não sei se a gente aguentaria ficar [...].

Revela, ainda, que uma amiga comentou que ela é muito difícil de fazer amizade, pois ela é muito fechada. Já o seu marido acha que ela não gosta de mudanças e diz que ela é “um pouco arredia quanto a abrir espaço para coisas novas”. Luiza declara que, com as amizades, foi assim também, ela sempre fica com o “pé atrás”. Além disso, aponta a timidez como um fator que dificulta se aproximar das pessoas. Luiza conta que, quando chegou em Belo Horizonte, conheceu um casal que foi muito importante para ela, pois eram basicamente as únicas pessoas com quem ela tinha contato e, sem dúvida, o Ricardo e a Laura foram as pessoas mais importantes para ela nessa fase. Depois, foram vindo outras pessoas e, com o tempo, as coisas foram ficando “menos difíceis”. Relata que, quando sente necessidade de conversar, ela ainda procura a irmã, conta que elas conversam muito por telefone ou pelo computador. Revela que ultimamente tem conversado muito com a Luana. Luiza não sabe se é pelo fato de ela ser psicóloga e “ela entende um pouco, é quase uma terapia”. E os amigos da faculdade, como ela tem um encontro semanal, eles sempre conversam muito quando se encontram. No que diz respeito aos planos para o futuro, ela declara que está cansada de fazer planos e não darem certo. Quando



morava no Mato Grosso, comprou um terreno e planejava construir uma casa, planejava terminar a faculdade e trabalhar lá, mas, de repente, em duas semanas, as coisas mudaram e ela se mudou para Belo Horizonte e, quando chegou, planejou muitas coisas que também não deram certo, ela conta que está cansada:

[...] cansei, olha decidi não planejar o futuro, porque a gente planeja e não dá certo as coisas [...] não sei como é que vai estar o meu futuro. Deus é que sabe, não sei, deixa acontecer, não fico planejando mais não.

O plano do casal agora é “comprar um apartamento e ter filho, se der certo”. Ela conta que gostaria de ter muitos filhos, mas que, se conseguir pelo menos um, já ficará muito feliz. Relata que, daqui a 10 anos, se vê “igualzinha à mãe”. E ela explica que vai estar fisicamente igual à mãe, baixinha e gordinha. E não sabe como se vê daqui a 10 anos, depois revela “eu me vejo mãe, trabalhando muito se Deus quiser, só que eu não sei, não sei dizer se eu me vejo morando aqui ainda, não sei”. Conta que se for preciso mudaria de cidade novamente, mas o seu desejo é voltar para a sua cidade natal ou para o seu Estado. E revela que não quer ir para o exterior, pois, em Belo Horizonte, já é difícil ter contato com a família e no exterior seria praticamente impossível.

#### **4.4 A Luana**

Luana tem 29 anos, nasceu em Florianópolis, tem uma irmã e é filha de pais separados. Ela diz ser uma pessoa muito ligada à família e conta que começou a perceber isso depois que veio para Belo Horizonte e se considera uma pessoa calma. Declara que passou a vida inteira em Florianópolis e nunca pensou em sair de lá porque “Floripa é linda, tem praia, tem tudo, é uma cidade turística”. Formou-se em Psicologia e fez um estágio em uma rede de farmácias. De estagiária, assumiu o cargo de gerente de Recursos Humanos da rede de farmácias e conta que a sua vida era agitada, porque eram 16 lojas e eles estavam em processo de abertura de novas lojas. Relata que o tempo todo estava lidando com funcionários e, às vezes, acabava entrando um pouco na parte administrativa e de contabilidade também. Ela conta que era muito corrido, mas ela gostava bastante de conversar com o pessoal,

de contratar, de dar treinamento, de resolver os problemas. Depois, saiu da farmácia e começou a trabalhar por conta própria e revela que estava indo bem porque ela estava começando e já tinha vários clientes. Havia comprado os móveis e estava montando o seu escritório para atuar na área de recrutamento e seleção. Também fez pós-graduação em Gestão de Pessoas em uma universidade em Florianópolis. Mas, quando conheceu o Renato, ela resolveu largar tudo, relata:

[...] mas, eu sinto muita falta até hoje desse contato com o pessoal, de conversar, de ajudar, tanto é que sempre quando alguém está precisando de emprego aqui ou tem uma entrevista eu ajudo.

Revela que a decisão de vir para Belo Horizonte foi muito rápida porque a sua história com o Renato “é bem doida”. Ela conta que ele estava a trabalho em Florianópolis e eles se conheceram, começaram a namorar e dois meses e meio depois ela fechou o escritório e veio para Belo Horizonte. Chegou em 2007 e menciona que não conseguiu trazer tudo o que tinha por transportadora em função da necessidade de apresentar a nota fiscal. Ela conta que veio quase sem nada, trouxe apenas as coisas que iria usar primeiro, como: roupas e sapatos. Com o tempo, começou a trazer as fotos, os livros que ela mais gostava, as coisas da faculdade que ela conseguiu trazer, de outras, ela se desfez. Declara que abriu mão de muitas coisas e a que ela achou mais difícil foi a questão da família, porque as questões materiais não são tão difíceis, já que o marido dela ganha bem. Porém, revela que trouxe muita coragem e muita esperança de que as coisas dariam certo e de que ela seria muito feliz aqui. Como ela é muito família, ela conta que trouxe isso também para a família do marido dela, pois, segundo ela, a maneira de tratar os familiares em Belo Horizonte é diferente da de Florianópolis. Ela conta que não sabe explicar, mas achou o mineiro um pouco frio, declara:

[...] eu até sofri um pouco, porque lá, a gente é muito de abraçar, beijar, dar carinho, aqui o pessoal eu acho que é um pouco mais distante. Hoje em dia eu já estou mais mineira, eu já entendi um pouco também, já fui mudando [...].

Revela que, quando chegou em Belo Horizonte, o apartamento deles ainda não estava pronto e eles tiveram que morar de aluguel e relata que não teve a oportunidade de escolher nada, pois a sua sogra preparou tudo. Mas ela precisou comprar as coisas para casa e não sabia onde vendia nada e não conhecia quase

ninguém para perguntar, porque nessa época a sogra dela já tinha se mudado para o interior. E ela lembra que o Renato foi a um supermercado e comprou todas as coisas de casa, relata:

[...] então eu senti muito, são coisas bobas, se a gente vai comprar alguma coisa, tu não acha, aqui é tudo coisa específica, regiões específicas [...] então, no começo, eu ficava indignada porque eu não conseguia fazer as coisas, eu ficava meio presa muitas vezes no Renato, não conseguia ter aquela minha liberdade de fazer as minhas coisas por mim mesma [...].

Luana declara que vai fazer quatro anos que está em BH e ela não se arrepende de ter deixado tudo em Florianópolis, mas revela o quanto foi difícil ter vindo para Belo Horizonte. Uma das dificuldades relatadas por ela é que ela morava em uma cidade pequena e Belo Horizonte é muito grande. E ela teve muita dificuldade em relação ao trânsito e, mesmo depois de um tempo, ela continua achando alguns lugares difíceis e diz que até hoje ela se perde na rua, “porque a maioria das ruas é de mão única e tu se perde e tem que fazer muito retorno”. Para enfrentar essas dificuldades, ela passou a andar com um mapa na bolsa e a perguntar as pessoas que ela conhecia. Foi então, que ela começou a arriscar e revela que o seu sistema de buscas melhorou muito, passou a procurar na *internet*, telefone e começou a prestar mais atenção no trânsito. Outra dificuldade foi em relação a médico, ela revela que as pessoas que moram em Belo Horizonte, até hoje, não sabem indicar profissionais. Logo que chegou, ficava muito brava de não conseguir fazer as coisas como ela estava acostumada, mas nunca pensou em largar tudo e ir embora, declara:

[...] mas eu nunca pensei em largar tudo não, assim de ir embora, mas por causa do Renato, por causa dele, porque, se não fosse por ele, eu largaria tudo agora e não voltava para cá não.

Ela conta que, duas semanas depois que chegou em Belo Horizonte, o Renato teve que viajar e teria que ficar um mês fora e depois de ter “chorado um monte” ela voltou para Florianópolis e “foi meio difícil, porque eu tinha que voltar de novo para BH, eu lembro que foi meio complicado”. Voltou para Belo Horizonte e começou a procurar trabalho na sua área de atuação, a psicologia. Revela que achou o salário muito ruim e em Florianópolis não era assim. Notou também que, quando tinha vaga disponível, a preferência era para mineiro ou, então, as vagas eram para pessoas

que tinham disponibilidade para viajar e isso era algo a que ela não estava disposta, relata:

[...] eu falei com o Renato que eu não vou largar a minha vida inteira lá em Florianópolis para vir para cá para ficar viajando, então, era uma coisa que eu não queria de jeito nenhum, então, tudo que tinha a possibilidade de viagens eu não queria [...].

Tentou também fazer mestrado na UFMG, mas achou o grupo de psicologia muito fechado. Fez alguns cursos quando veio para Belo Horizonte com psicólogas que eram professoras da UFMG e, mesmo tendo esse contato, ela não conseguiu entrar no grupo. Revela que a maioria dos psicólogos que ela conheceu em Belo Horizonte não trabalha na área, já em Florianópolis, por ser uma cidade menor, era diferente, porque a região de BH tem muita empresa grande que contrata com um salário muito baixo “é oferta e procura, não adianta, é o dia de hoje”. Estudou também para concurso, mas desde que veio para Belo Horizonte, o Renato sempre deixou claro a possibilidade de uma experiência internacional. Ela acha que o Renato esperou esse tempo todo, quase quatro anos, porque ela não conseguiria ficar longe da família. Ela conta que Belo Horizonte já é longe, mas indo para o exterior fica mais complicado e ela declara que se sente muito insegura em dar continuidade à vida e de repente ter que deixar tudo de novo:

[...] mas aí, tu fica meio insegura, sabe? de construir a tua vida aqui, de novo e ter que ir [...].

Em relação à vida profissional, Luana revela que está parada e ela não pretende voltar para o mercado de trabalho. E como ela quer muito ter filhos, pretende fazer alguma coisa em casa e não quer mais trabalhar como antes. Às vezes, até pensa em fazer uma faculdade em uma área diferente da dela, por exemplo, a decoração, mas, com a possibilidade de mudar novamente, ela acha que não vale a pena começar um curso e parar no meio do caminho. Em relação ao trabalho, Luana declara que ele traz identidade para as pessoas e ela sempre o viu como uma coisa prazerosa, uma coisa que ela gostava de fazer e, hoje em dia, quando alguém fala de trabalho, ela pensa em outra coisa, ela tem uma ideia de trabalho que ela não sabe se é possível, ou seja, ela quer um trabalho que ela possa fazer em casa, alguma coisa que dê para remanejar o horário, algo nesse sentido. Ela revela que o

fato de não ter renda própria não a incomoda mais, no começo, ela tinha um dinheiro guardado, mas ele foi acabando e ela começou a ficar meio sem graça, mas a sua mãe lhe dizia: “não filha, mas está casada”. E outra coisa é que o Renato sempre foi muito tranquilo e, para ele, isso sempre foi normal. Mas ela entende que o marido dela não comenta nada, porque, financeiramente eles não precisam e ela declara que “se algum dia a gente precisar realmente eu volto para o mercado”, e diz que não é muito gastadeira, “então está tranquilo assim”. Ela revela que ele nunca reclamou de nada e que ele apoia a ideia da Luana ficar em casa, ela conta:

eu falo: amor, eu quero trabalhar, fazer alguma, mas ele meio que me apoia também com esse negócio de eu ficar em casa, depois ficar cuidando, ele sabe assim que é importante e também acho que ele acha que é menos risco, sabe?

Luana declara que o seu comportamento mudou muito desde que chegou em Belo Horizonte. Ela destaca a questão do sotaque que vai se perdendo com o tempo e até o visual dela mudou. Conta que sempre andou muito arrumada em Florianópolis e em Belo Horizonte ela não anda mais tão arrumada, anda sempre de sapato baixinho, pois, com tanto morro na cidade, não tem outro jeito. Em vários momentos da narrativa, ela menciona as mudanças que ocorreram na sua maneira de ser. Ela conta que era uma pessoa muito estressada e agora ela sente que está muito mais calma. Notou também que está mais medrosa para fazer as coisas, um exemplo é o carro, revela que tem vários lugares para ir, mas não consegue ir dirigindo, conta que prefere ir de ônibus ou de táxi do que ir de carro porque ela fica com medo de bater. Ela acha que está mais medrosa e insegura para algumas coisas. Declara que os seus amigos de Florianópolis já comentaram que a estão achando mais tranquila, mais quieta, mais parada. Em relação ao trabalho, ou seja, ao fato de ela não estar trabalhando, suas amigas entendem e não costumam comentar nada a respeito, mas, em relação ao comportamento da Luana, suas amigas e sua mãe já fizeram alguns comentários, ela conta:

[...] elas já notaram algumas diferenças, que eu estou mais parada, sempre eu falo bastante também, eu não sei se notaram ou é mais porque a gente fala, mas dá para notar, minha mãe mesmo já comentou comigo [...].

Luana relata que, quando ela não está bem, o marido dela fica um pouco triste e há momentos em que isso pode afetar a vida profissional dele. Ela exemplifica

relatando um episódio recente:

[...] semana passada que eu passei mal e tive que ir para o hospital, aí eu vi que ele estava cheio de coisa para fazer no serviço, mas não tinha ninguém para ficar comigo no hospital [...] mas eu vejo que [...] às vezes, quando a gente tá muito mal, prejudica um pouco, porque com essa história do bebê que eu perdi, que eu fiquei muito mal depois, tem hora que eu vejo que ele chega um pouco mais cedo em casa [...].

Ela menciona que, antes de vir morar em Belo Horizonte, o seu marido vivia para o trabalho, ele não tinha vida social, apenas trabalhava e ele também teve que mudar o comportamento em função dela. Luana conta que o Renato é uma das pessoas mais especiais que ela já conheceu “porque ele dorme rindo e ele acorda sorrindo”, então, raramente ele está mal humorado ou bravo com alguma coisa. Ela conta que ele é sempre assim e mesmo o trabalho sendo muito puxado ele costuma separar bem as coisas. Luana conta que o trabalho do marido dela é tudo para eles, até porque ela não está trabalhando e isso torna o trabalho dele fundamental para a sobrevivência do casal. Além disso, ela tem muito orgulho de ele trabalhar em uma empresa em que é bem difícil de entrar, os projetos são difíceis de fazer, e ele está sempre em busca de novos desafios, revela:

[...] acho engraçado nele, que ele está sempre procurando novos desafios, então [...] quando ele fala que quer mudar um pouco [...] eu sei que é importante [...] eu sempre tento entender as viagens, então é bem tranquilo [...].

Ao falar da empresa em que o seu marido trabalha, Luana revela que, no geral, as pessoas enxergam apenas os benefícios que ela oferece, mas não veem que os meninos têm que cumprir metas e têm que ser criativos o tempo todo. Ela relata que, na sua percepção, é uma empresa legal, que tem um bom salário e tem também as viagens que a esposa pode acompanhar, mas, segundo ela, as pessoas veem a empresa com certo deslumbramento. Ela menciona que ele raramente fala dos projetos que está desenvolvendo, mas ela costuma conversar sobre o trabalho com ele e conta:

[...] eu comento com ele alguma coisa ou outra, com o tempo tu vai conhecendo as pessoas, percebe quando ela está estressada quando não está [...] é engraçado, dá para saber exatamente quando está chegando a época das avaliações de desempenho que os meninos dão uma mudada [...] eu consigo identificar [...].

Ela relata que a empresa ocupa um espaço grande na vida deles, porque o Renato tem essa questão de se dedicar muito, então, quando ele precisa trabalhar, eles acabam deixando alguma coisa que tinham planejado para depois. Dessa forma, o trabalho ocupa bastante espaço em alguns momentos e ela conta que tenta entender, porque “nunca desliga assim 100%”. Para Luana, a empresa contribuiu para a sua adaptação, principalmente porque foi por meio dela que ela foi fazendo as novas amizades. Revela também que as festinhas que a empresa promove sempre ajudam as pessoas a se integrar, além de outros eventos que a empresa realiza. Ela acredita que a empresa poderia ter apoiado mais, na realidade, acha que a empresa tentou ajudar da forma que podia, porque é importante para a empresa, pois não tem como os meninos trabalharem o dia inteiro e chegar em casa e ver a esposa mal, chorando e conseguir trabalhar bem no outro dia. Ela exemplifica com a sua própria experiência e relata casos que ela ficou sabendo:

[...] eu fiquei com um pouco de depressão, mas teve casos complicado, eu não sei quem, mas eu ouvi falar que teve gente que se envolveu com bebida, teve umas coisas complicadas, gente que não aguentou, depressão forte [...].

Ela e uma outra esposa tentaram fazer um “grupo de esposas” e teve o apoio de duas funcionárias da empresa, mas não deu certo e revela que, na sua percepção, o motivo de não ter dado certo foram as próprias mulheres que não tiveram interesse em se unir. Como já viajou um pouco, ela revela que a experiência do grupo de esposas funciona muito bem em outros países e só no Brasil que não funcionou. Luana revela que todos os seus relacionamentos hoje, exceto a família, estão ligados à empresa. Conta que tem muito contato com a Lavínia e com a Luiza, que é uma pessoa com quem ela se identifica muito, principalmente por ela ser uma pessoa muito ligada à família. Além disso, teve o aborto que a Luiza também vivenciou e elas se aproximaram e se ajudaram muito, revela:

[...] hoje se não fossem as meninas ia ser complicado [...] eu converso muito com a Luiza, principalmente depois do aborto porque eu não tinha ninguém aqui que tinha passado [...] então as meninas meio que viraram família também [...].

Ela revela que gostaria de ser vista como uma pessoa amiga, uma pessoa com quem pudessem contar para o que precisar, é isso que ela tenta fazer e, como está todo mundo sozinho, as pessoas se ajudam. Declara que os seus planos para o

futuro estão parados em função da possibilidade de mudar novamente e não tem como ficar planejando muita coisa, por exemplo: ela queria terminar de reformar e decorar o apartamento, mas não consegue, pensa em fazer um curso, mas não compensa começar e de repente ter que parar. Estava planejando engravidar esse ano, mas agora está com receio por causa da mudança. Então, os planos, agora, giram em torno dessa mudança que deve acontecer em meados de 2011. Revela que se realmente eles forem, vão para perto de *Stanford* e ela pretende fazer uma faculdade ou tentar um mestrado. Já o plano do casal é “mudar e começar com a cria”, ela conta que o seu marido gostaria que ela engravidasse assim que eles chegassem no país que escolheram para morar, mas ela acha que não consegue, pois tem muita coisa com que se habituar. Luana conta que nunca vai se acostumar com o fato de construir uma família longe da sua família de origem. Algumas pessoas falam que a família dela agora é ela, o seu marido e os filhos que eles terão, mas ela não consegue enxergar dessa forma, e conta:

[...] a família é muito forte ainda, essa questão da família de lá, ficou muito mais depois que eu vim para cá, parece que tu vai dando valor às coisas mais pequenas, não é a mesma coisa, mas quando tu precisa, a família do Renato é super boa e tudo, mas falta [...].

Luana revela que, daqui a 10 anos, ela se vê com os filhos e fazendo alguma coisa de trabalho, mas não sabe dizer exatamente o quê. Apenas reforça a ideia de fazer um trabalho em que ela possa ficar em casa. Também não sabe dizer se estará em Belo Horizonte ou fora do Brasil. A única certeza é que não tem como voltar para Florianópolis, porque, lá, não há oportunidade de trabalho para o marido dela. Voltar seria um plano de aposentadoria, mas ela relata também que tem coisas em Florianópolis com que ela já não se acostuma mais.



## 5 OS TEMAS EM DESTAQUE

### 5.1 “daí, por amor, você acaba abrindo mão de novo [...].”

Um dos objetivos do trabalho foi identificar os motivos que levaram as mulheres a renunciarem a sua carreira em função da carreira do cônjuge. Essa é uma situação considerada bastante delicada em processos de expatriação (KETS DE VRIES, 1997) ou de mobilização regional e geralmente negligenciada pelas empresas (FREITAS, 2005). Atualmente, há uma forte tendência de as famílias serem mantidas por ambos os cônjuges e a renúncia à carreira de um deles pode, inclusive, prejudicar a experiência da mobilidade<sup>10</sup>. Em todos os relatos, foi possível verificar que não existe um único motivo, mas um conjunto de coisas que, ao se juntarem, tornaram-se atrativas para as mulheres e as levaram a promover mudanças na atuação profissional, sendo que um dos principais motivos foi a oportunidade de carreira para o marido, conforme ilustram os depoimentos a seguir:

[...] era uma oportunidade para ele [...] a gente mudou exclusivamente por causa do trabalho (Laura).

[...] primeira coisa que ele falou que era o sonho da vida dele trabalhar aqui, que, para a carreira dele, ia ser muito bacana, então assim, né? (Luiza).

Nesse ponto, é importante ressaltar que havia uma perspectiva bastante promissora para a carreira de seus cônjuges, pois trabalhar em uma empresa considerada uma das melhores para se trabalhar no Brasil, gera grandes expectativas, não apenas para o profissional mas para toda a família, uma vez que envolve uma série de benefícios, tanto na vida pessoal quanto na vida profissional. Freitas (2005) revela que resumir essa delicada questão ao status de carreira e ao salário é ignorar a realidade da sociedade moderna, em que ambos os cônjuges contribuem e fazem parte da dinâmica do mundo do trabalho. Em função dessa oportunidade para a melhoria profissional do cônjuge, observa-se que todas as mulheres abriram mão das suas conquistas na vida profissional em prol da família. Duas mulheres, Lavínia e Luana revelam que o principal motivo de renunciar à carreira foi a relação

<sup>10</sup> Neste trabalho o termo mobilidade será usado ao referir-se ao processo em que as pessoas migram de uma cidade, região ou país em função do trabalho.

amorosa, conforme depoimentos:

[...] então o motivo de vir para cá foi ele, louca né? mas foi [...] porque na verdade quando eu vim, eu achava que era uma louca e eu falei isso para a minha família. Louca de largar tudo e vir para cá [...] então, na minha cabeça, por mais que eu achasse que pudesse dar certo, para mim, era uma loucura, eu tinha muito medo dessa loucura não dar certo (Lavínia).

Então, a história minha com o Renato é bem doida [...] a gente começou a namorar, aí, dois meses e meio depois, eu vim embora para cá, larguei tudo, fechei o escritório, tudo e vim embora para cá [...] acho que foi estar apaixonada mesmo [...] mas foi mais porque foi loucura mesmo (Luana).

Lavínia e Luana utilizam expressões “louca” e “loucura” ao falar da decisão de mudarem de cidade em função de uma relação tão recente. Analisando os termos utilizados pelas entrevistadas, “louco é aquele que perdeu a razão”<sup>11</sup>, e a loucura consiste em um ato “insensato”, “imprudente”<sup>12</sup>, porém são decisões que se fazem necessárias em determinados momentos da vida e revelam que estão muito satisfeitas, conforme depoimentos:

[...] eu não me arrependi nunca de ter vindo [...] de ter feito isso porque graças a Deus (Luana).

[...] eu estou muito satisfeita, eu acho que teve um processo de adaptação, tem muita coisa diferente aqui, do que eu vivia em São Paulo, mas eu estou muito feliz com a minha família, muito feliz mesmo (Lavínia).

As decisões oriundas dos processos de mobilização provocam mudanças na vida de toda a família e a forma como a decisão é tomada pode influenciar na qualidade do processo de adaptação (CERDIN, 2002). De acordo com Freitas (2005), existe uma tendência de a literatura acadêmica dispensar pouca atenção ao processo decisório nos casos de mobilidade. Com base nos depoimentos, foi possível perceber que os casais conversaram muito antes de tomarem a decisão, pois era uma situação que modificaria a vida de ambos, em alguns relatos, pode-se notar a preocupação do marido em saber a opinião da esposa, conforme ilustram os depoimentos a seguir:

[...] eu via que ele queria vir, mas ele não falava: eu vou, eu quero ir. É sempre aquela coisa, tipo assim: você quer ir lindinha, se você quiser a gente vai mas se você não quiser a gente não vai (Luiza).

11 FERREIRA, A. B. H. de. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

12 FERREIRA, A. B. H. de. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Ele nunca toma a decisão sozinho, é assim: Laura, se você não quiser a gente não vai, é sempre assim, então a gente conversou [...] (Laura).

Nessas conversas, eles tiveram a oportunidade de levantar os pontos positivos e os negativos da mudança. Dentre os positivos, destaca-se o bom conceito da empresa, o salário, as características da cidade, a realização pessoal e profissional do marido, entre outros, conforme se observa nos relatos:

[...] ele ia ter um salário bom, a empresa excelente, a realização pessoal ótima também e profissionalmente para ele ia ser bom [...] e eu acreditando que a coisa ia dar certo para mim (Laura).

[...] a cidade influenciou muito [...] eu sempre ouvia falar bem [...] aí eu dei uma pesquisada, a cidade parecia ser uma cidade legal, boa para morar [...] e depois a questão financeira também, com certeza, porque o salário era muito mais do que ele ganhava (Luiza).

Foi possível perceber que havia uma grande expectativa das mulheres em relação à continuidade da carreira, entretanto alguns aspectos regionais em relação ao mercado de trabalho paulista, considerado muito fechado para o profissional mineiro, foi apontado por uma entrevistada. Nesse sentido, o fato de ser mineira revelou-se uma grande esperança de que o mercado mineiro seria mais aberto e isso facilitaria a sua inserção no mercado de trabalho:

[...] ah! Minas, [...] Belo Horizonte, talvez seja mais aberto para mim, por eu ser mineira, vamos ver se eu consigo, aí vim para cá e nada [...] (Laura).

[...] eu achava que eu ia dar certo, ainda acreditava, agora eu não acredito em mais nada, quando eu mudar de novo eu vou sem esperança nenhuma, que eu não aguento mais ter esperança e achar que vai dar e não dá [...] (Laura).

No trecho acima, pode-se destacar que a entrevistada tinha muita esperança de que conseguiria se estabelecer profissionalmente, mas se mostra muito decepcionada e totalmente descrente “não acredito em mais nada”. Nota-se também o sentimento de fracasso, de não ter alcançado algo que se desejava muito, mas percebe-se também que, com o tempo vem a resiliência, ou seja, a aceitação da situação. Entretanto, ela ainda não desistiu de reorganizar a sua vida profissional, apesar do “desânimo” e do “desespero” que ela sente em alguns momentos. Observe-se o relato:

[...] porque eu ainda estou lutando [...] eu ainda não desisti sabe, eu ainda estou lutando para que as coisas deem certo, mas assim é muito difícil,

sabe, dá um desânimo, tem hora que dá um desespero e a gente não pesou ainda, nossa, valeu a pena ter vindo para cá ou não? (Laura).

Todas as entrevistadas revelam que foi muito difícil vir para Belo Horizonte, nesse momento, houve a necessidade de se abdicar de muitas coisas, entre elas, destaca-se o convívio com os familiares e com os amigos. Nesse ponto, vale ressaltar a importância das referências que são frutos do processo de socialização primária (BERGER; LUCKMANN, 2009) carregado de emoção e afetividade. Nos relatos, as mulheres revelam a dificuldade de se fazer novas amizades e, sobretudo que sejam verdadeiras tais como se constroem na infância, conforme ilustrado a seguir:

[...] tem uns amigos que são do coração demais e eu sinto muita falta deles, ai muita, muita, muita e demora você ter amizade que você conquiste, nossa amizade você não cria assim do dia para noite [...] (Laura).

[...] a questão da família foi mais difícil [...] mas deixar amigos para trás também é muito difícil, é difícil, foi difícil não trazer isso na mala (Luiza).

[...] eu acho que eu deixei para trás especialmente meus amigos [...] que eu acho que depois de uma certa idade é difícil você construir amizade sincera, não sei, eu tenho essa teoria, que você faz amigos verdadeiros até uma fase da vida depois parece que as coisas ficam um pouco mais superficiais (Lavínia).

Pode-se destacar também a questão do sotaque que, na percepção da entrevistada, aos poucos, vai se perdendo, pois, com o tempo, as pessoas vão se adaptando ao novo ambiente, incluindo a maneira de falar. No Brasil, país de grandes dimensões territoriais e culturais, o sotaque é uma forma muito peculiar de expressar a identidade dos povos de cada região e, portanto, uma fonte de identificação com as suas origens, expressa no relato a seguir:

[...] ai você deixa a sua vida meio que para trás, perde um pouco essa identidade, porque tu vai mudando [...] e uma coisa assim que marca muito para mim é o sotaque [...] eu não queria perder o sotaque de lá porque parece que é a única coisa que me prende ainda lá é isso, sabe? (Luana).

Renunciaram também à vida profissional e à independência e à autonomia que haviam conquistado por meio do trabalho. Além disso, tiveram que se adaptar a uma nova realidade: ser dependente financeiramente do marido, conforme depoimentos:

[...] daí a minha mãe falava: não filha, mas está casada agora e o Renato sempre foi muito tranquilo assim [...] para ele sempre foi normal, ele nunca falou nada, nunca tipo, comprei alguma coisa ele reclamou, sabe [...] e eu

também não sou muito, tão gastadeira nem nada não, então tranquilo assim (Luana).

[...] eu não sabia ainda como ia ser a minha relação financeira com o meu marido, porque a gente não tinha casado oficialmente [...] eu não estava preparada emocionalmente para isso ainda, eu não fui criada para isso [...] ele falou que isso fazia parte [...] que o dinheiro não importava, que a gente tinha é que compartilhar, e que nesse momento o que era dele era meu também [...] (Lavínia).

Dependo financeiramente de uma mesada do meu marido [...] não me sinto nem um pouco satisfeita, tipo assim, eu ganho o dinheiro e eu gasto o dinheiro, vou mentir se eu falar que eu não gasto, mas eu não queria, mas eu vou fazer o que, precisa, mas não me satisfaz não (Luiza).

Hoje eu tenho a renda das minhas aulas. Mas eu fiquei um tempão sem, dependendo do Ricardo, horrível ser dependente, porque assim [...] ele me deixa livre [...] ele fala assim, você pode gastar com o que você quiser como se o dinheiro fosse meu, porque é mesmo nosso, né? mas assim [...] eu fico culpada demais, essa parte de ficar dependente, eu não consigo ficar a vontade [...] (Laura).

Como se percebe, a independência financeira é importante para algumas mulheres, e o fato de ser dependente ainda incomoda, porém nota-se também que umas já se acostumaram e não sofrem mais pelo fato de depender financeiramente do marido. Percebe-se também que, em um dos casos, pode-se contar com o apoio da mãe, ressaltando que o casamento é usado como uma justificativa para se aceitar mais facilmente a dependência financeira. No entanto, mesmo com tantas alterações que as mulheres tiveram que enfrentar, elas revelam que são muito felizes no casamento, ou seja, a vida conjugal é bem resolvida e isso faz com que as dificuldades sejam enfrentadas com muita determinação e coragem:

[...] eu acho que isso é o que me faz pensar [...] que vale a pena, porque eu sou muito realizada no casamento sabe? [...] se eu não fosse eu já teria separado e não suportaria essas mudanças não, porque não valeria a pena você estar em um casamento infeliz, com tanto problemas de mudança, porque é pesado [...] são coisas difíceis, sabe?, que a gente tem que passar tudo isso, você tem que mudar [...] (Laura).

[...] eu sou muito feliz eu gosto muito do Renato, mas a gente acaba tendo outras recompensas [...] e o Renato fala para mim: se você não quiser ir a gente não vai [...] só que a gente vai vendo ele trabalhando, daí por amor você acaba abrindo mão de novo [...] (Luana).

Nesse sentido, pode-se destacar a frase “daí por amor você acaba abrindo mão de novo”. Diante do exposto, entende-se que um dos principais motivos da renúncia à carreira é a questão pessoal, ou seja, a vida pessoal está sempre em primeiro plano.

## 5.2 “foi uma das piores mudanças [...] que eu achei que eu ia continuar [...]”

Visando analisar como a renúncia a carreira interfere na configuração da identidade, fez-se necessário identificar a relação da mulher com o trabalho antes e depois da mudança. Todas as mulheres foram preparadas para estudar, trabalhar, terem a sua própria renda e a sua autonomia. Identificou-se também que todas possuem curso superior e duas têm pós-graduação. Antes da mudança, apenas Luiza ainda não havia concluído o curso de Serviço Social. Em relação ao trabalho, evidenciou-se que todas as mulheres trabalhavam antes da mudança e renunciaram à vida profissional em momentos em que havia grandes perspectivas para a carreira, como se pode observar nos relatos a seguir:

[...] eu tinha uma empresa aberta e comecei a fazer trabalho de comunicação lá em São José para o SENAI, para a Polícia Militar e as coisas estavam caminhando [...] (Lavínia).

[...] então estava legal também, porque eu estava começando com um monte de clientes, fazia as coisas, já tinha comprado os móveis, estava montando tudo certinho, já estava ficando bem legal [...] (Luana).

Duas entrevistadas trabalhavam por conta própria em suas respectivas cidades e nos seus relatos, percebe-se que o negócio estava dando resultados satisfatórios, mas abriram mão de seus empreendimentos e se mudaram para a capital mineira. Elas tentaram se inserir no mercado de trabalho, porém revelam que perceberam muita diferença entre o mercado mineiro e o da cidade em que moravam, enfocando as questões salariais. Uma delas aponta que o mercado mineiro é muito fechado para pessoas de outras regiões, como se observa nos relatos a seguir:

[...] eu achei difícil porque o mercado aqui é diferente, o reconhecimento, a remuneração aqui é diferente, muito inferior a de São Paulo [...] tá certo que eu consegui emprego rapidinho, mas eu vim para cá ganhar um terço do que eu ganhava em São Paulo, então é como se eu tivesse tido uma regressão na minha carreira, entendeu? (Lavínia).

[...] eu achei bem poucas ofertas e achei o salário horrível aqui, e uma das coisas que eu achei engraçado é que quando tinha vaga [...] eles davam muita preferência para gente mineira [...] para o pessoal daqui e quando tinha vaga era de viajar muito [...] e era uma outra coisa que eu não queria [...] (Luana).

Logo depois, uma delas chegou a se inserir no mercado de trabalho em Minas, mas,

como o ritmo era intenso e ela engravidou, optou por sair do emprego:

[...] como eu engravidei por ser um trabalho muito pesado e eu viajava muito e ai realmente por opção eu quis sair [...] (Lavínia).

Nesse caso, observa-se que a renúncia ocorreu por um motivo diferente, ou seja, ela resolveu dedicar-se exclusivamente à maternidade. Ressalta-se, nesse ponto, que a falta de conciliação entre o trabalho e a família ainda é um dos motivos que fazem a mulher renunciar à carreira (BIASOLI-ALVES, 2000). Hoje, a vida profissional está parada e ela não se sente mal por isso, pois ela encontrou na família, marido e filho, um novo sentido para a sua vida e fala da importância de fortalecer os laços familiares, revela:

[...] eu decidi parar por um tempo, para cuidar do meu filho, porque isso era e é importante para mim, eu estou muito realizada em ser mãe, eu acho que lá no passado tem uma lacuna na minha vida por conta de pais separados e tal, então é muito importante para mim construir a minha família e fortalecer cada vez mais esses laços (Lavínia).

A vida profissional da Luana também está parada e não há perspectiva de retomar a carreira, conforme relato a seguir:

Ai, deixa eu ver, eu não sei, não, acho que por enquanto não. Hoje em dia o meu pensamento é fazer alguma coisa que eu tenha tempo se for o caso. [...] não de trabalhar como eu trabalhava [...] não estava querendo ir para o mercado de trabalho, por enquanto não, não (Luana).

Ao chegar em Belo Horizonte, a Luiza mudou de área e fez *Designer* de interiores, pois o curso de Serviço Social fazia sentido para ela no Mato Grosso em função de um sobrinho especial que frequentava a APAE/MS na qual ela trabalhava. Além disso, no início de 2008, sofreu um aborto espontâneo que a fez desistir do curso, porém sente saudade, conforme os depoimentos a seguir:

[...] eu sofri o aborto e aí eu fiquei um pouco triste, deprimida e aí eu pensei que o curso era muito pesado [...] e resolvi largar e fazer uma coisa mais para cima (Luiza).

[...] às vezes, eu penso em terminar serviço social, às vezes, eu sinto um pouco de saudade, penso que de repente eu volte e termine, não sei, quem sabe? (Luiza).

Após o redirecionamento da carreira, a entrevistada ressalta que ainda não

conseguiu se inserir no mercado, pois os contatos são fundamentais para atuar na área da decoração. Segue relato:

[...] ainda mais pelo fato de você ser de fora, de você não ser daqui, de você não conhecer muita gente, pelo menos no meu ramo isso é muito importante, você tem que conhecer e ser visto, ver e ser visto como eles falam, e como eu sou de fora e trabalhando basicamente com a Marina que também é de fora, fica difícil para nós duas, que a gente não conhece muita gente [...] quase ninguém conhece a gente, então acho que vai um tempo para você conseguir fazer o seu nome (Luiza).

Uma entrevistada estava muito bem profissionalmente quando morava em Divinópolis, atuava na área da farmácia, como sempre desejou. Depois, rompeu com sua área de atuação e, hoje, trabalha com depilação a laser e acupuntura. Esse rompimento tem sido uma das piores mudanças que ocorreram em sua vida, ela usa o termo “é muito duro”, e repete a expressão “foi uma das piores mudanças” ao referir-se à questão profissional, conforme ilustra o depoimento a seguir:

[...] isso foi para mim, uma mudança, um rompimento muito grande, porque eu estou fazendo uma coisa que não tem nada a ver com a minha área [...] tipo é nada a ver com o que eu achei que eu ia ser você entendeu? [...] foi uma das piores que eu achei que eu ia, nó achei que eu ia continuar [...] porque eu amo, eu amo balcão de farmácia, eu amo ir lá fazer remédio, eu amo isso, eu acho que essa mudança foi uma das piores (Laura).

O fato de não ter se estabilizado profissionalmente, depois de quase quatro anos, é uma situação que gera muita angústia, esse sentimento, na perspectiva de Dubar (2005) pode ser sinônimo da crise da identidade.

[...] porque hoje é o que mais me angustia é esse negócio da profissão que não arruma, sabe, que não encaixa, não resolve (Laura).

Percebe-se que a perda do emprego pode provocar muita insegurança e a sensação de estar perdida, conforme relatos a seguir:

[...] quando a Vale rescindiu o contrato com a agência, eu fiquei muito confusa, eu estava aqui há quatro meses, e aí, a minha decisão mais forte de ficar foi porque eu tinha encontrado um trabalho, então para mim, era essencial unir as duas coisas, e aí, quando isso aconteceu, eu fiquei um pouco perdida (Lavínia).

[...] então eu me sinto perdida, eu me sinto totalmente perdida, isso é tão horrível, nossa é horrível, a coisa não engrena, a coisa não pega ritmo e realmente faz parte da gente ter uma profissão que você se sente realizada, isso ajuda demais para a gente ser feliz (Laura).



A renúncia à carreira, que ocorreu em todos os casos pesquisados, foi uma das principais consequências relacionadas à mudança de cidade. Vale ressaltar que, por se tratar de uma mobilização nacional, aspectos como visto de trabalho (KETS de VRIES, 1997) e idioma (FREITAS, 2005) não representam problemas como se percebe nos processos de mobilização internacional, mas o fato de ter que recomeçar e, em alguns casos, iniciar uma nova carreira é um fator que pode gerar muita insegurança, medo, frustração e angústia. Nesse sentido, observa-se que o trabalho ainda é considerado um importante aspecto formador da identidade (ENRIQUEZ, 1999). Há autores que defendem que o trabalho vem perdendo a importância como referência social em função das transformações que vem sofrendo, entretanto, alguns estudos (CASTELLS, 1999; SENNET, 1999; ANTUNES, 2008) mostram que o trabalho continua assumindo uma posição central na vida das pessoas e se constitui uma fonte de identidade. Essa centralidade, segundo Tolfo e Piccinini (2007) refere-se ao grau de importância que o trabalho ocupa na vida de uma pessoa em diferentes momentos. Nesse sentido, fez-se necessário compreender qual é o significado do trabalho para as mulheres entrevistadas. Nos relatos, foi possível notar que o trabalho sempre esteve presente na vida das mulheres entrevistadas, algumas começaram a trabalhar muito cedo, desde os 14 anos, como é o caso da Luiza. Ela revela qual é o significado do trabalho para ela:

Trabalho é independência, infelizmente hoje eu não estou independente financeiramente (Luiza).

Lavínia também começou a trabalhar muito cedo, morou sozinha desde os 18 anos e sempre foi muito independente. Ela conta que o trabalho é e sempre foi muito importante na sua vida e que ele tem dois pontos que ela considera fundamentais; primeiro, por uma questão emocional e de valorização pessoal e segundo, por questões financeiras, ela conta:

Eu acho que por uma questão de carreira mesmo [...] emocionalmente eu gosto muito de trabalhar, isso me faz bem, eu me sinto melhor, mais valorizada trabalhando e por questões financeiras (Lavínia).

Nos relatos acima, fica evidente a importância do trabalho para as entrevistadas, elas enfocam a questão financeira como ponto fundamental e também aspectos emocionais e de valorização pessoal. Já Laura declara que o trabalho não é a coisa

mais importante da sua vida, porque a família vem sempre em primeiro lugar, mas a profissão “é um segundo plano de peso” (Laura). E revela a importância do trabalho para ela:

É importante, eu preciso estar realizada, não é só pelo dinheiro, é por realização pessoal, eu preciso me sentir útil, eu preciso sentir que eu estou inserida, que eu estou contribuindo para alguma coisa na sociedade, que eu estou fazendo uma coisa que eu gosto (Laura).

No seu depoimento, alguns trechos merecem destaque, por exemplo, “preciso me sentir útil”, “sentir que eu estou inserida”, “que eu estou contribuindo para alguma coisa na sociedade” são sinais da importância do trabalho para a entrevistada, ou seja, é necessário que ela esteja trabalhando para que ela possa se sentir parte da sociedade. Bruschini (1998) salienta a importância do trabalho remunerado como forma de emancipação da mulher das funções ligadas exclusivamente à esfera doméstica, porém estudos comprovam que, mesmo exercendo um trabalho fora de casa, elas ainda são responsáveis pelas atividades referentes ao lar (ANTUNES, 2008; ABRAMO, 2004; BRUSCHINI, 1998; BRUSCHINI; RICOLDI; MERCADO, 2008; TOLEDO, 2008). Bruschini e Lombardi (2003) apontam que as transformações culturais referentes ao papel de gênero valorizam cada vez mais a independência e a autonomia das mulheres. Na percepção da Luana, o trabalho é responsável por formar a identidade das pessoas e ela sempre o viu como uma coisa prazerosa, mas, desde que se mudou para Belo Horizonte, o trabalho é visto por ela de uma outra maneira, conforme transcrição a seguir:

Hoje em dia não sei... quando fala em trabalho eu já estou com uma outra ideia de trabalho que eu não sei se a ideia que eu estou funciona, sabe? Eu penso em ficar em casa, fazer alguma coisa em casa [...] ter alguma coisa para mim que dê para remanejar horário e tal (Luana).

No trecho acima, pode-se notar que a percepção da Luana em relação ao trabalho mudou muito. Com base no seu depoimento, pode-se inferir que o trabalho já não é representativo na sua vida, uma vez que ela manifesta o desejo de ficar em casa. Declara também que, antigamente, quando alguém perguntava – quem é você?, a primeira coisa que ela responderia seria: eu sou psicóloga. Hoje, ela não consegue responder dessa forma, na verdade, ela ainda coloca psicóloga, apesar de não exercer mais essa profissão, pois a identidade profissional ou de formação (DUBAR,

2005) ainda lhe confere uma identificação social, mesmo não sendo essa identidade que ela queira mostrar, já que ela manifesta o desejo se ser dona de casa, conforme ilustra o depoimento a seguir:

[...] quando tu pergunta quem você é? a primeira coisa que tu pensa é a psicóloga, geralmente é o que se dá de resposta. Aí, hoje em dia, é engraçado, quando perguntam o que eu sou, o que eu trabalho, eu não consigo colocar nada, eu coloco psicóloga ainda, porque eu não consigo pensar em dona de casa, acho super horrível, apesar de eu querer, mas eu acho bem estranha essa ideia (Luana).

Nesse caso, percebe-se que há indícios do surgimento de uma nova identidade, que vem de forma tímida ainda, baseada em um dos papéis que a mulher desempenha na sociedade. Revela que ainda acha essa ideia “estranha”, provavelmente, essa estranheza deve-se ao fato de o modelo de mulher que se dedica exclusivamente à família estar em declínio (MENEZES, 2002) e o retorno da mulher ao lar ainda pode carregar esse aspecto negativo.

### **5.3 “estava tudo tão lindo e foi tudo desmoronando”**

Estudos revelam que a responsabilidade de “arrumar” a casa, normalmente, é da mulher e ela começa a pensar na sua vida profissional somente depois que a família estiver estabilizada (FREITAS, 2005). Nesse contexto, faz-se necessário entender o papel da esposa no processo de adaptação da família à nova cidade bem como na reestruturação da vida cotidiana. No relato a seguir, essa questão fica bastante evidente:

[...] porque depois que as coisas estavam prontas, o que eu tinha que fazer de casa, por exemplo, arrumamos. E a vida pessoal começou a fluir e eu tinha que ter um trabalho e eu não estava conseguindo um trabalho e aí começou essa dificuldade e aí foi ficando maior [...] (Laura).

Ao receber a notícia da mudança, muitas decisões precisam ser tomadas, uma das primeiras refere-se à questão da moradia. A casa, segundo Freitas (2005), é um local de referência pessoal e representa a zona de conforto (BUENO, 2004), por isso a montagem da nova casa é fundamental para o estabelecimento de um novo

cotidiano (FREITAS, 2005, 2006a). Duas entrevistadas apontam que a moradia foi uma das grandes dificuldades enfrentadas ao chegarem em Belo Horizonte. Uma delas chegou três meses antes, ela ficava em Divinópolis e vinha a Belo Horizonte para procurar um apartamento, ela conta:

[...] foi uma dificuldade grande demais, mas foi absurdamente grande que eu achei que não ia ter, uma coisa que eu não esperava de acontecer foi achar um lugar para morar num preço que a gente conseguiria pagar, porque tinha, tem mesmo, mas com um preço louco, [...] demorou seis meses para a gente achar um lugar (Laura).

A sua intenção ao chegar três meses antes era fazer uma mudança tranquila, sem correria, mas as coisas não aconteceram dessa forma e diz:

[...] já desmoronou, que eu achei: nossa, Ricardo está trabalhando bem, a gente vai poder morar em um lugar bom [...] nada disso, o custo de vida aqui é super alto, o salário não é assim tão grandes coisas [...] então a gente não achou apartamento, foi aquele desespero, sabe coisas que a gente não esperava de acontecer, estava tudo tão lindo e foi tudo desmoronando (Laura).

Na transcrição acima, vale destacar o trecho “estava tudo tão lindo”. Pode-se inferir que havia expectativa com a mudança, apesar de envolver aspectos negativos mudar também significa renovação, ou seja, existe a possibilidade de conhecer novas pessoas, vivenciar novas experiências e, na sua percepção, “foi tudo desmoronando”, quer dizer, os planos não estavam se concretizando conforme idealizado. Para outra entrevistada, a maior dificuldade foi se adaptar a um novo estilo de vida: morar em apartamento, expresso no depoimento a seguir:

[...] primeiro foi muito difícil porque a gente morou em um apartamento que era muito pequenininho, eu era acostumada a morar numa casa, com quintal, e esse apartamento era muito pequenininho e não batia sol (Luiza).

Uma entrevistada aponta que teve que procurar apartamento quando chegou em Belo Horizonte e demorou um pouco para encontrar, principalmente em função dos critérios que eles tinham estabelecido, mas não foi tão difícil, relata:

[...] porque a gente queria morar próximo ao trabalho do Rafael, para ele poder trabalhar a pé, mas isso acho que não teve problema não (Lavínia).

Uma das mulheres revela que não teve a oportunidade de escolher o local e nem o

apartamento em que iria morar, pois a sua sogra se encarregou de tudo e, quando ela chegou, já estava tudo pronto, declara:

[...] quando eu cheguei [...] a gente não estava com o nosso apartamento pronto, então a gente teve que alugar, a minha sogra fez tudo eu não tive a oportunidade de escolher nada, nem onde eu ia morar nada, ela deixou tudo pronto, eu não sei se isso foi bom ou foi ruim assim, não sei (Luana).

No trecho acima, destacam-se as frases “não tive a oportunidade de escolher nada” e “eu não sei se isso foi bom ou foi ruim”. Conforme Freitas (2005), é necessário que haja identificação do sujeito ao novo local de moradia, por isso a escolha do bairro é tão importante quanto a da casa e, ao encontrar “tudo pronto”, nota-se que o processo de identificação com o local pode ter sido prejudicado. Além dos problemas relacionados à moradia, outras dificuldades também foram relatadas, como a questão de adaptação ao custo de vida, ao trânsito, à distância, às compras e até a indicação de médicos foi muito difícil inicialmente e também o medo da cidade grande, relatam as entrevistadas:

[...] dificuldade com a adaptação ao custo de vida, é tudo muito diferente, tudo longe, a gente morava em um lugar que era muito longe, e era 10 minutos de carro, quando tinha trânsito, aí, aqui, 10 minutos é um lugar perto [...] tudo, a cidade, a estrutura da cidade é outra (Laura).

[...] dificuldade foi que a gente mudou e eu precisei comprar as coisas todas para casa e eu não sabia onde é que vendia nada [...] eu lembro que o Renato foi a um supermercado e comprou todas as coisas de casa (Luana).

[...] depois [...] foi essa questão de trânsito, acho o trânsito aqui de BH bem complicado porque a maioria das ruas é de mão única e tu se perde e tem que fazer muito retorno [...] até médico, esses negócios até hoje ninguém consegue te indicar... é muito complicado (Luana).

[...] eu tinha medo de Belo Horizonte, eu demorei um ano para pegar o carro [...] eu dirigia em qualquer outro lugar, mas medo da cidade, que além da mudança eu tinha um preconceito de que eu não queria morar em Belo Horizonte [...] porque é muito violenta (Laura).

As viagens do marido por períodos longos, mais de um mês, foi apontada por uma entrevistada como uma das grandes dificuldades que ela enfrentou, pois, durante o tempo em que ele ficou viajando, ela voltou para sua cidade natal e isso dificultou ainda mais a sua adaptação à cidade, conforme depoimento:

[...] outra coisa também foi que logo que eu vim para cá, o Renato ficou um mês fora, daí eu voltei para Floripa, depois de ter chorado um monte [...] eu lembro que foi meio difícil, porque tinha que voltar de novo para cá (Luana).

É muito comum que, ao chegar na empresa, o profissional tenha que se envolver ao máximo com o trabalho, aprender a nova rotina e mergulhar no novo ambiente organizacional (FREITAS, 2000a; CERDIN, 2002). Nesse momento, a esposa pode ficar isolada e experimentar momentos de solidão, conforme ilustra o depoimento a seguir:

[...] o Rodrigo chegou e já começou a trabalhar muito e eu comecei a me sentir muito sozinha porque eu não consegui transferência na faculdade [...] eu fiquei seis meses parada, então isso foi muito ruim (Luiza).

Percebeu-se também a mudança no comportamento, uma das entrevistadas revela diversas alterações que ocorreram em sua vida, o que pode ser observado nos depoimentos a seguir:

[...] dificuldade minha é que eu mudei muito nesse tempo que eu estou aqui, eu era muito estressada, assim, agora eu estou muito calma (Luana).

[...] e uma coisa que eu notei é que eu estou mais medrosa para fazer as coisas também [...] eu fiquei mais medrosa e insegura para algumas coisas [...] eu fico com medo de dirigir, igual uma coisa que eu nunca tive medo também assim foi de assalto e aqui eu fiquei com um pouco de medo também, então assim quando eu vou sair na rua, às vezes, dependendo do lugar eu não saio à vontade fico meio preocupada com assalto (Luana).

[...] estou meio parada, isso foi uma uma coisa que eu notei [...] estou bem parada depois que eu vim para cá o que eu não era antes, sabe? [...] parece que eu parei no tempo, de repente eu possa fazer terapia e tudo porque eu estou com um pouco de medo, mas eu estou meio parada (Luana).

[...] pois é, não, não estou achando bom não, eu quero mudar mas eu não estou conseguindo achar o meu foco direito (Luana).

Pode-se perceber grandes mudanças no comportamento da Luana, antes, ela “era muito estressada” e, hoje, está “muito calma”. Em seguida, relata que está mais “medrosa” e “insegura”, nesse trecho, pode-se perceber alguns sinais do adoecimento, com destaque para situações como “medo de dirigir” e “medo de assalto”. Vale ressaltar que, nos seus relatos, a palavra “medo” é mencionado quatorze (14) vezes, enquanto “parada” aparece nove (9) vezes, o que demonstra um estado emocional abalado. Ainda é possível destacar a seguinte frase: “meio que parei no tempo”, ou seja, é uma pessoa que não consegue sair do lugar, pois não conseguiu “achar o seu foco”. Nesse caso, pode-se inferir que o fato de ficar parada é consequência de não saber em que direção seguir.

### 5.3.1 “se as esposas estão bem, isso influencia na produtividade dos maridos”

A globalização dos negócios tem levado as empresas a se instalarem em diversos territórios, promovendo a movimentação de profissionais ao redor do mundo. Nesse contexto, alguns estudos revelam que, nos processos de mobilidade, as empresas dispensam pouca atenção à família do funcionário (FREITAS, 2000a, 2000b, 2005), sendo que a falta de adaptação da família, principalmente da esposa, é um dos principais motivos do fracasso desse tipo de experiência, segundo dados do *Global Relocation Trends Survey Report* (2009). Nos relatos, foi possível notar que alguns maridos chegaram a pensar em desistir de ficar em Belo Horizonte em função do sofrimento da esposa, conforme depoimentos:

[...] no começo ele até falou de ir embora, que se eu realmente quisesse ir porque ele não queria me ver daquele jeito, mas aí, com o passar do tempo, foi melhorando [...] (Luiza).

[...] nos primeiros meses, eu estava demonstrando demais essa frustração minha para ele e eu estava percebendo que ele estava desanimando demais e não é bom [...] (Laura).

Estudos comprovam que o suporte às famílias por parte da empresa pode ser um elemento fundamental para o sucesso da mobilidade, seja nacional ou internacional, pois, se a família não estiver bem, a adaptação do funcionário ao novo ambiente pode ser prejudicada (FREITAS, 2000a, 2000b; 2005, CERDIN, 2002). Alguns depoimentos ilustram essa questão:

[...] eu acho que não tem como os meninos ficarem trabalhando o dia inteiro e chegar em casa a esposa mal, chorando e tudo, e conseguir trabalhar bem no outro dia, acho que eles não conseguem desligar [...] (Luana).

[...] eu acho que sai benefício para a empresa [...] o perfil do funcionário que vem, normalmente, é de pessoas de fora, que deixa família [...] deixa tudo [...] se as esposas estão bem, isso influencia na produtividade dos maridos, então se as famílias são acolhidas, estão confortáveis a empresa não perde se apoiar de alguma forma [...] (Laura).

A maioria das entrevistadas revela que não teve o apoio da empresa, algumas acreditam que o apoio veio indiretamente, pois alguns eventos que a empresa promove, tais como: festas, projetos sociais, entre outros, facilitam o contato com outras pessoas, e principalmente, pelo fato de ter sido por meio da empresa que

elas começaram a fazer novas amizades, e esse é um fator que todas apontam como positivo para a adaptação delas, relatam:

[...] acho que [...] tinha aquele grupo, e eu nem sei exatamente se foi a empresa que criou [...] acho que tem algumas festas que ela promove mas não é com o objetivo de adaptar as esposas, é porque promove para os funcionários, aí as agregadas vão, mas acho que não (Lavínia).

[...] eu achei que ia dar mais, não sei, tem esse negócio da gente poder ir na empresa, almoçar [...] não sei se ajudou muita coisa não [...] acho que meio sem querer [...] acho que todo mundo está na mesma situação e acaba se juntando um pouco, mas eu não sei se a empresa teve alguma coisa a ver com isso, não sei (Luiza).

[...] apoio para as esposas [...] a empresa não ajudou com nada assim, não tentou apoiar a gente de nenhuma forma [...] e no início eu acho que tinha uma certa disposição [...] eles não se preocuparam com essa parte (Laura).

[...] acho que a empresa contribuiu sim, porque foi por meio dela que eu fui conhecendo, fui fazendo as minhas amizades, eu acho que essas festinhas que tem de vez em quando, acho que é legal para integrar um pouco e quando eu cheguei eu não conhecia ninguém (Luana).

As entrevistadas mencionam a existência de um grupo que tinha o objetivo de apoiar as esposas recém-chegadas. A criação desse grupo partiu de algumas mulheres e elas tiveram o apoio de duas funcionárias da empresa. A ideia era promover eventos, minicursos, ou seja, atividades que pudessem facilitar o processo de socialização das mulheres, no entanto, o apoio da empresa não aconteceu e esse projeto acabou não se concretizando, conforme ilustram os depoimentos a seguir:

[...] foi naquela época que a gente começou fazer as coisas de esposas, né? que a gente tentou reunir alguns grupos, tentou fazer amizade que estava todo mundo mais ou menos de fora, sem amizade e tal [...] não sei se coincidiu também por causa da crise que daí as funcionárias da empresa achou que tinham que apoiar com recursos financeiro e aí com a crise, não sei se isso influenciou (Laura).

[...] eu até achava que poderia ter dado mais apoio, tanto é que a gente tentou fazer aquele grupo e tal, mas acho que no fundo, não sei, [...] acho que ela tentou do jeito que dava e o pessoal não quis, sabe? [...] uma funcionária da empresa mesmo já falou várias vezes em fazer um monte de coisas, mas o pessoal, não sei, não integra (Luana).

Somente uma entrevistada acredita que a empresa tentou ajudar da maneira que podia, mas não houve interesse das próprias mulheres e, de alguma forma, a empresa pode ter colaborado, pois os grupos foram se formando por afinidade e as amizades foram surgindo, conforme depoimento a seguir:

[...] eu já notei como é que funciona que integra pequenos grupos como eu



com as meninas, tem um outro grupo lá, outro aqui, outro ali, sabe? foram formando pequenos grupos que se identificaram e acabaram criando um laço de amizade (Luana).

Ela revela que esse tipo de grupo de apoio é muito comum em outros países e a experiência é bem sucedida e somente no Brasil não funcionou, conforme relato da entrevistada:

[...] como eu já viajei um pouco, é só no Brasil que não funciona, que fora tem esses grupos igual o que a gente tentou fazer aqui e funciona super bem (Luana).

Com base nos relatos, nota-se que a empresa não tem dispensado a atenção necessária à questão do suporte às famílias que são mobilizadas. Entende-se que esse apoio é importante, pois algumas dificuldades enfrentadas pelas esposas poderiam ser minimizadas.

### **5.3.2 “eu não quero ir para o exterior, não vou para o exterior, não vou.”**

Em um contexto em que o trabalho perdeu as fronteiras geográficas e a mobilidade vem se afirmando como um novo valor para as organizações (FREITAS, 2005, 2006b, 2008, 2009) observa-se que as mudanças ocorrem não apenas na vida profissional, mas também e, sobretudo, na vida pessoal tanto do profissional quanto da sua família. Dessa forma, presume-se que o desejo da mobilidade torna-se um valor não apenas no ambiente organizacional, mas também social, uma vez que o sucesso de um processo de mobilização pode ser influenciado pelo desejo da família, principalmente o da esposa. Nos relatos, foi possível identificar que duas mulheres, Lavínia e Luana, se preparam para uma nova mudança, dessa vez, de país. Pode-se evidenciar que a expectativa de mudar para outro país é um fator que pode facilitar e dificultar a adaptação das mulheres à cidade de destino. Nesse sentido, verifica-se que uma das entrevistadas se mostra muito disposta a realizar essa experiência e o fato de saber que, em breve, se mudará de Belo Horizonte facilitou a sua adaptação, pois as dificuldades enfrentadas são passageiras, conforme relato:

[...] a gente tem planos a longo prazo, para mim, tudo isso que a gente está

passando hoje é realmente passageiro e a gente tem outras perspectivas, outras expectativas [...] eu tenho muita coisa boa hoje para viver, então eu estou aproveitando esse momento hoje (Lavínia).

[...] ele tinha esse desejo, mas acho que ele tinha um certo receio, medo de me falar e aí um dia, conversando, ele me contou, aí eu falei: mas eu topo muito, né? eu não tive a oportunidade de fazer intercâmbio quando eu era mais nova, então eu tenho esse desejo reprimido e eu topei muito (Lavínia).

No caso da Luana, a possibilidade de mudar novamente é algo que dificultou muito a sua adaptação à nova cidade e, conseqüentemente, interfere na sua configuração identitária. Nota-se que o desejo de vivenciar uma experiência fora do Brasil é do marido, pois ela não se mostra muito disposta, além disso, essa possibilidade de mudar a deixou muito insegura e ela não consegue dar continuidade à vida, e revela que os seus planos estão suspensos até que a mudança seja concretizada, inclusive os planos relacionados ao trabalho. Seguem os depoimentos:

[...] ele já começou tudo de novo, vou ter que largar tudo de novo para seguir o Renato e ele está indo porque ele quer [...] ele sempre deixava isso claro então era outra coisa que até hoje eu tenho um pouco de medo de seguir e ter que largar tudo de novo por causa dele, então acho que eu acabei me acomodando um pouco com essa questão do trabalho (Luana).

[...] por exemplo esse negócio do trabalho [...] eu meio que fui olhando mas eu fui meio desanimando sabe? de procurar, começar tudo de novo e desistir e ir, sabe? (Luana).

[...] mas aí com esse negócio de ir embora e tudo, daí começar a fazer um negócio tudo de novo para parar e ir embora? daí tu acaba desanimando, sabe? (Luana).

[...] se eu quero ir, tem hora que eu quero, mas tem hora que eu não quero ir “nem a pau”, mas no fundo acho que eu não quero ir, até porque eu criei um pouco de laço aqui, tem a Luiza, tem a Lavínia, tem algumas outras pessoas, aí eu vou ter que começar tudo de novo (Luana).

No trecho acima, destaca-se “criei agora um pouco de laço aqui” e “vou ter que começar tudo de novo”. Ou seja, mais uma vez ela terá que abandonar as amizades construídas com tanta dificuldade. Além disso, menciona o fato de ter que se afastar ainda mais da família de origem. Em seu depoimento utiliza as expressões “não está tão tranquilo”, “estou com um pouco mais de medo” e “vai ser mais complicado”, e sente que precisa mudar o seu comportamento, conforme ilustram os depoimentos a seguir:

[...] eu sempre fui muito família mas parece que agora eu estou o dobro, sabe? não sei explicar. Para mim, até que foi tranquilo assim daquela vez sabe? Agora, com essa segunda chance de estar mudando já não está tão

tranquilo assim, eu estou com mais, sabe, um pouco mais de medo, assim (Luana).

[...] acho que vou ter que acabar mudando na marra, agora viajando, porque se a gente for embora mesmo [...] eu vou ter que dar um jeito de me virar sozinha mesmo, lá vai ser mais complicado, eu acho [...] acho não, eu tenho quase certeza que para mim vai ser mais complicado lá (Luana).

No que se refere à mobilidade, Luiza revela que mudaria novamente, caso fosse necessário, mas o seu desejo é voltar para a sua cidade natal ou para o Estado onde ela morava. Em relação à mobilidade internacional, definitivamente, não faz parte dos seus planos. Nesse caso, pode-se constatar que a experiência da mobilidade pode ser prejudicada pela recusa da esposa:

[...] eu não quero ir para o exterior, não vou para o exterior, não vou. Aqui eu já acho muito difícil ter contato com a família, mas de vez em quando as minhas sobrinhas vêm me visitar, minhas irmãs, meu pai e minha mãe já não dá porque são muito de idade, mas no exterior seria muito mais difícil, seria impossível praticamente, a situação financeira, eu não iria para o exterior, não sairia daqui (Luiza).

Já Laura declara que tem vontade de morar no interior, porém esse “sonho”, na sua percepção, é uma “ideologia”, uma vez que, no momento, essa possibilidade não existe, principalmente em função da carreira do marido, revela:

[...] eu queria ir para o interior, que queria morar na roça [...] é meu sonho [...] talvez quando eu aposentar, aí eu consigo, porque hoje é uma realidade [...] por causa do Ricardo, o trabalho dele é a cidade grande, ele tem mais oportunidade (Laura).

A questão da mobilidade é bastante delicada, principalmente, quando apenas um dos cônjuges deseja realizar essa experiência. Nesse sentido, as empresas devem atentar para esse tipo de situação. Cerdin (2002) aponta para a necessidade de as empresas incluírem a família nos processos de seleção de pessoas que serão mobilizadas como uma forma de reduzir a possibilidade do retorno do profissional antes do tempo determinado e até mesmo do fracasso da mobilidade.

#### 5.4 “eu sou louca, perdida [...] mas também, estou buscando me encontrar”

A identidade é um processo contínuo e ocorre por meio dos inúmeros processos de socialização que um indivíduo experimenta (BERGER; LUCKMANN, 2009) e, ao se inserir em novos grupos, ela pode ser construída e reconstruída ao longo da vida (DUBAR, 2005). A identidade é como a pessoa se apresenta ao mundo, sendo importante o papel que ela desempenha na sociedade e a forma como responde a questão: quem é você? (BAUMAN, 2005). Ao serem solicitadas a responder tal questão, pôde-se notar que a primeira reação foi o riso, depois vinha a dificuldade para falar, em alguns momentos, permeava o silêncio, ou seja, as pausas para pensar, as repetições “eu sou, eu sou” se esforçando para buscar na memória uma forma de se descrever. A seguir, expõe-se a resposta das entrevistadas a questão: quem é você?:

Eu sou Laura, eu sou mulher, eu sou esposa, sou filha, sou irmã [...] sou farmacêutica, sou acupunturista agora [...] eu sou louca, perdida [...] mas também, estou buscando me encontrar, sou amiga, sou, deixa eu ver o que mais, sou, sou sonhadora, tem muita coisa que eu não sei que eu sou, mas é mais ou menos isso (Laura).

Hum! acho que eu estou vivendo um momento da minha vida assim, diferente, né? que eu me propus agora realmente é ser mãe, então eu parei a minha vida [...] foi por opção e por enquanto eu não quero voltar a trabalhar [...] então hoje a minha vida está voltada mesmo 24 horas para o meu filho e acho que é isso, hoje eu sou mãe do bebê (Lavínia).

Meu nome é Luana [...] tenho 29 anos, vou fazer 30 agora. Sou de Florianópolis [...] eu acho que eu sou uma pessoa bem familiar, sou muito família e eu comecei a ver isso tem pouco tempo que eu tenho esse laço bem forte. Me considero uma pessoa calma, dentro do possível, ai, agora deu um apagão aqui [...] agora me deu um branco [...] (Luana).

Quem é a Luiza? Luiza, Luiza é família, é uma pessoa muito ligada à família [...] gosto muito de ficar perto da minha família, gostaria de ficar mais, de poder visitá-los mais, mas Luiza é família (Luiza).

Primeiro vem a identificação pelo nome, a idade, a cidade natal, algumas revelam o papel que desempenham atualmente “hoje eu sou mãe”. Nesse caso, a entrevistada mostra que a sua vida está “diferente” e entende a maternidade como uma interrupção “eu parei a minha vida”, e não há espaço para outra ocupação, pois a vida está voltada 24 horas para o filho. Das quatro entrevistadas, apenas uma se descreve como profissional “eu sou farmacêutica” e revela uma nova identidade “sou acupunturista agora”. Mas também é mulher, esposa, filha, se acha louca, perdida,

demonstrando que ainda não se encontrou, mas ainda está em busca, pois, apesar de tantas formas de se identificar, ela ainda não sabe tudo sobre si própria e “tem muita coisa que eu não sei que eu sou”.

Duas mulheres se descrevem como “família”, ou seja, quando não se está bem, quando não há outras fontes de referência, como o trabalho, por exemplo, a família volta para o primeiro plano, por isso ficar perto da família é tão importante e há sempre a vontade “de ficar mais”, pois, nesse momento, elas estão se redescobrimo e precisam do apoio das velhas certezas. Percebe-se também as mudanças no comportamento, como é o caso de uma delas que, somente agora, está calma, antes era muito estressada. Chega um momento em que ela não consegue mais dizer quem é “deu uma apagão”, inferindo que está tudo escuro, ou seja, não é possível ver mais nada, em seguida “deu um branco”, isto é, não se lembra mais das bases que lhe permitem dizer quem é. Nesse sentido, pode-se inferir que a entrevistada enfrenta uma crise de identidade.

A partir da pergunta, quem é você? foi possível revelar a identidade das mulheres desta pesquisa, pois se trata da imagem que elas fazem de si próprias, no entanto, a identidade revela-se também na relação com o outro, ou seja, possui um caráter social. Isso significa dizer que a realidade da vida cotidiana deve ser compartilhada com o outro, sendo que este assume uma relação de “espelho” e a compreensão da identidade somente é possível por meio de um momento de reflexão do sujeito sobre ele mesmo e pela manifestação do outro em relação ao indivíduo (BERGER; LUCKMANN, 2009), nessa perspectiva, afirma Dubar (2005, p. 135) que “eu nunca sei quem sou a não ser pelo olhar do outro”. A seguir apresenta-se a percepção das mulheres entrevistadas em relação ao “olhar do outro”:

[...] não sei... Ah, Luiza, minha irmã fala que eu sou muito forte, eu digo para ela que é mentira, mas ela fala que eu sou muito forte, minha mãe, minha mãe me acha muito, muito, como é que eu vou dizer, ela me vê, [...] ela fala: você está muito magrinha [...] a minha mãe eu acho que me acha muito frágil, mas acho que no geral me veem como uma pessoa forte, eh, eu acho (Luiza).

Hum, ai, e agora? eu acho que elas me veem com esse negócio de ser bem família, bem dona de casa que eu gosto, elas que elas sabem também que o que precisam podem contar comigo [...] que eu sou uma pessoa bem calma, tranquila que gosta de conversar... é difícil falar o que as pessoas acham da gente, né? (Luana)

Eh, a minha família brinca que quando eu vim para cá eu mudei muito, porque lá em Florianópolis parece que as pessoas são mais estressadas com as coisas eu acho, mineiro tem fama de ser mais calmo, aí eles brincam que estão achando que eu estou calma, aí eles ficam brincando comigo falando que eu sou, eh, que eu sou, eh, aí repete [...], desculpa, eu vou falando e vou lembrando um monte de coisa [...] Ah tá, eu acho que eles me veem assim, eles falam, corajosa [...] que eu adoro fazer muita comida, reunião, ficam brincando que eu gosto muito de festa também, mas festa em família, uma coisa mais em casa, aí, tá bom (Luana).

[...] aí, eu não sei, acho que teria que perguntar para elas... ah, eu não sei, é difícil a gente falar da gente mesmo, ou falar como as pessoas veriam, acho que uma coisa muito pessoal, eu não sei te responder não (Lavínia).

[...] acho que meio doída... eu acho que eles fariam assim que, eu não sei, mas eu acho, que eu sou muito dedicada, sou uma filha muito dedicada, muito dedicada ao Ricardo também, acho que eles iam usar essa palavra, ah, eles iam falar que eu sou muito determinada e esforçada, acho que eles me descreveriam assim com essas coisas das mudanças, eu acho, mas meio doída também com um parafuso a menos (Laura).

Mais difícil do que revelar “quem eu sou”, foi exprimir como as pessoas que elas consideram significativas as veem. A primeira reação foi o silêncio, o riso, as expressões “ai, e agora?”, “não sei, teria que perguntar para elas” e, foi possível perceber também, a surpresa diante da pergunta. Algumas tiveram muita dificuldade para falar, mas acabaram se soltando. Pode-se perceber que uma possui imagens que se contrastam, ou seja, ela é “forte” para uns e “frágil” para outros, ressaltando que “forte”, não é a imagem que ela faz de si própria. Outra, não soube dizer “eu não sei te responder não”, isto é, ela não sabe qual é a sua imagem perante o outro.

Uma entrevistada acredita que as suas amigas a veem como uma pessoa muito envolvida com a família e uma amiga com quem se pode contar sempre. A família percebe as mudanças no comportamento dela “eles brincam que eu mudei muito”, que “estou mais calma”. Nesse momento, cita traços da cultura mineira, que “tem fama de ser mais calmo”, possivelmente, uma maneira de justificar o porquê deixou de ser estressada como era antes e amenizar as mudanças que ocorreram na sua vida desde a vinda para Belo Horizonte. A outra entrevistada relata a imagem que os seus pais têm dela, e eles a consideram uma “filha muito dedicada” e também “muito determinada e esforçada”. Revela-se também doída, ou seja, não tem razão e com um “parafuso a menos”, infere-se nessa fala, que falta alguma coisa para que ela se complete.

#### 5.4.1 “Deixar para trás essas raízes que foi mais difícil”

A palavra mudar pode apresentar vários significados, dentre eles, destaca-se “fazer ou sofrer alterações, modificar, transformar”<sup>13</sup>. Nesse sentido, as pessoas que vivenciam essa experiência são convidadas a rever a sua forma de vida e se adaptar a uma nova realidade, sendo necessário apreender um novo conjunto de normas, valores e maneiras de representar a realidade objetiva (BERGER; LUCKMANN, 2009). Mas, esse aprendizado pode ser dificultado por uma série de situações específicas de cada indivíduo. Nos casos pesquisados, a distância da família foi apontada como um elemento que dificulta a adaptação das mulheres à nova cidade. A família é considerada uma importante fonte de referência para os indivíduos, pois é nesse ambiente carregado de emoção e afetividade que o sujeito experimenta a sua primeira socialização (BERGER; LUCKMANN, 2009) sendo difícil romper os laços existentes, conforme se observa nas transcrições a seguir:

[...] foi mais difícil, assim, as raízes, eu nunca tinha saído de lá [...] então deixar para trás pai, mãe, irmão, aquilo que você estava acostumada no seu dia a dia [...] essa questão de deixar para trás essas raízes que foi mais difícil (Luiza).

[...] nossa, deixei até agora [...] eu fico brincando que eu fui descobrir o que significa a palavra saudade aqui, que [...] até hoje, eu não consigo, eu falo com a minha mãe, agora eu parei de chorar assim todo dia mas no começo eu chorava o tempo todo, e só segurava mesmo o Renato [...] porque é muita saudade da família (Luana).

O trecho destacado ilustra o sentimento de vazio, de perda, de não pertencimento experimentado pela entrevistada. Ao utilizar a palavra raízes, cujo significado é “a parte da planta que se fixa ao solo e dele extrai água e sais minerais”<sup>14</sup>, nota-se que aquilo que a nutria e a fazia sentir parte de um determinado lugar, ficou para trás, e isso pode desestabilizar a vida de uma pessoa. Dessa forma, buscar as velhas referências é fundamental para o ser humano, pois o contato com os semelhantes permite ao indivíduo saber qual é o seu lugar no mundo, e esse reencontro faz com que as pessoas se sintam mais seguras e confortáveis, conforme relato a seguir:

---

13 FERREIRA, A. B. H. de. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

14 FERREIRA, A. B. H. de. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

[...] então no começo eu me sentia muito sozinha, muito sozinha, eu queria, sempre que podia eu queria voltar lá para casa, voltar para casa dos meus pais e ficar lá o máximo de tempo que eu pudesse (Luiza).

O passado é a história de vida de uma pessoa, ou seja, é tudo o que foi realizado por ela até o presente momento. Nesse sentido, é muito importante manter-se em contato com ele, pois uma pessoa sem passado é uma pessoa sem identidade (BRITO, 2006). No caso das mulheres, a visita ao passado é vivenciada por todas as entrevistadas, algumas visitam com maior frequência, “toda semana”, ou “dia sim, dia não”, outras não tanto. Mantêm contato por telefone, *skype*, *internet*, e claro, as viagens para visitar os familiares e amigos, conforme relatos a seguir:

[...] não dá muito por causa da correria [...] família a gente tenta visitar uma vez por mês [...] e amigos [...] eu tento manter um contato, mas é com menos frequência, as vezes e-mail, telefone, mas para encontrar é pouco (Laura).

[...] eu costumo ir duas vezes ao ano lá ver e sempre que eu vou [...] eu procuro ver todo mundo, não é sempre que dá [...] com as minhas irmãs quase que diário [...] internet é o melhor, telefone pouco (Luiza).

Ah! visito, a gente vai sempre que dá, agora com menos frequência por conta do Bebê [...] e aí sempre que dá, aniversário do meu pai ou alguma coisa a gente está lá (Lavínia).

Toda semana [...] minhas amigas mesmo lá [...] falo direto por e-mail [...] não sei o que seria da minha vida sem o *skype* [...] telefone também [...] e quando o Renato viaja e fica mais de uma semana fora eu vou para lá, não aguento ficar aqui sozinha não, fico deprimida, é horrível (Luana).

Para uma das entrevistadas, o retorno ao passado faz lembrar os bons momentos que ela vivenciou, segue a transcrição do relato da entrevistada:

[...] então sempre é bom isso, alimenta, sabe lembra uma época boa, nostálgico, é bom [...] da uma saudade... (Laura).

Diante do exposto, percebe-se que o passado tem uma expressiva finalidade na vida humana, uma vez que não existe identidade se não houver um passado. Além disso, as decisões tomadas no presente, são consequência do que se viveu, sendo tudo de concreto que se pode dizer a respeito de qualquer indivíduo, porque não tem como mudá-lo, porém é possível ressignificá-lo em função dos acontecimentos do presente (BRITO, 2006).



#### 5.4.2 “parecia que eu estava passando férias e que um dia eu ia voltar para lá ”

Outro elemento que dificulta a configuração da identidade é o fato de não se sentir parte, quer dizer, não se sentir inserida ao novo local de moradia. Nesse sentido, entende-se que há um deslocamento, ou seja, o indivíduo sente que “está fora do seu lugar”. Conforme Bauman (2005) e Hall (2006), a identidade moderna está deslocada. Laclau<sup>15</sup> (1990 citado por Hall, 2005) aponta que essa concepção de identidade não é totalmente negativa, pois permite desarticular as identidades estáveis do passado e abrir possibilidades para a criação de novas identidades. Porém, argumenta este autor que, ao deslocar as identidades, o sujeito moderno tende a buscar uma multiplicidade de centros com os quais ele poderia se identificar, tornando os processos de identificação frágeis e inconsistentes (Bauman, 2005). Aspectos relacionados ao deslocamento, foram identificados em um dos depoimentos, conforme transcrição a seguir:

[...] antes, no começo, eu não sentia essa é a minha casa, é aqui que eu vou morar nessa cidade, parecia que eu estava passando férias e que um dia eu ia voltar para lá (Luiza).

Com o tempo, a sensação de não se sentir pertencente ao lugar vai diminuindo e a cidade vai se tornando um lugar de referência para as mulheres e elas se sentem cada dia mais inseridas nesse novo ambiente, relatam:

Hoje em dia eu já não sinto mais isso, hoje eu já vejo BH como a minha cidade, eu chego aqui no meu apartamento e falo: aqui é a minha casa (Luiza).

Eu diria que eu já estou 100% é integrada aqui, quase uma mineira “UAI!” [...] agora eu sinto que aqui é a minha casa, aqui é o meu lar, aqui eu construí uma nova vida, o nosso círculo de amizades agora está aqui, aqui é a minha casa, aqui é o meu lar, é isso que eu sinto (Lavínia).

A comparação entre a vida antes e a vida depois da mudança de cidade está presente nas narrativas. Nesse sentido, observa-se que o indivíduo ainda mantém uma relação de dependência com a vida que tinha antes, demonstrando que as referências da casa, da cidade, da vida cotidiana ainda são fortes para algumas entrevistadas, o que foi expresso nos relatos a seguir:

---

15 LACLAU, E. *New Reflections on the Resolution of our Time*. Londres: Verso, 1990.

[...] antes a minha casa era cheia, meus sobrinhos sempre estavam lá, minhas irmãs. Aos domingos a gente sempre almoçava na minha mãe, aqui isso continua um pouco diferente porque aos domingos é só eu e o Rodrigo, isso não tem como mudar mesmo, final de semana é difícil (Luiza).

[...] eu lembro o tempo todo de lá, eu não consigo ainda, comparo tudo sabe, ainda não consigo (Luana).

[...] sempre andei muito bem arrumada em Floripa e aqui eu não ando mais não, ando mais de sapato baixinho, não tem como você andar com esse tanto de morro (Luana).

Com o tempo, essas referências se modificam, pois tanto quem partiu quanto quem ficou torna-se outra pessoa e, ao voltar para o seu local de origem, certamente não encontrará as coisas da mesma maneira que eram antes (FREITAS, 2005). O trecho a seguir exemplifica essa situação:

[...] mas aí também eu já me acostumei com umas coisas daqui que eu também já não acostumo mais indo lá sabe? então eu já não sei mais, eu já nem penso em voltar não, porque eu sei que não tem essa possibilidade, não sofro mais com isso (Luana).

#### **5.4.3 “ter amizade ajudou muito e foi ficando mais leve”**

Dentre os elementos que facilitam a configuração da identidade, observou-se que a presença do outro foi apontada pelas mulheres como um elemento essencial para a confirmação da realidade. Durante o processo de socialização primária que ocorre na infância, próximo à família e às pessoas que a rodeiam, nota-se que, nessa fase, os outros significativos (BERGER; LUCKMANN, 2009) têm uma ligação muito forte, sendo, portanto, pessoas muito importantes para a manutenção da realidade da vida cotidiana (BERGER; LUCKMANN, 2009). Em todos os relatos, a família e o cônjuge foram citados pelas entrevistadas, o que pode ser confirmado nos depoimentos a seguir:

[...] a minha mãe me deu muito apoio [...] minha família toda me apoiou muito. O Renato também, que me via triste e tudo [...] ele tentava dar apoio, sabe? ele via que eu estava triste e fazia alguma coisa que eu gostava, me levava para sair (Luana).

O Ricardo sem dúvida, sempre muito preocupado em tentar me ajudar do jeito que ele pode. Mas, meus pais, nossa, papai e mamãe [...] eles sempre muito presentes os dois, acho que eles (Laura).

[...] mantendo conversa sempre com a minha mãe, minha irmã [...] e o Rodrigo que é tudo para mim, foi a família veio o Rodrigo [...] se não fosse o Rodrigo eu não estaria aqui hoje (Luiza).

Acho que eu tive muito apoio do meu pai, meu tio e da minha avó [...] a Ana talvez uma das minhas melhores amigas [...] eu acho que hoje o Rafael e o meu filho são os principais sentidos da minha vida (Lavínia).

A socialização secundária acontece em todos os grupos sociais com os quais o indivíduo mantém contato, seja na escola, no trabalho ou em um grupo de amigos (BOCK, FURTADO E TEIXEIRA, 1995). Ao longo desse processo, encontram-se também os outros significativos (BOCK, FURTADO E TEIXEIRA, 1995; BERGER; LUCKMANN, 2009). Nesse sentido, a inserção em um novo grupo, sugere modificações (DUBAR, 2005) na configuração identitária dos sujeitos, uma vez que há a necessidade de aprender novas regras, novos valores e códigos culturais. No caso pesquisado, percebe-se que as amizades estabelecidas em Belo Horizonte foram muito importantes para a fase de adaptação. Nos relatos, foi possível identificar a presença dos mais significativos (BERGER; LUCKMANN, 2009), ou seja, pessoas com as quais os indivíduos estabelecem uma forte ligação e estas se tornam uma referência importante para a configuração identitária do sujeito, conforme depoimentos que se seguem:

[...] depois foram as amizades que eu fui fazendo aqui, que demorou um pouco mas [...] a Luiza e a Lavínia foram muito importantes principalmente por passar muita coisa, [...] quando a gente não está bem [...] a gente conversa, meio que resgata um pouco aquela parte de lá (Luana).

[...] eu tenho [...] um carinho muito especial pela Luiza, acho que a gente se aproximou muito [...] eu ressaltaria ela como uma pessoa mais especial nesse momento, de convivência, de cumplicidade, de amizade (Lavínia).

No começo foi a Laura e o Ricardo, com certeza, porque a gente tinha mais contato, aí veio a Beatriz e o Lucas [...] aí foi passando, e foram vindo outras pessoas (Luiza).

[...] eu tenho várias [...] tem amizade que apesar de você não encontrar muito, você sabe que a pessoa está ali, ela é sua amiga. Beatriz é uma pessoa que eu admiro muito, a Luiza [...] a Rafaela que morou comigo em Ouro Preto [...] tem o Jonas que é um outro amigo, tem uma prima do Ricardo [...] esses são os amigos muito próximos, muito especiais (Laura).

Todas as mulheres revelam que o novo círculo de amizades é composto por pessoas ligadas à empresa em que o marido trabalha, ou seja, são colegas de trabalho e esposas dos colegas de trabalho do marido delas, conforme depoimentos a seguir:

[...] as amizades mais próximas, acabam sendo as esposas do povo da empresa que estão lá, na mesma rotina (Laura).

[...] mas que eu tenho uma relação mais forte é com as esposas dos respectivos, do pessoal que trabalha na empresa e mais por conta daquilo que eu te falei porque está todo mundo vivendo a mesma coisa [...] passando pelas mesmas dificuldades [...] (Lavínia).

[.] basicamente as pessoas que a gente convive, de amizade é o pessoal da empresa [...] onde ele trabalha [...] (Luiza).

[...] então as meninas meio que viram família também [...] é complicado as vezes os maridos nem se dão muito bem [...] mas mesmo assim não interfere, as gente faz as coisas, apesar de ser lá da empresa, mas é mais a gente assim (Luana).

Luiza cita o seu cachorrinho como um “ser” muito importante para ela nessa fase de adaptação. Os animais domésticos conquistam rapidamente a confiança das pessoas, principalmente pelo fato de serem uma fonte incondicional de afeto e por não terem a capacidade de julgar. Além disso, são capazes de promover o bem-estar e a segurança (PREGER, 2001) e minimizar o sentimento de isolamento e solidão. Segue o relato da entrevistada:

[...] o Zé foi muito importante, esqueci de falar do Zé, o Zé foi muito importante para mim adaptar e para me ajudar nessa época, porque eu ficava muito sozinha, então eu ficava conversando com ele e quase não saía de casa (Luiza).

Hoje em dia? ficar em casa, adoro ficar em casa brincando com o Zé, gosto de ficar em casa (Luiza).

Os menos significativos, ou seja, são pessoas que fazem o papel de “coro” (BERGER; LUCKMANN, 2009), mas que também são responsáveis por manter a realidade da vida cotidiana, conforme ilustram os depoimentos:

[...] tem esses outros colegas de dia a dia que você não encontra muito, não conversa muito, é mais superficial, mas também é importante porque você não fica discutindo coisas profundas [...] te distrai, passa o tempo, conversa, ri e brinca (Laura).

[...] tem algumas amizades que eu tenho menos contato da época que eu trabalhei na agência [...] tem pessoas mais especiais e tem pessoas assim que é para você passar uma tarde, para você rir, para você descontrair um pouco (Lavínia).

Nota-se que, nos processos de socialização secundária, é fundamental que os indivíduos estabeleçam novas referências, além de manter-se em constante relação com o seu passado (BERGER; LUCKMANN, 2009), para que possam viver

em harmonia com o presente. Nesse sentido, entende-se que há uma série de elementos que podem dificultar e facilitar a configuração da identidade das mulheres desta pesquisa, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 – Elementos que dificultam e facilitam a configuração identitária das mulheres

ELEMENTOS DIFICULTADORES	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A distância da família, dos amigos de infância, da cidade natal;</li> <li>✓ Dificuldades de adaptação a nova cidade, por exemplo: trânsito, custo de vida, a distância, o medo da cidade grande, entre outros;</li> <li>✓ Não se sentir inserida ao novo local de moradia;</li> <li>✓ O rompimento com a área de atuação profissional;</li> <li>✓ Dificuldades de inserção no mercado de trabalho;</li> <li>✓ Mudanças no comportamento, ou seja, na maneira de ser;</li> <li>✓ A possibilidade de uma nova mudança de cidade ou país.</li> </ul>
ELEMENTOS FACILITADORES	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O contato com o passado traz conforto, segurança e possibilita ao indivíduo ter uma identidade;</li> <li>✓ Com o tempo, a nova cidade vai se tornando um lugar de referência para as mulheres;</li> <li>✓ O apoio da família, do marido e dos amigos;</li> <li>✓ As novas amizades estabelecidas em Belo Horizonte;</li> <li>✓ O cachorrinho, fonte incondicional de afeto capaz de minimizar o sentimento de isolamento e solidão.</li> </ul>

Fonte: Dados da pesquisa.

### 5.5 “eu chorava muito, chorava...”

Um dos objetivos do trabalho foi identificar quais são as estratégias utilizadas pelas mulheres para se adaptarem à nova situação. Para enfrentar o sofrimento causado pelas mudanças inerentes ao processo de adaptação, é necessário que o indivíduo desenvolva estratégias que possam amenizar o sofrimento. O choro é considerado uma eficiente forma de comunicação, a exemplo dos bebês que nos primeiros meses, se comunicam exclusivamente por meio do choro. Além disso, o ser humano é capaz de expressar vários sentimentos, sendo possível chorar tanto de alegria quanto de tristeza, mas ele também pode proporcionar aos indivíduos uma sensação de alívio, pois a tristeza é atenuada quando exposta pelo choro ou pela palavra (SILVA; CAVALCANTE, 2010). Três das quatro mulheres apontaram o choro como uma forma de exteriorizar o sofrimento:

[...] como eu estou na terapia então eu demonstro tudo para o meu psicólogo, chego lá e choro as mágoas ou então eu faço uma seção em casa e fico falando para as paredes e choro, choro, choro (Laura).

[...] hoje em dia eu já não choro tanto como antes [...] mas é difícil ainda [...] eu chorava muito, chorava... eu queria porque queria ir embora, porque muitas vezes eu pensei que a gente tinha feito uma "burrada" bem grande de ter vindo para Belo Horizonte (Luiza).

[...] agora eu parei de chorar assim todo dia, mas no começo eu chorava o tempo todo e o que me segurava era o Renato porque [...] se algum dia acontecer de eu me separar do Renato [...] eu vou embora, porque é muita saudade da família (Luana).

O fato de não ter se estabelecido no mercado de trabalho gera sofrimento e, portanto, existe a necessidade de enfrentar a situação. Podem-se destacar os trechos “eu que não dei muita sorte”, “porque tem gente que consegue”, configurando-se como uma estratégia de racionalização. Nesse caso, busca-se uma explicação lógica para as situações vivenciadas em relação à vida profissional, como demonstram os trechos a seguir:

[...] eu acho também que eu é que não dei muita sorte, acho que isso, porque tem gente que chega e consegue as coisas boas, do jeito que queria para trabalhar. Então se sentir realizada, aquilo deixa de ser um peso, eu não consegui, eu não sei porque [...] e eu já estou fazendo terapia já tem quase três anos [...] para eu tentar descobri o que há de errado comigo (Laura).

[...] eu achava que eu tinha que formar, que eu tinha que trabalhar na minha profissão e eu tinha que seguir carreira ali [...] mas também, até que ponto que a gente faz, que a gente traça a vida e tem que ser tudo certinho, né? (Laura).

A conversa, considerada um recurso fundamental para a conservação da identidade (BERGER; LUCKMANN, 2009), foi apontada pelas entrevistadas como uma forma de manter-se em contato com o passado e também como meio de estabelecer novas referências. Com base nos relatos, observou-se que a conversa acontece com a família, em primeiro lugar, depois com amigos antigos e novos e até com o psicólogo, conforme ilustram os depoimentos a seguir:

[...] eu ligo para a minha irmã ainda [...] mas eu ando conversando muito com a Luana [...] e com o pessoal da faculdade, uma vez por semana, são três amigos em especial, Tiago, a Mariana e a Viviane, então a gente costuma conversar sobre tudo quando a gente se encontra (Luiza).

[...] a maioria das vezes eu choro muito sozinha, eu desabafo muito sozinha [...] e com o meu psicólogo. Acho que a gente sempre desabafa um pouco quando se encontra com os amigos mais próximos [...] de certa forma desabafa [...] sempre troca experiência (Laura).

[...] acho que tem a família [...] de São José e mesmo com a distância a gente tem meios de comunicação de fácil acesso [...] mas acho que o meu

melhor amigo mesmo é o meu marido, então ele em primeiro lugar (Lavínia). [...] geralmente eu converso muito com a Luiza e com a Lavínia [...] e normalmente eu corro para a minha mãe [...] mas isso foi a vida inteira sempre fui muito de conversar com ela (Luana).

Pode-se perceber que a maioria das mulheres ainda busca as antigas referências como a irmã, a mãe, a família, porém nota-se também que os amigos que fizeram na cidade de destino estão se tornando pessoas significativas (BERGER; LUCKMANN, 2009) para elas. Uma apontou o marido e somente uma não citou pessoas ligadas à primeira socialização (BERGER; LUCKMANN, 2009) e revelou que as suas conversas acontecem com o psicólogo ou consigo mesma. Além desse contato, estratégias como passear e fazer cursos também foram utilizadas:

[...] eu tentava sair bastante de casa para eu não me sentir muito sozinha, daí em inventava cursos, fiz curso para concurso, um monte de coisa, mas chegou um momento que eu tive que dar uma mudada boa em mim porque eu vi que eu estava ficando depressiva (Luana).

Conforme relatos, observou-se que a comida apareceu como uma estratégia de adaptação, ou seja, a comida é considerada uma espécie de fuga, relata a entrevistada:

[...] eu gosto muito de sair para comer fora, tudo comida, né? comida vira fuga, já era fuga antes, virou mais agora, eu engordei um monte depois que eu vim para cá (Luana).

Uma das entrevistadas revela-se muito dependente do marido depois que veio para Belo Horizonte. A dependência emocional exige cuidado, pois há casos em que a pessoa abre mão da sua própria vida e passa a viver em função do outro e, apesar de não haver dúvidas sobre a importância do convívio com as pessoas, é preciso buscar um equilíbrio entre a autonomia e a dependência, como forma de estabelecer uma convivência sadia para ambos (NOGUEIRA; HENNING-GERONASSO), observe o relato da entrevistada:

[...] outra coisa também é que eu sempre fui muito independente e agora que eu vim para cá eu noto que eu estou mais dependente do Renato [...] dependendo de onde eu vou é o Renato me leva depois eu dou um jeito de voltar, mas eu fico mais dependente dele assim (Luana).

A terapia também pode ser considerada uma importante estratégia para enfrentar o sofrimento, conforme relata a entrevistada:

[...] e como eu estou na terapia então eu demonstro tudo para o meu psicólogo [...] chego lá e choro as mágoas (Laura).

Não se envolver muito com as pessoas é uma estratégia encontrada por uma entrevistada para não sofrer muito. Ao estabelecer laços mais frágeis, o rompimento não será motivo de muito sofrimento, relata:

[...] porque normalmente eu me envolvo muito [...] eu percebi que eu não estou mais dedicada assim, eu não estou tão dedicada como eu costumava ser, não que eu não goste das pessoas, sabe? mas assim eu estou esquentando menos a cabeça (Laura).

Percebe-se que a maioria das mulheres revela algum tipo de estratégia que possa aliviar o sofrimento, dentre elas, destaca-se o choro, a conversa com os familiares e amigos, a comida, a terapia, ao fazer isso, é possível diminuir a chance de apresentar doenças psíquicas (BARROS; MENDES, 2003).

Em síntese, os resultados da pesquisa mostram que as configurações das identidades são fruto da interrelação de três sistemas: Eu; Outros; e, Trabalho/carreira, conforme ilustra a Figura 1.

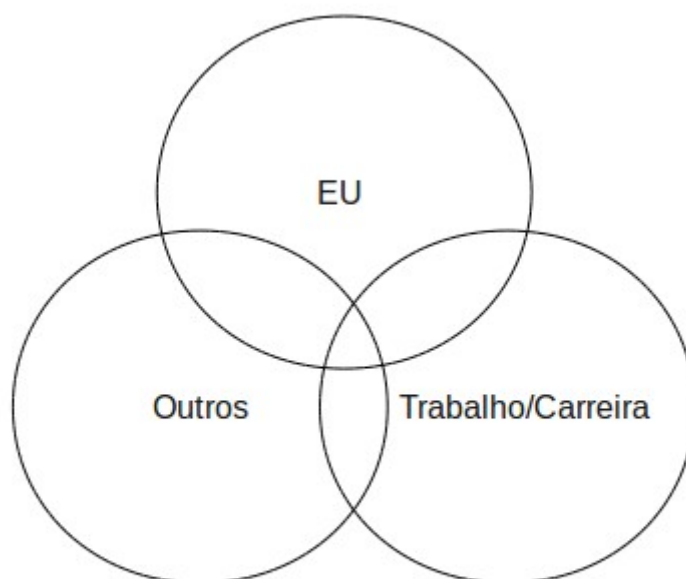


Figura 1: A configuração da identidade.  
Fonte: Dados da pesquisa.

O sistema Eu (auto e heteropercepção), refere-se a maneira como as mulheres se percebem e como são percebidas pelos outros, nesse sistema destaca-se: os



sentimentos em relação à carreira, a realização no casamento, os substitutos, as mudanças no comportamento; as dificuldades de configuração da nova identidade e a abdicação. Já o sistema Outros (família, amigos, esposo) pode-se ressaltar a dificuldade de fazer novas amizades, a falta de apoio da empresa e a constituição de um novo círculo de amizades. O sistema Trabalho/carreira abrange os aspectos relacionados aos motivos da renúncia à carreira, o significado do trabalho para as mulheres pesquisadas e o trabalho/carreira depois da mudança de cidade, os quais são apresentados a seguir:

### **1. EU – auto e heteropercepção**

- a) sentimentos em relação à carreira: fracasso, aceitação da situação, desânimo, desespero, sofrimento, angústia, insegurança, renúncia, retorno ao lar, perda da identidade profissional, dificuldade de definição;
- b) realização no casamento;
- c) substitutos: maternidade, animal de estimação;
- d) mudanças de comportamento: mais calma, mas parada, medo de dirigir, insegura;
- e) dificuldades de configuração da nova identidade: abandono das raízes: sentimento de vazio, de perda, de não pertencimento, visitas ao passado (contato por telefone, *skype*, *internet*, viagens para visitar os familiares e amigos), deslocamento (sente que “está fora do seu lugar”);
- f) abdicação: convívio com a família e amigos, perda das referências, do sotaque, da cultura, dos hábitos.

### **2. Outros - família, amigos, esposo**

- a) dificuldade de fazer novas amizades, adaptação ao custo de vida, ao trânsito, à distância, às compras e indicação de médicos, viagens do marido por períodos longos, maridos dedicados ao trabalho e as esposas isoladas;
- b) empresa não tem dispensado a atenção necessária à questão do suporte às famílias que são mobilizadas;
- c) novo círculo de amizades ligados ao ambiente de trabalho do marido facilitam a adaptação.

### **3. Trabalho/carreira - antes e depois da mudança**

#### **Motivos da renúncia:**

- a) status, dinheiro;
- b) conceito da empresa;
- c) características da cidade;
- d) amor, “era o sonho dele”.

**Significado do trabalho:**

- a) independência;
- b) autonomia;
- c) valorização;
- d) realização.

**Trabalho/carreira depois da mudança:**

- a) dificuldade de reinserção e renúncia;
- b) sofrimento, angústia, insegurança.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar como se configura a identidade de mulheres que migraram de cidade em função do cônjuge, que trabalhava em uma empresa multinacional. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso e a coleta de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas com quatro mulheres. As histórias apresentadas neste trabalho revelam as especificidades vivenciadas por cada uma das entrevistadas abordando os aspectos relacionados às transformações que ocorreram em suas vidas em função da mobilização regional e as consequências dessas alterações em sua configuração identitária.

No que diz respeito aos motivos da renúncia, foi possível perceber que a principal motivação das esposas renunciarem às suas carreiras foi a oportunidade para a carreira dos cônjuges, ressaltando o fato de ser uma empresa conceituada no mercado, e portanto, uma experiência profissional ímpar na vida deles. Além disso, ressalta-se o ganho que esse trabalho poderia proporcionar a toda a família e, em alguns casos, percebeu-se a melhoria na qualidade de vida, não apenas do ponto de vista material e financeiro, mas, sobretudo, de crescimento profissional e pessoal, oportunidade de conhecer novas pessoas e novos lugares, entre outros. A questão salarial também foi apontada.

Com base nos relatos, constatou-se que as quatro mulheres entrevistadas tinham uma vida profissional ativa, seja em empresas privadas, próprias ou iniciando a carreira por meio de um estágio. Foi possível observar que a renúncia à carreira, ocorreu em todos os casos e ao renunciarem às suas carreiras, essas mulheres tiveram as suas identidades afetadas. Nesse sentido, observa-se que, se antes, as mulheres tinham um trabalho e uma profissão que lhes garantiam uma identidade social, hoje, isso não é mais possível, uma vez que nenhuma delas ainda retomou a carreira de maneira estável. O único caso em que a renúncia ao trabalho não se configura como um motivo de sofrimento é o da mulher que se tornou mãe há cinco meses, e o filho passou a ser o principal sentido da sua vida, o que pode ser caracterizado como uma estratégia de sublimação (DEJOURS, 1996).

Após a chegada das mulheres à nova cidade, todas tentaram dar continuidade à carreira. Mas, os planos não aconteceram da maneira desejada e foi possível notar que a esperança de um futuro profissional melhor e os sonhos que elas trouxeram em suas bagagens não se concretizaram. Algumas trabalharam por um tempo nas suas respectivas áreas, outras não conseguiram e, na impossibilidade de seguir carreira, mudaram de área de atuação e, atualmente, estão em busca do seu espaço no mercado de trabalho. Verificou-se que o rompimento com a área de atuação profissional tem sido uma situação extremamente difícil de enfrentar. Porém constata-se também a vontade e o esforço empregado por elas em retomarem a vida profissional, mesmo que seja em uma outra área.

Apenas uma mulher demonstrou pouco interesse em retomar a sua carreira e manifestou o desejo de ser dona de casa. A escolha do lar pode ser vista como uma estratégia de defesa (BARROS; MENDES, 2003). utilizada por esta mulher, uma vez que, para ela, a possibilidade de realizar uma nova mobilização, desta vez, internacional é iminente, levando-a a não se envolver muito no contexto atual no qual está inserida, pois investir em algo que pode trazer estabilidade, como é o caso do trabalho, e em pouco tempo ter que renunciar novamente é para ela uma situação que gera desânimo, medo e insegurança. Mas todas revelaram que a vida conjugal é o mais importante e que, se suportaram todas as mudanças, as decepções, as frustrações até hoje, é porque são felizes no casamento.

A literatura sobre mobilização, interna e externa, mostra a importância da esposa para a adaptação do cônjuge ao novo ambiente, e que a mulher é quem mais sofre os impactos da mudança, pois ela é a principal responsável pela reorganização da casa e a reestruturação da família. Nesta pesquisa, constatou-se que, nos primeiros meses, as mulheres se dedicam às questões do lar e da família e, só depois, a vida profissional passa a ser cogitada. Ao chegarem em Belo Horizonte, as mulheres passaram por grandes dificuldades, entre elas, a questão da moradia, considerada uma situação delicada, uma vez que a casa é um lugar em que as pessoas se sentem seguras e, o quanto antes estabelecer uma nova moradia, mais rápida será a adaptação da família. O fato de a maioria das mulheres morarem em cidade pequena antes revelou-se um grande desafio, pois houve a necessidade de se adaptarem ao estilo de vida de uma cidade grande, incluindo questões relacionadas

ao trânsito, à distância, à violência e ao custo de vida, citadas pelas entrevistadas.

O apoio da empresa às famílias que são mobilizadas também vem despertando o interesse da academia. Trabalhos realizados apontam que boa parte das empresas negligenciam esse fato e não oferecem suporte à família recém-chegada. Nesta pesquisa, constatou-se que as mulheres não receberam nenhum tipo de apoio formal da empresa em que os cônjuges trabalham. Algumas apontam que o suporte veio de uma forma indireta, ou seja, algumas festas e eventos que a empresa promove foram importantes para que elas conhecessem novas pessoas e, dessa forma, o processo de adaptação ao novo ambiente foi facilitado. No que se refere a questão da mobilidade, foi possível identificar que, algumas mulheres, aceitariam o desafio de mudar novamente, outras não, demonstrando que a mobilidade, seja nacional ou internacional, pode ser influenciada pela esposa, tanto de forma positiva quanto negativa.

Observou-se que o fato de não exercer uma profissão é uma situação que incomoda algumas mulheres, em função da cobrança social e, principalmente da cobrança pessoal. Não contribuir financeiramente com as despesas da casa é uma situação frustrante. Esse pensamento é reflexo de uma sociedade em que é quase inaceitável que a mulher não exerça uma profissão e essa cobrança gera desconforto nos âmbitos social e familiar, gera também sentimento de culpa e de inutilidade por não estar contribuindo em casa e outros aspectos que podem desencadear sentimentos negativos nas pessoas que estão nessa situação.

Dentre os elementos que dificultam a configuração da identidade das mulheres desta pesquisa, destaca-se o distanciamento da família de origem. Constatou-se que algumas mulheres ainda não conseguiram se “desenraizar”, e existe uma tentativa por parte delas de recriarem uma família, tentando estabelecer laços afetivos fortes no local de destino visando criar um ambiente semelhante ao que tinham em suas cidades natais. Nesse sentido, pode-se afirmar que as amizades que construíram em Belo Horizonte são vistas como uma nova família, demonstrando a importância de compartilhar a vida cotidiana.

Ressalta-se que todas as entrevistadas apontaram que o novo círculo de amizades

está ligado ao ambiente profissional do marido. As mulheres consideram isso normal, principalmente pelo fato de a maioria das pessoas que trabalham na empresa virem de outras cidades, regiões e países. Dessa forma, as experiências, os medos, as angústias são muito parecidas e isso facilita a aproximação e a interação entre elas. O cônjuge, os pais, os irmãos, os amigos antigos e os novos foram apontados como pessoas muito significativas, não esquecendo do cachorrinho, considerado uma importante fonte de afeto na sociedade atual (PREGER, 2001).

Percebeu-se também a presença dos menos significativos, colegas de empresa, da academia e os amigos com os quais se mantém pouco contato. O contato com os familiares e os amigos é mantido por telefone e principalmente pela *internet* (*e-mail*, *skype*), além das viagens à cidade natal que funcionam como uma forma de “recarregar as energias”. A volta ao passado revela-se um momento nostálgico, mas também traz boas lembranças. Inevitavelmente, surgem comparações entre o antes e o depois, demonstrando que as referências anteriores ainda estão fortemente presentes.

Verificou-se uma espécie de deslocamento, ou seja, a sensação de que a cidade e o apartamento onde moram não é a sua casa, “parecia que eu estava de férias”. Pode-se inferir que há um sentimento de não pertencimento, que demonstra que as entrevistadas ainda não estão totalmente inseridas no novo ambiente, porém a cidade em que moravam também já não é como era antes. Nesse sentido, nota-se que o centro foi deslocado e não existe apenas um ponto, mas dois ou mais pontos com os quais é possível se identificar. Essa situação é muito comum, pois quem partiu se modifica e quem fica também, e o reencontro com o passado nunca mais será da mesma maneira.

Dentre as estratégias de enfrentamento utilizadas pelas mulheres destaca-se o choro mencionada por três das quatro entrevistadas. Nesse sentido, observa-se, inclusive, a racionalização ao tratar das questões relacionadas à profissão. A conversa, considerada essencial para se conservar a realidade da vida cotidiana é mantida tanto com as antigas quanto com as novas referências. Ressalta-se, nesse ponto, a terapia, uma forma encontrada por uma das mulheres para aliviar as suas

angústias. Além disso, atividades, como: sair de casa, fazer cursos e comer foram apontadas como uma maneira de “fugir” dos problemas. Se envolver menos com as pessoas também é uma estratégia, pois, se houver necessidade de mudar novamente, será bem mais fácil desatar os laços existentes.

Uma entrevistada se mostra muito dependente do marido. Ao longo da narrativa, menciona diversas vezes as mudanças que ocorreram no seu comportamento desde a mudança. Percebe que “parou no tempo”, revela-se medrosa e insegura. Tem medo de dirigir e medo de assalto. Por ser psicóloga, detectou os sintomas da depressão, procurou um médico, foi medicada, mas não iniciou o tratamento e mostra-se bastante resistente a fazer terapia. Como se percebe, a entrevistada manifesta alguns sinais de adoecimento.

Os resultados desta pesquisa apontam para uma nova configuração identitária em que é preciso construir e reconstruir a identidade e se adaptar à nova realidade, considerando o tempo e a convivência com as referências que possam dar sustentação a essas mulheres, pois é na interação entre o indivíduo e o outro que é possível compreender a si mesmo, ou seja, é possível ter uma identidade. Nesse sentido, pode-se inferir que as mulheres encontram-se em processo de reconfiguração da identidade e que, algumas, enfrentam uma crise de identidade.

Espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam para as empresas que realizam processos de mobilização de funcionários, seja em âmbito nacional ou internacional. Como se percebe, as dificuldades enfrentadas pelas famílias em ambas as situações são similares, salvo diferenças em relação ao idioma e ao clima de alguns países. Vale lembrar que o Brasil é um país em que a diversidade cultural é grande, portanto, as diferenças regionais podem influenciar no processo de adaptação e ocasionar problemas identitários.

Em relação às limitações desta pesquisa destaca-se que é um estudo baseado nas lembranças e nas interpretações que os sujeitos fazem da sua vida, podendo estar sujeitas a ruídos. Uma outra limitação é que alguns aspectos do processo de mobilização regional também dizem respeito à empresa e algumas questões poderiam ser esclarecidas do ponto de vista da organização. Nesse sentido,

pesquisas podem ser realizadas considerando a visão da empresa, do funcionário e das famílias. Pesquisas desse tipo já vêm sendo realizadas no Brasil, porém, voltadas para os processos de mobilização internacional. Há também que se conhecer a experiência dos homens que acompanham o seu cônjuge que vai morar em outras cidades em função do trabalho, fenômeno incomum, mas algumas pesquisas revelam essa mudança de paradigma, já que as mulheres têm ocupado cargos cada vez mais elevados.



## REFERÊNCIAS

ABRAMO, L.. *¿Inserción laboral de las mujeres en América Latina: una fuerza de trabajo secundaria?*. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12. n. 2. p. 224-234, maio/ago. 2004.

ALVES-MAZZOTTI, A.; J.; GEWANDSNADJER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Thomson, 2001. 203 p.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 13. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2008. 155 p.

ARAÚJO, C. SCALON, C. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: ARAÚJO, C. SCALON, C. **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ARRIAGADA, I. *Realidades y mitos del trabajo femenino urbano en América Latina*. **Serie Mujer y Desarrollo**. Santiago de Chile: CEPAL, n. 21. 1998.

AZEVEDO, M. C. de. A mulher no mercado de trabalho brasileiro. In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO, I., 2007, Natal. **Anais...** Natal: EnGPR, 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 255 p.

BARROS, P. C. R. da; MENDES, A. M. B. Sofrimento psíquico no trabalho e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil. **Psico-USF**, v. 8, n. 1, p. 63-70, Jan./Jun. 2003.

BAUMAN. Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 145 p.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 110 p.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 31. ed: tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 2009. 239 p.

BIASOLI-ALVES, Z.M.M. Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 3, p. 233-239, set./dez. 2000.

BOCK, A.M.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da Psicologia. São Paulo: Saraiva, 1995. 284 p.

BORBA, D. **Individação e expatriação**: resiliência da esposa acompanhante. 2008. 187 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2008.

BUENO, J. M. **O Processo de expatriação como instrumento de integração de culturas em uma organização no Brasil**: o caso Renault. 2004. 131p. Dissertação (Mestrado em Administração), Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba. 2004.

BUENO, J.M; DOMINGUES, C. R. O contexto intercultural em subsidiárias na região metropolitana de Curitiba e a gestão de recursos humanos. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 32., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2008. CD-ROM.

BUENO, J. M. **Brasileiros e estrangeiros na construção de um cotidiano organizacional intercultural**. 2010. 300 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas), Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo. 2010.

BRITO, R. S. Passado é presença: a importância do passado na construção do ser presente. **Revista Filosofia Capital**. Brasília, v. 1, ed. 1. p. 64-71, 2006.

BRUSCHINI, C. Fazendo as perguntas certas: como tornar visível a contribuição econômica das mulheres para a sociedade?. In: ABRAMO, L.; ABREU, A. (Org.) **Gênero e trabalho na sociologia latino-americana**. São Paulo, Rio de Janeiro: Alast, 1998. Cap. 15, p. 277-294.

BRUSCHINI, C., LOMBARDI, M. R. Trabalhadoras brasileiras dos anos 90: mais numerosas, mais velhas e mais instruídas. **Mulher e Trabalho**, Porto Alegre: FEE, v. 2, p. 95-106, 2002.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. Mulheres e homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato dos anos 1990. In: MARUANI, M.; HIRATA, H. **As Novas fronteiras da desigualdade**: homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: Senac-SP, 2003. p. 323-361.

BRUSCHINI, C.; RICOLDI, A. M.; MERCADO, C. M. Trabalho e gênero no Brasil até 2005: uma comparação regional. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C.; HIRATA, H. (Org.). **Mercado de trabalho e Gênero: comparações internacionais**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. Cap. 1, p. 5-34.

CALÁS, M. B.; SMIRCICH, L. DO PONTO DE VISTA DA MULHER: abordagens feministas em estudos organizacionais. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (org.). CALDAS, M.; FACHIN, R.; FISCHER, T. (org. ed. brasileira). **Handbook de estudos organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1999. v. 1.

CALDAS, M. P.; WOOD JR., T. Identidade organizacional. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 6-17, 1997.

CAPPELLE, M. C. A.; MELO, M. C. O. L.; BRITO, M. J.. Relações de gênero e de poder: repensando o masculino e feminino nas organizações. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 26., 2002, Salvador. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2002. CD-ROM.

CAPELLE, M. C. A.; MELO, M. C. O. L. O Cotidiano de trabalho de policiais femininas: relações de poder e de gênero no policiamento operacional da polícia militar de Minas Gerais. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 31., 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007. CD-ROM.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação: Economia, sociedade e cultura**. v. 1 ed. 2. São Paulo, SP: Paz e Terra . 1999.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerdhardt. 3. ed. v. II. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 530 p.

CERDIN, J-L. **L'expatriation**. Paris: *Éditions d'Organisations*, 2<sup>a</sup>. éd. 2002. 320 p.

DI MASI, D. **O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001. p. 186-194.

DEJOURS, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, J.F. (coord.). **O indivíduo nas organizações: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 1996. v. 1. p.149-173.

DOMINGUES, C. R. ; BUENO, J. M. . Um olhar feminino sobre a expatriação: a percepção de esposas e filhas. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE O PODER LOCAL, 5., 2006, Salvador. **Anais...** Salvador: CIAGS, 2006. CD-ROM.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 343 p.

ENRIQUEZ, E. Perda do trabalho, perda da identidade. In: NABUCO, M. R. & CARVALHO NETO, A. (Org.). **Relações de trabalho contemporâneas**. Belo Horizonte: IRT (Instituto de Relações do Trabalho) da PUC/MG, 1999. p. 69-83.

FERNANDES, M.E.R. **De “joia da coroa” à “coroa sem joia”**: estudo do processo identificatório em duas empresas multinacionais em reestruturação. 2008. 219 f. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2008.

FERNANDES, M. E. R. Os paradoxos do processo identificatório na trajetória de diretores, gerentes e técnicos de duas empresas multinacionais de tecnologia. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 34, 2009. São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2009. CD-ROM.

FISCHER, T. M. D. *et al.* Competências na gestão intercultural: desafios para a aprendizagem e qualificação. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 33., 2009. São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2009. CD-ROM.

FONSECA, C.; MEDEIROS, M. L.; CLETO, M. G. A estrutura de filiais de transnacionais para receber gerentes expatriados: estudo comparativo de casos. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 24., 2000. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPAD, 2000. CD-ROM.

FLEURY, A. FLEURY, M.T. L. **Aprendizagem e inovação organizacional**: as experiências de Japão, Coréia e Brasil. 2. ed., São Paulo: Atlas, 1997. 237 p.

FRANCO, M. De L. **O estudo de caso no falso conflito que se estabelece entre análise quantitativa e análise qualitativa**. São Paulo: PUC, 1986.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília, 2ª edição: Liber Livro Editora, 2007. 79 p.

FREITAS, M. E. **Como vivem os executivos expatriados e suas famílias:** franceses em São Paulo. São Paulo: EAESP, 2000a.

FREITAS, M. E. Vida de executivo expatriado: a festa vestida de riso ou de choro. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 24., 2000. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPAD, 2000b. CD-ROM.

FREITAS, M. E. de. **Executivos Brasileiros Expatriados na França:** uma contribuição aos estudos organizacionais interculturais. Relatório de Pós-Graduação (Administração de Empresas), Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2005.

FREITAS, M. E. de. Identidades e interculturalidade: o expatriado profissional é sempre um estrangeiro. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE O PODER LOCAL, 5., 2006, Salvador. **Anais...** Salvador: CIAGS, 2006a. CD-ROM.

FREITAS, M. E. de. A mobilidade como novo capital simbólico ou sejamos nômades. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE O PODER LOCAL, 5., 2006, Salvador. **Anais...** Salvador: CIAGS, 2006b. CD-ROM.

FREITAS, M. E. de. O Imperativo Intercultural na Vida e na Gestão Contemporânea. **Revista Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 15, n. 45, p. 79-89, abr./jun. 2008.

FREITAS, M. E. de. A mobilidade como novo capital simbólico ou sejamos nômades? **Revista Organizações & Sociedade**, Salvador, v.16, n.49, p. 247-264, abr./jun. 2009.

FREITAS, M. E. de. **Antártica, uma utopia organizacional intercultural:** o caso dos pesquisadores Brasileiros. São Paulo. Fundação Getúlio Vargas, EAESP/GV. 2010.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos.** Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009. 198 p.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

*Global Relocation Trends Survey Report 2009.* **Brookfiel Global Relocation Services.** 2009. Disponível em: [www.insynctraining.nl/artikelen/2009\\_grts.pdf](http://www.insynctraining.nl/artikelen/2009_grts.pdf). Acesso em: 12 abr. 2010.

HALL, S. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p.

HOMEM, I. D.; DELLAGNELO, E. H. L. Novas formas organizacionais e os desafios para os expatriados. **RAE Eletrônica**, v. 5, n. 1, jan./jun. 2006.

HOMEM, I. D; TOLFO, S. R. Práticas de gestão internacional de pessoas: compensação e seleção de expatriados em uma multinacional brasileira. **RAC Eletrônica**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 201-217, Maio/Ago. 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios** - PNAD. Rio de Janeiro: 2009.

KETS de VRIES, M. F. R. Você tem certeza de que quer trabalhar no exterior?: a experiência internacional. In: KETS de VRIES, M. F. R. **Liderança na empresa: como o comportamento dos líderes afeta a cultura interna**. São Paulo, Atlas, 1997. Cap. 7, p. 73-79.

LESSA, L. C. C. de. **Executivos expatriados brasileiros: percepções da nova função e a influência psíquica**. 2008. 122 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis de Belo Horizonte, Universidade FUMEC, Belo Horizonte. 2008.

LIMA, M. B. **Políticas e práticas de recursos humanos do processo de repatriação de executivos brasileiros**. 2009. 200 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo. 2009.

LOMBARDI, M. R. Engenheira e gerente: desafios enfrentados por mulheres em posições de comando na área tecnológica. In: COSTA et al (Org.). **Mercado de Trabalho e Gênero: comparações internacionais**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

LÜDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

MACEDO, V. **Sua carreira pode exigir mudanças**. *Catho on line*. 2007. Disponível em: [http://www.cathonoticias.com.br/leia.php?story\\_id=17264](http://www.cathonoticias.com.br/leia.php?story_id=17264). Acesso em: 25 mar. 2010.

MACHADO, D. D. P. N.; STREHLAU, S. INTERCULTURALIDADE: Expatriação como um envolvimento econômico ou social?. **Revista Eletrônica de Administração**, FACEF, v. 11, ed. 12, jan./jul. 2008.

MACHADO, H. V.; KOPITTKE, B. A identidade no contexto organizacional: perspectivas múltiplas de estudo. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 2., 2002, Recife. **Anais...** Recife: ANPAD, 2002.

MACHADO, H. V.; HERNANDES, C. A. Alteridade, expatriação e trabalho: implicações para a gestão internacional. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 8, n. 3, p. 53-73, jul./set. 2004.

MARUANI, M. Emprego, desemprego e precariedade: uma comparação europeia. In: COSTA *et al* (Org.). **Mercado de trabalho e Gênero**: comparações internacionais. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

MENEZES, M. I. C. B. B. de. Mulher, poder e subjetividade. **Revista mal-estar e subjetividade**. Fortaleza, v. II, n. 2, p. 59-85, set. 2002.

NOGUEIRA, L. M. L. O.; HENNING-GERONASSO, M. C. Casal e famílias de origem: uma possível relação na dependência emocional da mulher. Disponível em: [www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0521.pdf](http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0521.pdf). Acesso em: 14 Mar. 2011.

PEREIRA, N. A. F.; PIMENTEL, R.; KATO, H. T. Expatriação e estratégia internacional: o papel da família como fator de equilíbrio na adaptação do expatriado. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 9, n. 4, p. 53-71, out./dez. 2005.

POSTHUMA, A. C. Mercado de trabalho e exclusão social da força de trabalho feminina. In: ABRAMO, L.; ABREU, A. R. de P. (org). **Gênero e trabalho na sociologia latino-americana**. São Paulo, Rio de Janeiro: Alast, 1998. Cap. 2, p. 21-28.

PREGER, J. **Animais de estimação**: da competição à simbiose. 2001. 64f. Trabalho de conclusão de residência médica em psiquiatria do Hospital psiquiátrico São Pedro, POA, RS, BRASIL. 2001.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, P. J. C. da; CALVACANTE, M. B. R. Das lágrimas às palavras: manifestações do *pathos* segundo a medicina da alma moderna. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 13, n. 2, p. 283-295, jun. 2010 .

SILVA, A. B.; RABELO, L. M. B.; ROSSETTO, C. R. Fontes e consequências dos conflitos na relação trabalho-família de mulheres-gerentes. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 6., 2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ENEO, 2010. CD ROM.

SORJ, B. Percepções sobre esferas separadas de gênero. In: ARAÚJO, C. SCALON, C. (Org.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

SOUZA, A. A. M. de. **“Trailing Spouse”**: estudo sobre a vivência da cônjuge do executivo expatriado. 2009. 207 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2009.

STEIL, A. V. Organização, gênero e posição hierárquica: compreendendo o fenômeno do teto de vidro. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 62-69, jul./set. 1997.

TOLEDO, C. **Mulheres**: o gênero nos une, a classe nos divide. 2. ed. São Paulo: Sundermann, 2008. 148 p.

TOLEDO, S.; BULGACOV, Y. L. M. Cultura organizacional: implicações dos ritos de passagem na identidade de jovens *trainees* em uma organização multinacional. In: CAMARGO, D.; BULGACOV, Y. L. M. (Org.). **Identidade e Emoção**. 1 ed. Curitiba: Travessa dos Editores, 2006, v, 1, p. 147-170.

TOLFO, S. R. da; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, 19, Edição Especial 1: 38-46, 2007 .

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução Daniel Grassi. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.



## APÊNDICE A

### Roteiro de Entrevista

1. Quem é você? Conte-me sua história?
2. Há quanto tempo está em Belo Horizonte?
3. Como foi tomada a decisão de vocês virem para BH? Quem participou ou influenciou mais na decisão? Quais critérios levaram em consideração e lhes fizeram optar pela mudança? Estão satisfeitas?
4. Quando a gente faz uma mudança tem que botar pertences na mala outros precisam ficar. O que você teve que deixar para trás? Está te fazendo falta?
5. E o que você trouxe na bagagem?
6. Você visita esse seu passado, família, lugares, amigos com qual frequência? Mantém contato? Com qual frequência? Como se sente quando o faz? E na volta para BH, como se sente?
7. Quais são ou foram as pessoas mais importantes nessa fase de sua vida?
8. Como essas pessoas veem você? Qual imagem? Como elas a descrevem?
9. Fale sobre as dificuldades encontradas nessa mudança, pense em etapas, desde quando chegou aqui, situe no tempo. Como enfrentou essas dificuldades. Sua saúde (ou bem-estar) foi afetada de alguma maneira? Fez ou faz uso de terapia ou outros recursos para ajudar na adaptação? Alguma vez teve vontade de largar tudo e ir embora?
10. Conte como é a sua rotina hoje? O que você faz durante o dia? E no final de semana? O que você mais gosta de fazer? O que menos gosta?
11. Percebe alguma mudança no seu comportamento, sentimentos, atitudes nesse tempo e que sejam resultado dessa mudança? Como o seu comportamento afeta a vida profissional do seu marido? Ele já comentou algo? Os colegas do seu marido já comentaram algo? E os seus amigos?
12. Como era a sua vida profissional antes de mudar? Teve que abandonar, como, porque? Como foi lidar com essa situação? E como é a sua vida profissional hoje? Pretende retomar? Continua na mesma área de atuação ou mudou? Sentiu dificuldades de reinserção no mercado de trabalho? Qual é o significado do trabalho para você?
13. Você tem renda própria? Depende financeiramente do seu marido? Isso lhe satisfaz? Gostaria de mudar essa situação?
14. Fale sobre o seu marido. Como você o vê. Conte a história de vocês. Qual a importância do trabalho do seu marido para a família?
15. Fale sobre a empresa do seu marido, como você a vê. O que esta empresa representa para vocês. Falam de trabalho, quando? Qual espaço ela ocupa na vida

de vocês? Ela deu alguma contribuição para o processo de adaptação? Que tipo de apoio teria facilitado o processo?

16. Você construiu um novo círculo de amizades? Quem são? O que elas representam? Como essas pessoas lhe veem? O que elas fariam sobre você? Dessas pessoas quais são as mais importantes, significativas para você? Como você gostaria de ser vista por essas pessoas?

17. Quando você está com dificuldades, ou sente necessidade de conversar, quem você procura? Você está fazendo uso de algum medicamento?

18. Quais são seus planos de futuro?

19. Quais os planos do casal para o futuro? Pensam em ter filhos? Como é ter ou formar uma família longe da família original de vocês? Como você se vê daqui a 10 anos?

20. Você mudaria novamente de cidade? Em quais condições?

Idade:

Escolaridade:

Curso de graduação:

Pós-graduação/curso:

Trabalho/profissão/emprego:

Nº de filhos:

Tempo de duração da entrevista: